

**Università degli Studi di Firenze
Facoltà di Scienze Politiche "C. Alfieri"**

DISSERTAÇÃO FINAL

MASTER EM

COMUNICAÇÃO E MÍDIA

CoMundus

*European Master of Arts in Media Communication and Cultural
Studies*

A TRASFORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NA ERA DA INFORMAÇÃO

Uma análise através da Semiosfera de Lotman

Relator: Prof. Giovanni Bechelloni

Candidato: Enio Pinto Miranda

Ano Acadêmico 2007/2008

**Dedico este trabalho a
Enoque, Nilda, Lizeth, Denis e Brenda.**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer àqueles que me deram apoio durante a realização deste trabalho e que, de alguma forma, tornaram inesquecível a experiência que vivi neste período de dois anos de estudos:

A toda a equipe de professores e assistentes do DISPO - Universidade de Florença, em especial ao Prof. Dr. Giovanni Bechelloni, como mestre, anfitrião e incentivador de minha ida à Florença, e aos amigos Prof. Marco Bracci, pela sua permanente gentileza e disponibilidade, e Prof. Edoardo Tabasso, pela sua simpatia e compreensão. No agradecimento ao grupo de Florença expresso aqui meu reconhecimento ao sistema europeu de bolsas de pós-graduação Erasmus Mundus, gerenciado pela EACEA, que me possibilitou a realização deste estudo.

Agradeço a toda equipe do ICM – Universidade de Grenoble-3, em especial à Profa. Dra. Claudine Carluer, à Mme. Anne-Marie Barbe e ao Prof. Dr. Luis Busato, por terem me mostrado que a academia francesa é construída também com o coração. Agradeço também ao Prof. Dr. Patrick Pajon e Prof. Dr. Philippe Quinton, pois em suas aulas a comunicação tomou os caminhos que eu esperava encontrar.

Agradeço ao apoio da Profa. Dra. Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Agradeço especialmente, o grande incentivo que recebi dos amigos Prof. Dr. José Simões de Almeida Júnior e Me. Itiberê Muarrek, que através de críticas e comentários sobre este trabalho me ajudaram a demarcar os caminhos a percorrer.

Não posso deixar de dedicar um grande abraço aos meus vários colegas de curso e amigos que me acompanharam neste período, os quais me proporcionaram momentos memoráveis enquanto confirmávamos juntos o profundo valor das experiências interculturais. Em especial à querida amiga

Jelena Maksimovic, com quem as longas conversas formaram a trilha sonora de minha viagem, à Katya Peña Olivares, que como fiel amiga nunca deixou de me acompanhar onde a aventura nos chamasse, e ao camarada Geoff Fitzhugh, amigo entusiasta e bravo parceiro de aperitivos fiorentinos.

Ao casal amigo Cristine Stuermer e Mario Coli pelo carinho que tiveram em fazer a revisão do texto italiano, e também à amiga, hoje doutora, Barbara Bechelloni, que foi a primeira pessoa que me indicou a existência do CoMundus e que, pela sua notável paixão pelo conhecimento, me inspirou a candidatar-me a este Master.

Por fim, não posso deixar de manifestar a minha profunda gratidão e carinho à querida Elena Toscano, que sempre sustentou minhas idéias e me apoiou incondicionalmente em todas as minhas iniciativas, inclusive nesta, e a quem me sentirei sempre em débito.

“São nesses recônditos da sociedade,
seja em redes eletrônicas alternativas,
seja em redes populares de resistência comunitária,
que tenho notado a presença
dos embriões de uma nova sociedade,
germinados nos campos da história
pelo poder da identidade.”

Manuel Castells

(1999, p.426-427)

RESUMO

A idéia central desta dissertação é analisar qual a relação das tecnologias da comunicação com as causas das transformações das identidades na pós-modernidade, através de uma observação modelada pelo conceito de semiosfera.

Estruturando-se na obra de Yuri Lotman e nas idéias de Zygmunt Bauman e de Manuel Castells, esta dissertação parte da consideração que os processos comunicacionais na era da informação são caracterizados pela criação de uma morfologia de fluxos e de redes, pela alteração da percepção das dimensões fundamentais do espaço e do tempo, pela acessibilidade do cidadão comum aos processos de formação de opinião e pela onipresença destas mídias no cotidiano do indivíduo cosmopolitano, entre outras características relacionadas. Neste contexto, este estudo sustenta que estes processos aceleram os fluxos de informação entre as diversas camadas da semiosfera de tal forma que podem gerar a incapacidade de construção de sentido pelo indivíduo, devido à grande multiplicidade de significados simultaneamente recebidos. Desta forma, a estrutura de formação da identidade, que é naturalmente baseada em extratos solidificados da retenção de significados, acaba por solidificar-se heterogeneamente, ou por não solidificar-se. Este é o processo de fragmentação, ou deslocamento, da identidade.

Assim, o indivíduo passa naturalmente a transitar entre diversas identidades e seu comportamento normal passa a ser a projeção constante de múltiplos papéis sociais, ao invés de uma sólida identidade única como em seus antepassados. Este processo altera também a percepção coletiva da identidade territorial, pois a manifestação cultural de grupos autóctones passa a receber a influência desta nova multiplicidade identitária individual de seus membros.

Palavras-chave: identidade, semiosfera, pós-modernidade, sociedade rede, mídia eletrônica.

ABSTRACT

The main idea of this thesis is to analyze the relation between communication technologies and the causes of transformations of identity in post-modernity, using the concept of semiosphere.

Framed by Yuri Lotman's work and the ideas from Zygmunt Bauman and Manuel Castells, this thesis departs from the consideration that communication processes in the age of information are characterized by the creation of a new morphology of flows and networks, the changes in the perception of the fundamental dimensions of space and time, common citizen accessibility to the processes of opinion making and the omnipresence of electronic media in cosmopolitan citizen's daily life, among other related characteristics. In this context, it sustains that these processes speed up information flows between the different levels within semiosphere in a way that can lead to the incapacity of individuals to construct meaning, due to the big combinatory multiplicity among simultaneously received signifiers. Therefore, identity structure, naturally based on solid extracts from the retention of signifiers, ends in an heterogenic solidification or a not solidification at all. This is the process of identity fragmentation or dislocation.

In this way, individuals can naturally pass through different identities, and the normal behavior becomes the permanent projection of multiple social roles instead of a solid and unique identity, like of our ancestors. Also, this process changes the collective perception of territorial identity, as native group's cultural manifestation receives this multiple identity impact from its individuals.

Keywords: identity, semiosphere, postmodernism, network society, electronic media.

RIASSUNTO

L'idea centrale di questa tesi è analizzare quale la relazione delle tecnologie della comunicazione con le cause delle trasformazioni dell'identità nella post-modernità, attraverso una osservazione modellata per il concetto di semiosfera.

Strutturandosi nell'opera di Yuri Lotman e nelle idee di Zygmunt Bauman e di Manuel Castells, questa tesi parte dalla considerazione che i processi comunicazionali nell'era dell'informazione sono caratterizzati dalla creazione di una morfologia dei flussi e delle reti, dell'alterazione della percezione delle dimensioni fondamentali dello spazio e del tempo, dell'accessibilità del cittadino comune ai processi di formazione di opinione e dalla onnipresenza di questi media nel quotidiano dell'individuo cosmopolita, tra le altre caratteristiche relazionate. In questo contesto, la tesi sostiene che questi processi accelerano i flussi delle informazioni fra i diversi stratti della semiosfera di tale forma che possono creare l'incapacità di costruzione del senso dell'individuo, dovuto alla grande molteplicità di significati simultaneamente ricevuti. In questo modo, la struttura di formazione dell'identità, che naturalmente è basata in stratti solidificati fatti della ritenzione di significati, finisce per solidificarsi eterogeneamente, o per non solidificarsi. Questo è il processo di frammentazione, o spostamento, dell'identità.

Così, l'individuo comincia naturalmente a transitare fra le diverse identità ed il suo comportamento normale passa ad essere la proiezione costante dei multipli ruoli sociali, anziché di una solida identità unica, come nei suoi antenati. Questo processo altera inoltre la percezione collettiva dell'identità territoriale, poiché la manifestazione culturale dei gruppi autoctoni passa a ricevere l'influenza di questa nuova molteplicità identitaria dei suoi membri.

Parole-chiave: identità, semiosfera, post-modernità, società rete, media elettronico.

PREÂMBULO

Esta dissertação é o trabalho de conclusão do curso *Master Comundus – European Master of Arts in Media, Communication and Cultural Studies*, realizado de setembro de 2007 a dezembro de 2008, tendo como sede o *Dipartimento di Scienza della Politica e Sociologia dell'Università degli Studi di Firenze*, e como intercâmbio a *UFR des Sciences de la Communication* do *Institut de la Communication et des Médias de l'Université Stendhal Grenoble-3*.

Este trabalho representa minha incursão pela união entre os estudos que realizei em outros campos do conhecimento. Tendo migrado da área da arquitetura e do urbanismo, e posteriormente da filosofia estética, aqui, nas ciências da comunicação, encontro a massa que está fortemente presente nos meandros de todos os espaços, mesmo nos espaços em branco da matéria pura da construção.

Este é um texto inaugural no qual não tenho a pretensão de contornar por completo este assunto, nem de aventurar-me por águas profundas. Porém, tentarei fornecer alguns elementos que, de certa forma, compõem pontos das fronteiras que circundam o tema da identidade, com o apoio do conceito de semiosfera e do ambiente da pós-modernidade. Buscarei ainda gerar um panorama que possa me orientar em estudos posteriores e me instigar na busca por caminhos válidos, talvez mais acurados, que me levem a possíveis respostas às indagações que aqui me surgem.

Nota: Esta dissertação foi entregue na Universidade de Florença transcrita em idioma italiano, em 14 de setembro de 2009, e apresentada no dia 24 do mesmo mês.

SUMÁRIO

Agradecimentos	3
Resumo	6
Abstract	7
Riassunto	8
Preâmbulo	9
1. Introdução	11
2. Enquadramento Conceitual	17
2.1- Identidade.....	17
2.2- Semiosfera.....	19
2.3- Pós-modernidade.....	21
2.4- Era da informação.....	24
2.5- Comunicação experiencial.....	26
2.6- <i>Producers</i>	29
3. Tempo e Espaço	31
3.1- A identidade e suas transformações na história.....	32
3.2- A semiosfera e sua organicidade.....	36
3.3- A velocidade e a imediatidade.....	42
3.4- O espaço dos fluxos e a sua acessibilidade.....	53
3.5- A transnacionalização e o paradoxo entre global e regional.....	62
4. Fragmentação dialógica	71
4.1- O multimídia e a experiência da recepção total.....	72
4.2- Os quadros de interpretação e a virtualidade real.....	80
4.3- As novas tribos, as redes sociais e os <i>producers</i>	88
4.4- Contextos e ruídos na interculturalidade.....	106
5. Conclusão	114
Bibliografia	126
Webgrafia	129

1. INTRODUÇÃO

A história da humanidade sempre nos legou a condição natural de transitar permanentemente entre as qualidades de espectador, de autor e de ator da nossa presença no tempo e no espaço aos quais pertencemos. Mas este jogo de identidades que assumimos perante os fatos sempre teve certa estabilidade estrutural que de nos deu o conforto de pertencer a uma condição única enquanto nos abrigávamos em nossa posição como indivíduo pertencente a certo grupo e a certo lugar. No fundo esta estabilidade acabava por nos obrigar a ser “para sempre” aquilo que éramos ao nascer, aquilo que estávamos fadados a ser em função de nossa posição social, política e cultural, de nossa hereditariedade genética e territorial, de nossa responsabilidade produtiva, e de todos nossos padrões de vida. Assumir diferentes papéis na sociedade era algo impensável. Com raríssimas exceções, jamais mudaríamos.

Porém, a partir das evoluções ocorridas gradualmente nos séculos XIV, XV e XVI, irradiadas pela força do Renascimento surgido na Itália, e da centralização do conhecimento na base da crítica humana e na razão, que seria pouco mais tarde expressa pelo Iluminismo, o jogo das identidades do indivíduo e de seu grupo começou a não mais traduzir-se em um confortável abrigo para as inquietações e aspirações do novo homem que surgia. Porém a necessidade de se permitir novas identificações para o “eu” moderno, viria somente a consolidar-se com o legado das revoluções sociais e políticas do final do século XVIII, e econômicas e culturais do século XIX.

Ainda assim, o reflexo da transformação da identidade, e mais especificamente aquele da possibilidade da ocorrência desta transformação, é um ser de longo rastro. Surge em todo o planeta, porém se manifesta de forma distinta no tempo e no espaço, acomodando-se de maneira mais difusa onde e quando as diversas tecnologias da produção econômica e cultural encontram também seu caminho mais aberto. Daí a possibilidade da mutação da identidade do indivíduo e do grupo ter se tornado algo praticável, e seu processo evolutivo

ter-se consolidado, apenas após a Revolução Industrial e a exuberância da era Vitoriana.

Mas como traduzir este fenômeno a uma compreensão mais próxima da nossa realidade cotidiana? Os jovens e adolescentes de forma geral sempre tiveram as suas crises de identidade, algo comum à faixa etária de desenvolvimento da personalidade, mas adultos em transição sempre foram considerados uma exceção, uma anomalia ou, no máximo da aceitação, uma excentricidade ou capricho. E ainda que não nos sentimos em mutação, e passamos a maior parte das vezes entre um dilema ou outro de nossa postura em relação a determinado tema ou objeto sem perceber mudanças de identidade, muito em função deste fenômeno ter se tornado cotidiano, o fato é que a própria estrutura da vida na pós-modernidade, nas nossas sociedades interconectadas, acaba por forçar uma flexibilidade de nossa expressão afim que esta se adapte de maneira mais eficiente ao meio o qual queremos pertencer em determinado momento. Relatando aqui um caso próximo, que é muito comum, tento ilustrar de forma rápida a ocorrência destas encruzilhadas da identidade.

Meu avô paterno nasceu em 1900 em uma pobre família do nordeste brasileiro e sua sina era vir buscar a vida na cidade de São Paulo. Mudou de identidade talvez duas vezes na vida, quando deixou sua terra natal e foi trabalhar em uma fazenda no interior do estado, e quando já com toda a família resolveu deixar a fazenda e finalmente vir com seus dez filhos buscar a vida na cidade que começava a crescer em ambientes multiculturais, passando assim a encarar o mundo dos negócios. Já meu pai nasceu na fazenda e o acompanhou nas mudanças, mas depois foi soldado, foi ainda vendedor por muitos anos, e teve outra notável transformação quando passou a freqüentar as sessões de estudos da maçonaria. Teve assim que assumir quatro ou cinco diferentes condições de identidades durante a vida, alternando-se entre alguns poucos papéis, porém encarnando-os sempre com solene resignação.

Porém hoje, sem perceber, acabamos por mudar de identidade algumas vezes durante o dia, e muitas vezes somos mesmo forçados a mudar, seja no trabalho - que nunca é o mesmo e nem regular, na universidade como aluno ou na universidade como professor, nos fins de semana com amigos de grupos diferentes, nos laços fortes e laços fracos das redes sociais online, nos desencontros amorosos, no shopping fazendo compras ou exibindo nosso carro no trânsito das cidades. E assim ocorre com a grande parcela da população que está conectada aos avanços dos nossos tempos. Não há regra clara que conduza uma progressão linear dos comportamentos da identidade do indivíduo e que, ao mesmo tempo, seja capaz de preservar por um período de vida a forma como nos expressamos perante os outros, pois, incentivada principalmente pelas novas tecnologias da comunicação, nossa forma de expressão muda em permanência, como o comportamento de um gás a diferentes temperaturas de um único dia.

O exemplo citado reforça o aspecto das microidentidades do cotidiano, mas também as macroidentidades - como a identidade territorial ou de extrato social, sofrem um grande impacto por esta diversidade cotidiana. Como dito este processo tem maior penetração nas áreas mais densas e urbanas, porém já não se limita a estes espaços e também aí a identidade encontra ainda uma mutação de base estrutural: a perda dos seus limites territoriais, pois hoje a divisão do espaço cosmopolitano com aquele regionalizado já não se mede pelos limites da urbis. Estes limites se dissolveram e se remodelaram adaptando-se às formas dos fluxos de comunicação, seja esta uníssona ou dissonante. É significativo neste sentido que a partir desta primeira década do século XXI, pela primeira vez na história da humanidade, mais pessoas vivem nas cidades do que no campo¹. E também o fato que as grandes cidades não têm, nenhuma delas, limites físicos claros ou demarcáveis, apenas os limites políticos estabelecidos.

Mas o que ocorre? De onde vem esta dissociação, este deslocamento social que se instalou em nosso cotidiano? Será a interferência das novas mídias a

¹ Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat. **World Population Prospects: The 2006 Revision and World Urbanization Prospects: The 2007 Revision**. Disponível em: <<http://esa.un.org/unup>>, acessado em 29 ago. 2009

geradora destas transformações ou apenas a facilitadora do desenvolvimento deste novo jogo de papéis?

Nesta reestruturação morfológica da modernidade as sociedades vivem uma grande transformação cultural², particularmente acelerada na segunda metade do século XX com as necessidades tecnológicas geradas pelo período da Guerra Fria, e intensificada agora na primeira década do século XXI pelo já consolidado processo de globalização cultural, política e econômica, pelas novas tecnologias digitais da comunicação, pela recém adquirida aceleração e instantaneidade de processos de transação informacional, e pela estruturação da sociedade em redes³ de alta interdependência em diversos aspectos da nossa vida cotidiana.

As estruturas das redes redefiniram a expressão dos espaços, onde sua manifestação ocorre agora por fluxos de informação. Por serem estáticos os lugares deixaram de ser a regra e passaram gradualmente à condição de antítese de uma nova percepção espacial. E também o tempo deixou de ser medido pelos passos do homem ou pelo combustível de suas máquinas e passou a ser calculado por bytes e dólares. Assim, a percepção dos marcadores do espaço e do tempo foi alterada e não mais encaramos os lugares e os momentos com a mesma certeza que antes tínhamos de “aqui estar agora”. E se não estamos aqui ou agora, onde estamos e quem somos? Podemos assumir diferentes posições sem mesmo nos deslocar? E podemos assim assumir diferentes identidades sem mesmo mudar nosso comportamento habitual?

As mídias digitais e a imediatidade têm um papel definitivo nesta transformação, e estão constantemente sob mutações que redesenham a maneira como os indivíduos, as comunidades e as sociedades recebem e produzem informação, em um emaranhado de novos sistemas. O indivíduo e os

² BAUMAN, Z. **Liquid Modernity**. Cambridge : Polity Press, 2000.

³ CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I.

grupos, historicamente dirigidos pela opinião pública e até pouco tempo apartados do processo de construção de suas diretrizes, agora também possuem as chaves da esfera pública e suas manifestações horizontais compõem uma névoa que borra os limites de influência dos governos, das instituições e das organizações públicas e privadas.

Porém os impactos destas transformações não somente se restringem às novas formas de comunicação mediada e às transações de informações pelo planeta afora, mas a partir de seus usos eles penetram nas raízes das estruturas sociais e geram um novo modelo de relacionamento entre indivíduos e suas coletividades. Este modelo é propulsor de mudanças profundas em todas as formas tradicionais de manifestação da cultura e do posicionamento social do indivíduo.

Tal percepção das transformações morfológicas dos relacionamentos sociais, a organicidade dos espaços dos fluxos nas redes de informação, o redimensionamento da percepção do tempo em acelerações que tendem à imediatidade, o rompimento das barreiras nacionais e a integração das diferentes manifestações culturais em múltiplos contatos globais entre indivíduos e organizações, todos estes fenômenos guiados pela produção econômica e pelos esforços de entendimento sobre a multiculturalidade planetária, podem encontrar no desenho conceitual proposto por Yuri Lotman para a semiosfera⁴, um mapa de partida para um dos caminhos possíveis no enfrentamento da questão da transformação das identidades no momento histórico em que vivemos, também chamado de era da informação⁵.

Com isto a semiosfera, entendida como o ponto de encontro gerador de um significado comum entre duas ou mais culturas através de seus fluxos biossemióticos, ou da organicidade do *continuum* semiótico, se amplia e se

⁴ LOTMAN, Y. **La semiosfera**. Tradução de Desiderio Navarro. Madrid : Ediciones Cátedra, 1996, 1998 e 2000. vols. I, II e III.

⁵ CASTELLS, M. op.cit.

estende a limites ainda não claros no pensamento sociológico, criando agora novas formas de entendimento dos significantes e das relações multilaterais do homem. O novo possível desenho da comunicação faz parte assim de um profundo processo transformador da sociedade, um caminho sem volta onde o próximo passo ocorre a cada instante, em diversas direções.

Desta forma uma nova estrutura de manifestação das identidades está em curso. A identidade individual, de grupos e comunidades, sociais e culturais, a identidade territorial e de nações, e todas as formas de identidade, que outrora conformavam-se no simples jogo do conforto e abrigo citado anteriormente, vêem-se agora em uma contínua mutação gerada pela fragmentação das ligações entre as suas células simbólicas estruturais, causada pela explosão dos diferentes significados em oferta no planeta. E com elas transformam-se também os estereótipos, pois a alteridade agora também é nossa vizinha.

Esta ruptura nos limites das identidades, as trocas interculturais e as múltiplas possibilidades de manifestação do universo identitário do indivíduo e do grupo, sob o impacto das transformações digitais na pós-modernidade, serão aqui brevemente analisadas à luz do conceito de semiosfera, de Yuri Lotman, e terão suas bases estruturadas sobre as idéias de Manuel Castells e Zygmunt Bauman. Além destes, o percurso teórico aqui vivido encontra referências num conjunto de autores a partir do eixo proposto: Edgar Morin, Erving Goffman, Jean Baudrillard, John Tomlinson, Marc Augé, Marshall McLuhan, Mircea Eliade, Stuart Hall, e alguns dos autores com os quais tive o privilégio de conviver durante o breve período em que se realizou este estudo, os professores Giovanni Bechelloni, Isabelle Pailliant, Milly Buonanno, Patrick Pajon e Philippe Quinton.

2. ENQUADRAMENTO CONCEITUAL

Alguns conceitos são básicos para definir os caminhos adotados na evolução deste estudo. Assim, repassaremos algumas definições que adotamos, e que em alguns casos consideramos com mais de um significado, para os quatro termos fundamentais do texto: “identidade”, “semiosfera”, “pós-modernidade” e “era da informação”, e para termos atualmente usuais mas que ainda não são definidos na literatura deste campo, como “comunicação experiencial” e “*produsage*”.

2.1 Identidade

O conceito de identidade passa pelo campo da lógica e da matemática, pela filosofia e pela sociologia, onde é ancorado nas questões relativas à identidade cultural, de gênero ou de manifestações do ser.

Em Aristóteles, norteando o núcleo central de seu significado, a identidade é baseada na unidade da substância, ou seja, no seu caráter de unicidade e exclusividade. A substância só pode ser idêntica a si mesma, é aquilo que a caracteriza intrinsecamente e a qualifica, diferenciando-a, fazendo-a única. Porém dentro da noção de movimento e transformação, ou de mudança, o conceito aristotélico de identidade passa por um ponto interessante para nossa análise. Ele classifica duas possibilidades de movimento, a primeira, chamada de “*kinesis*”, é a que atinge os acidentes, ou seja, as ocorrências, os lugares e a transposição, e que não atinge a unidade da substância, portanto não atinge sua identidade. E a segunda seria o movimento proveniente da gênese, ou da transformação, da mudança substancial, recriação ou multiplicação. Esta é intrínseca à substância em si, ocorre diretamente em sua unidade e por isto pode alterar a sua identidade. Esta última forma de mudança da substância (do sujeito ou do objeto) nos interessa em particular, principalmente ao considerarmos, mais á frente, a evolução das identidades na sociedade.

Delimitado o princípio aristotélico do termo identidade, e admitindo já agora a possibilidade de transformação da sua essência, passaremos a tratar o termo em seu desenvolvimento sócio-cultural, em seu viés sociológico.

O sociólogo polones Zygmunt Bauman (1925) realiza uma observação interessante sobre a identidade quando estabelece a possibilidade de atribuição de uma identidade à determinado sujeito, ou elemento social, por outros elementos da coletividade. Entre suas diversas aproximações para a definição de identidade, de maneira quase que de passagem em um de seus textos, Bauman diz que a identidade é também “uma convenção socialmente necessária” ⁶, ou seja, é algo que deve-se adotar por convencionalismo social, e desta forma, é algo que diversos indivíduos a adotam de maneira similar. Porém, paradoxalmente, a identidade apresenta, por força de seu simbolismo “genético”, variações entre indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. A identidade é única em si mesma e ao mesmo tempo comum a todos do grupo. E esta diferenciação da identidade de indivíduo à indivíduo deve-se à talvez aquele que seja o seu principal elemento constituinte: o reconhecimento da alteridade.

Para a compreensão da identidade é fundamental, em qualquer das hipóteses – a essencialidade de sua gênese ou o convencionalismo social, a preservação de sua intrínseca relação com a alteridade, pois somente diante das diferenças é que se estabelecem as qualidades de determinada unicidade. Uma substância ou um objeto somente pode ser reconhecido ao reconhecer-se que ele não é o outro, ou seja, eu não serei eu sem a existência e a comparação com o outro. É o outro que reconhece em mim a minha identidade e é pelo outro que eu a estabeleço, por este reconhecimento. Acrescentamos aqui que preservamos também, dentro deste universo social, a condição fundamental da manifestação e da expressão da identidade, pois para que ela possa exercer de fato sua função de significante aos olhos do outro e realmente existir, ou seja, para a validação da identidade no ambiente social, é fundamental a expressão cultural de uma posição, seja esta já adquirida ou ainda desejada por determinado indivíduo ou

⁶ BAUMAN, Z. **Identidade**. São Paulo: Zahar, 2005. p.13

grupo de indivíduos⁷. Desta forma acreditamos que a expressão da identidade se faz a partir das escolhas individuais que norteiam a conduta pessoal, sejam estas balizadas pela sua própria elaboração cognitiva (lógica ou emocional) sobre base cultural adquirida, ou pelo seguimento das manifestações dos demais indivíduos que lhe são circundantes - a adesão à identidade do grupo a que se pertence ou que se pretende pertencer.

Este paradoxo da identidade, a necessidade de que ela seja comum a todos de um grupo para que seja reconhecida como pertencente a este grupo, ao mesmo tempo em que ela deve ser única para que se estabeleça como idêntica a si mesma, manifestada em uma época dominada por um bombardeio de opções de identificação e de pertencimento do sujeito, é um dos grandes desafios do posicionamento do homem na era da informação, e molda a definição de identidade que passaremos aqui a analisar mais adiante.

2.2 Semiosfera

O termo semiosfera foi pela primeira vez introduzido por Yuri Lotman (1922-1993), em 1984, para designar o *habitat* e a vida dos signos no universo cultural⁸, assim como, segundo Vladimir Vernádski (1863-1945), o termo biosfera designa a esfera da vida no planeta. No resultado publicado do I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera, organizado em São Paulo no ano de 2005 por Irene Machado, em uma das suas diversas conferências, encontramos a seguinte passagem que sintetiza em poucas linhas parte do complexo e amplo conceito de semiosfera postulado por Lotman:

⁷ Hoje em dia fala-se muito em *Branding* e *Rebranding*, termos do inglês que significa “marca” ou “estampa”, ou ainda algo que é reconhecível. Os termos do inglês são utilizados justamente para a identidade que deseja-se atribuir a determinado objeto (produto, empresa, elemento, etc), ou seja, à identidade desejada.

⁸ MACHADO, I. Por que semiosfera?. In: MACHADO, I. (Org) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. Apresentação, p.16

“Lotman entende que a dinâmica das relações em espaços configurados pelos sistemas de signos constrói esferas produtivas de linguagem, e tais esferas conjugam, por sua vez um espaço potencial, organizado em um *continuum* semiótico. Nele códigos, linguagens e textos se encontram mergulhados. Este *continuum* semiótico é o que ele denomina semiosfera”⁹.

Segundo Lotman (1996), fora deste espaço não existe a possibilidade de comunicação, não há linguagem e não é possível a semiose – o processamento dos signos e a formação de sentido. E entre o espaço externo e o espaço interno da semiosfera, a fronteira é o elemento mediador, a fina membrana que traduz em linguagem os estímulos da não linguagem. O conceito de semiosfera foi ainda elaborado como espaço de encontro dialógico entre duas ou mais culturas, onde somente nele é possível algum entendimento intercultural.

Desta forma entendemos aqui a semiosfera como o ambiente fundamental para o desenvolvimento dos processos comunicacionais multidirecionais, o espaço fluído onde é possível o surgimento do entendimento, em analogia ao espaço do planeta onde é possível o surgimento da vida (biosfera). A semiosfera envolve assim a interface entre a cultura e o ser humano, seus processos de formação da linguagem, suas expressões culturais e a formação de seu repertório de textos, tendo como base desde as estruturas do imaginário, que guiam nossa herança cultural, até as explícitas intenções comunicativas dirigidas em nosso cotidiano.

Os sistemas de fluxos de significados no espaço semiótico dentro da semiosfera obedece a regras orgânicas que muito se assemelham às das células biológicas das nossas estruturas físicas. O espaço gerado pelos signos são percebidos através de fluxos de informação que atravessam camadas internas e externas de compreensão, como veios que alimentam o sistema, e a cada nova camada penetrada nas zonas internas de percepção, mais enraizadas serão as sensações geradas pelas nossas memórias, sensações e raciocínio lógico. Cada

⁹ RAMOS, A.V. et tal. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. Ibid., p.27-44

etapa, ou camada, apresenta diferentes enquadramentos (*frames*) de situações ou comportamentos previamente estabelecidos, adquiridos ao longo de experiências da vida, que são impactados pelos fluxos de informação, transformando-se ou não. Assim este *continuum* semiótico da semiosfera constitui um espaço que se estende dentro e fora de nosso “domínio biosférico”¹⁰, pois parte dos diversos suportes externos – os meios de comunicação, para gerar os significados internos em nossa construção final do sentido.

Levaremos ainda o conceito da semiosfera à sua grande amplitude, aquela em que abrange todo o universo possível de relacionamento, portanto comunicação, entre o indivíduo e o seu mundo.

2.3 Pós-Modernidade

Segundo o filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), a pós-modernidade é marcada pela descrença à metanarrativa, sendo esta uma característica marcante da modernidade, liderada pela expansão da ciência moderna e sua imposição do triunfo do *logos* sobre o *mythos*. A meta-narrativa vista como a história contada sobre a história, a explicação sobre o conhecimento que possibilita o avanço linear da ciência, e que está por trás do entendimento, ou seja, do metadiscurso contido no conhecimento, teria permitido não somente o desenvolvimento de um período de amplo domínio da ciência mas também do idealismo de teorias como o marxismo, ou da evolução

¹⁰ Termo aqui aplicado como sendo a zona de atuação de nosso meio físico biológico. Aqui poder-se-ia questionar a questão da comunicação nos animais. Porém esta é uma área que não caberia desenvolver neste texto. A este respeito gostaríamos apenas de citar o ponto de vista de Noam Chomsky: “Quando perguntamos o que a linguagem humana é, não encontramos nenhuma semelhança notável com os sistemas de comunicação animal. Não há nada de útil para ser dito a respeito do comportamento ou do pensamento no nível de abstração em que a comunicação animal e a humana coincidem. Os exemplos de comunicação animal que até agora foram examinados participam de muitas das propriedades dos sistemas de gestos dos humanos, e seria razoável explorar a possibilidade de conexão direta neste caso. Mas a linguagem humana, parece, é baseada em princípios inteiramente diferentes.” (CHOMSKY, 1973, p.92)

de narrativas metafísicas como a supremacia da razão sobre a mitologia do iluminismo. Esta metanarrativa pouco a pouco se tornou insustentável com o impacto do intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação, que foram, paradoxalmente, obtidos pelos próprios avanços da ciência. Diz assim Lyotard:

“Simplifying to the extreme, I define postmodern as incredulity toward metanarratives. This incredulity is undoubtedly a product of progress in the sciences: but that progress in turn presupposes it. To the obsolescence of the metanarrative apparatus of legitimation corresponds, most notably, the crisis of metaphysical philosophy and of the university institution which in the past relied on it. The narrative function is losing its functors, its great hero, its great dangers, its great voyages, its great goal. It is being dispersed in clouds of narrative language elements--narrative, but also denotative, prescriptive, descriptive, and so on. Conveyed within each cloud are pragmatic valencies specific to its kind. Each of us lives at the inter section of many of these. However, we do not necessarily establish stable language combinations, and the properties of the ones we do establish are not necessarily communicable.”¹¹

Existe porém uma certa ambiguidade em relação à questão da evolução, ruptura ou alteridade da pós-modernidade em relação à modernidade. Segundo esta definição de Lyotard, a pós-modernidade seria uma evolução natural da modernidade, pois a própria evocação científica da meta-narrativa do conhecimento humano evidenciada na modernidade haveria por perder sua legitimidade com o processo de aceleração tecnológica ocorrido no século XX.

¹¹ “Simplificando ao extremo, eu defino a posmodernidade como a descrença em relação às metanarrativas. Esta descrença é sem dúvida o produto do progresso das ciências, mas este progresso, em câmbio, a pressupõe. À obsolescência do aparato de legitimação da metanarrativa corresponde, notavelmente, a crise da filosofia metafísica e da instituição universidade na qual esta se depositava no passado. A função narrativa está perdendo seus funcionantes, seus grandes heróis, seus grandes perigos, suas grandes viagens, seu grande objetivo. Está sendo dispersa em nuvens de elementos da linguagem narrativa, narrativos, mas também denotativos, prescritivos, e assim por diante. Em cada uma destas nuvens estão as equivalências pragmáticas específicas para cada [novo elemento] tipo. Cada um de nós vive na intersecção entre estes tipos. No entanto, não necessariamente estabelecemos combinações de linguagem, e as propriedades daquelas que estabelecemos não são necessariamente comunicáveis”. (tradução nossa). LYOTARD, Jean-François. *The postmodern condition – A report on knowledge*. **Marxists Internet Archives**. The Postmodern Condition. Manchester : Manchester University Press, 1984. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/lyotard.htm>>, acessado em 20 ago. 2009.

Já Zygmunt Bauman preferiu outro caminho, não afastado deste, para a obtenção de um entendimento sobre o fenômeno da pós-modernidade. Em uma rápida passagem em um trecho sobre responsabilidade moral na pós-modernidade, ele diz: *“Postmodernity, one may say, is modernity without illusions (the obverse of which is that modernity is postmodernity refusing to accept its own truth).”*¹² Ainda que esta colocação possa suscitar uma possível aderência do sociólogo à opção da pós-modernidade como sendo a evolução da modernidade, na verdade Bauman não encerra esta questão e, não alimentando a visão simplesmente evolutiva e tão pouco a ruptura para um para um momento “pós”, acaba por adotar os termos “modernidade sólida” e “modernidade líquida”, ilustrando assim esta alteração na estrutura cultural da sociedade no final do século passado. A modernidade líquida, também por ele chamada de modernidade tardia, estaria inicialmente baseada numa suplantação da prioridade da noção de segurança, que até então conduzia o comportamento do indivíduo moderno através de uma permanente tentativa de remoção de incertezas e desconhecimentos, buscava o controle da natureza e se encaixava em categorizações, e portanto permitia evoluções lineares, pela nova prioridade da noção de liberdade, ou seja, as desilusões dos destinos lineares da modernidade impulsionaram o indivíduo a uma permanente busca pela libertação das amarras destes destinos, principalmente a busca pela liberdade de consumo e de fruição da vida, fragmentando assim a certeza dos limites do caminho.

Na modernidade líquida, a organização da vida não se dá mais por estas certezas sobre as reações geradas a cada passo dado, mas torna-se incerta sobre a direção pela qual virão os próximos *inputs* da vida. Instituições e organizações sociais não mais têm tempo de solidificar-se e assim não mais poderiam ser referências para o planejamento da vida a longo prazo, de fato a noção de longo-prazo não mais seria possível pois a cada momento o risco de mudanças é mais forte do que a segurança da continuidade. Assim, elementos que compõem o enquadramento individual na sociedade, como a carreira profissional do cidadão ou o progresso de sua qualidade de vida, esvaziam-se em

¹² “Pós-modernidade, pode-se dizer, é a modernidade sem ilusões (o anverso é que a modernidade é a pós-modernidade que recusa a aceitar a sua própria verdade).” (tradução nossa) BAUMAN, Z. **Postmodern ethics**. New Jersey: John Wiley & Sons, 1993. p.32.

significado e perdem a capacidade de estruturar os longos processos de evolução individual. A modernidade líquida obriga o indivíduo a estar sempre alerta às mudanças, a ser flexível e se adaptar às condições que lhe serão impostas a cada momento, e que ele não conhece de antemão, a abandonar laços que se tornaram frágeis e compromissos que subitamente não mais têm valor e, sem culpa, a buscar as oportunidades que lhe são apresentadas pela vida a cada instante.

2.4 Era da Informação

O termo “era da informação” é usualmente empregado como o momento da história em que vivemos, aplicado no ocidente desde o final da década de 1970, e que significa um modelo de organização estrutural de todas as relações da sociedade baseado em uma prioridade da informação e de seus sistemas de distribuição planetária, em substituição ao modelo anterior baseado na produção industrial e na força resultante do binômio trabalho e capital.

No prólogo do primeiro volume de sua trilogia “The Information Age”, formada por “The Rise of Network Society” (1996), “The Power of Identity” (1997) e “End of Millennium” (1998), o sociólogo espanhol Manuel Castells (1942) ressalta que este termo foi inicialmente empregado no Japão em meados da década de 1970, país com uma dos mais avançados sistemas de redes tecnológicas de informação, e rapidamente trazido ao ocidente, sendo então amplamente adotado por grande parte dos autores contemporâneos.

Ele afirma que a informação como elemento da comunicação e da transmissão de conhecimento sempre foi um fator importante em todas as épocas da humanidade, pois o avanço de todas as sociedades sempre esteve diretamente ligado à capacidade de transmissão de seus conhecimentos, seja aos seus contemporâneos como às suas gerações vindouras. Todas as sociedades poderiam desta forma serem caracterizadas pelo termo genérico “sociedade da informação”. Porém a constatação de que a informação não

somente é importante, mas a partir do último quarto do século XX passou progressivamente a ser nada menos do que o principal parâmetro regulador das relações da sociedade, sejam de caráter econômico, cultural, político ou social, assim explicitando a sua primazia hierárquica sobre a produção industrial, necessitaria qualificar nossa sociedade não mais como “sociedade da informação”, mas como “sociedade informacional”, da mesma forma que o termo “sociedade da indústria” não representaria o alcance do termo “sociedade industrial” durante a primazia da produção industrial no momento histórico imediatamente anterior.

Assim, Castells explica que a adoção do termo “a era da informação” como título da sua mais importante obra se dá pela constatação de que a informação passou assim a ser o principal valor atribuído a uma nova

“[...] forma específica de organización social en la que la generación, el procesamiento y la transmisión de la información se convierten en las fuentes fundamentales de productividad y poder, debido a las nuevas condiciones tecnológicas que surgen en este periodo histórico.”¹³

Já nesta afirmação fica evidenciado que, para que seja predominante em suas mais diversas formas de manifestação na sociedade, esta nova primazia da informação só é possível em função dos avanços da tecnologia da comunicação, estando estas baseadas na comunicação computacional, ou como mais empregado, a comunicação digital.

Desta forma o termo “era da informação” é aqui neste estudo empregado sempre como a descrição para a época atual iniciada no último quarto do século passado, que seu processo de maturação tem se apresentado gradual e

¹³ “[...] forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão de informação se convertem nas fontes fundamentais de produtividade e poder, devido às novas condições tecnológicas que surgem neste período histórico.” (tradução nossa). CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I., Prólogo, p.51.

progressivo no decorrer destes últimos 30 anos, que se refere à primazia do valor da informação como parâmetro regulador de todas as relações da sociedade, e que somente viabilizou-se graças à uma intrínseca relação da transmissão da informação com os avanços das tecnologias da comunicação digital durante este período.

2.5 Comunicação Experiencial¹⁴

O termo “comunicação experiencial” não é encontrado na literatura acadêmica¹⁵, o que sim é muito tratado é o tema da experiência da recepção midiática. Já em uma rápida busca pelas fontes da internet (e em algumas prateleiras de supermercado) encontram-se diversas referências ao termo “marketing experiencial”, em diversos idiomas. O termo marketing experiencial é, em geral, usado por profissionais e empresas privadas para definir uma certa ação de convencimento do consumidor sobre determinado produto, serviço ou marca, através da geração de “sensações marcantes” no público alvo e que, para isto, utilizam-se de artifícios que tentam de alguma forma ativar alguns ou todos os cinco sentidos humanos: audição, tato, olfato, paladar e visão. Estes artifícios, na grande maioria das vezes, são vazios, superficiais e acabam por gerar um simulacro de baixa qualidade do que poderia ser realmente uma experiência ou sensação marcante para o indivíduo. Na prática utilizam-se, por exemplo, da emissão de aromas artificiais ou da realização de ações táteis programadas no intuito de comunicar algo. No caso, o que se pratica hoje nos mercados de

¹⁴ A aplicação deste termo não tem aqui a intenção de conceituá-lo, apenas entendemos que, atualmente, a aplicação usual deste termo desvia-se sutilmente da realização de seu verdadeiro potencial, o qual acreditamos ser mais amplo do que o que lhe é imputado, e com maior possibilidade de ancoragem em outros conceitos mais acreditados.

¹⁵ O termo não foi por mim encontrado em ambiente acadêmico em dois anos de pesquisa, sendo grande parte desta busca comunicada também aos professores que me acompanharam no ICM-Univ. Stendhal Grenoble-3 e no DISPO-Univ. degli Studi di Firenze. Porém admito não poder ainda, sob nenhuma hipótese, descartar por completo o emprego deste termo em pesquisas que eventualmente tenham sido realizadas em universidades e instituições ao redor do planeta. Em um seguimento deste estudo pretendo averiguar mais profundamente esta possibilidade e investigar a aplicabilidade deste termo. Recentemente, apenas após o final de 2008, o termo passou a ser encontrado em algumas poucas fontes através de ferramentas de busca na internet, em língua inglesa, porém, até o presente momento, estão relacionados exclusivamente ao ambiente extra-acadêmico, como promoção mercadológica de empresas privadas e profissionais consultores.

comunicação com a denominação de marketing experiencial, muitas vezes acaba por gerar marcas não tão duráveis nos indivíduos, porém mais duráveis nas contas bancárias dos clientes e agências, e acaba na grande maioria das vezes passando longe do que se poderia esperar como um ato que objetiva a construção de sentido na mente do público, pois seus atores esquecem que, para isto, deveriam fundamentalmente considerar o quadro geral das circunstâncias em que se encontra submergido o indivíduo receptor.

Em função também deste uso indiscriminado do termo marketing experiencial, tornou-se um pouco mais freqüente o uso equivocado do termo comunicação experiencial em alguns manuais ou estudos, ao tratarem na verdade de outra forma categorizada de comunicação, a comunicação não-verbal. Portanto não falamos aqui somente de comunicação não-verbal quando do emprego do termo analisado. De qualquer forma não são estas as definições que serão aqui usadas, e nem tão pouco este o assunto central que abordaremos.¹⁶

Apartada esta conotação, para delimitar aqui o emprego do termo comunicação experiencial é fundamental o entendimento geral do significado de experiência da recepção midiática. E neste ponto invocamos duas definições que nos parecem iniciar a construção da moldura do ambiente que pretendemos explorar posteriormente: expectativa e horizonte de expectativa.

Toda expectativa pressupõe certa dúvida sobre o que está por vir, sobre momentos futuros em relação à evolução de uma determinada situação, e desta forma, pressupõe um vazio de conhecimento, um espaço ávido para ser

¹⁶ Quero pessoalmente ressaltar, porém, que a prática do marketing experiencial no mercado, até onde posso alcançar, está ainda em fase de compreensão de sua fenomenologia, e por isto mesmo é uma prática que pode ser saudável para o funcionamento e a evolução do setor econômico da comunicação empresarial. E afirmo também que, em muitos casos concretos, não me esquivo de tentar melhorar e evoluir esta prática, porém sempre através da investigação sobre possíveis novas formas de beneficiar o setor produtivo com a utilização do que entendo ser, então sim, a comunicação experiencial.

preenchido por alguma informação que ajude a construir um sentido. Assim, a expectativa pode ser vista como um campo do entendimento ainda não formatado e fértil para ser germinado por signos e símbolos que formatem um novo conhecimento. Santo Agostinho cita que: “O presente do passado é a memória, o presente do presente é a visão, e o presente do futuro é a expectativa”¹⁷. Já o termo horizonte de expectativa foi pela primeira vez utilizado por Hans Robert Jauss (1921-1997) quando, na análise da recepção midiática, ele retorna à origem da narrativa e encontra na história da literatura as primeiras experiências marcantes da recepção, e que vêm antes de todos os processos da recepção midiática. Nela, cada época é definida pelo contrato de leitura¹⁸ que institui com determinada obra, e este contrato entre a obra literária e a realidade é o que ele chama de “horizonte de expectativa” (informação verbal)¹⁹.

Assim, o horizonte de expectativa pode ser expresso como o lugar de encontro entre o objeto comunicacional e a sua percepção pelo indivíduo receptor, de forma direta ou através de uma mediação, que é gerador de uma interpretação particular. Esta interpretação, entendida como a construção de um sentido, é baseada e modulada sobre o terreno dos sentidos pré-existentes elaborados a partir do repertório das diversas experiências vividas por este indivíduo receptor.

Então toda comunicação é uma comunicação experiencial? Sim, toda comunicação gera no receptor uma experiência particular, porém, o que entendemos então aqui como comunicação experiencial é aquela que, dentro do ambiente semiótico em que o indivíduo está inserido (semiosfera), tem a capacidade de melhor conjugar os diversos significados percebidos com o seu

¹⁷ AGOSTINHO. **As confissões**. Cap.XX. apud LÉVÊQUE, M. **Le thiboniste**, 2007. Disponível em: <<http://lethiboniste.blogspot.com/2007/02/quest-ce-que-lhorizon-dattente.html>>. Acesso em: 30 jul.2009

¹⁸ VERON, E. 1983

¹⁹ “L’horizon d’attente” no francês em: JAUSS, H.R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1990. apud PAILLIART Isabelle, 15/10/2007, ICM-Univ.Stendhal Grenoble-3, durante sessão da disciplina *Problèmes Fondamentaux*.

próprio horizonte de expectativa, alinhando-os assim para a construção de um sólido sentido único. Em outras palavras, é a que tem a capacidade de reduzir ao mínimo as dissonâncias ao mesmo tempo em que se combina mais profunda e harmoniosamente com o terreno da expectativa do indivíduo receptor, utilizando-se para isso do maior número de canais sensoriais possíveis. Esta maximização do processo comunicacional, através do alinhamento dos fluxos dos significados provenientes de todas as fontes contidas em um determinado ambiente semiótico, gera uma experiência receptiva de alto impacto e longa permanência na memória.

Para a geração desta experiência receptiva maximizada, é fundamental então que o enquadramento momentâneo do indivíduo receptor, o seu “quadro de experiência”²⁰ do momento, valide a ação comunicacional por completo, ou permita o seu máximo aproveitamento. Daí a importância na comunicação experiencial de se utilizar do maior número de meios adequados à situação, e aí todas as formas de comunicação são ferramentas válidas, como a comunicação midiática ou multimidiática, a comunicação oral, a comunicação corporal, a comunicação não-verbal, a comunicação visual, a comunicação sensorial, etc.

2.6 Producersage²¹

Os termos “*producersage*” e seu derivado “*producer*” foram pela primeira vez empregados por Axel Bruns, conferencista sênior na Faculdade de Indústrias Criativas da Universidade de Tecnologia de Queensland, em seu livro “Blogs, Wikipedia, Second Life, and Beyond: From Production to Producersage” (New York: Peter Lang, 2008). Bruns cunhou este termo para melhor descrever a atual

²⁰ Sobre enquadramento de experiências cotidianas do ser humano, que será assunto mais adiante aqui mencionado, as referências são de: GOFFMAN, E. **Les cadres de l'expérience**. Paris : Les Editions de Minuit, 1991.

²¹ Será mantido no texto o original em inglês, por tratar-se de um neologismo na língua inglesa ainda não incorporado em outros idiomas. Em português, “*producersage*” poderia ser traduzido por algo como “*produto*” - na junção de produto e uso, ou “*produsuário*”, na junção de produtor e usuário para seu derivado em inglês “*producer*”.

mudança de paradigma relativa às formas conduzidas por usuários de criação colaborativa de conteúdo, que estão gerando um aumento de seu impacto na mídia, na economia, no direito, nas práticas sociais e na própria democracia. O termo *produsage* fornece uma nova abordagem para conceituar estes fenômenos, e recusa os tradicionais pressupostos associados à produção realizada através dos modelos da era industrial. Seu estudo sobre estes ambientes colaborativos é moldado pelo seu trabalho no campo do jornalismo cidadão ou participativo e do fenômeno dos blogs.²²

Neste trabalho os termos *produsage* e *producer* são empregados na ilustração deste fenômeno de horizontalização da circulação de conteúdo pelas novas mídias eletrônicas online, e como categorização do indivíduo participante da elaboração deste conteúdo. Esta informação produzida pelo próprio receptor, e agora rapidamente por ele mesmo divulgada a nível local, regional ou global, pela primeira vez na história da mídia dá voz ao cidadão comum, às comunidades e às organizações não governamentais, para que estes penetrem na esfera pública e impactem de maneira decisiva a ordem estrutural da formação de opinião através da comunicação midiática, que até então era pré-estabelecida pelas corporações, instituições e governos, fazendo com que estas não mais sejam as exclusivas detentoras da possibilidade de determinar os rumos da opinião pública.

O objetivo desta ilustração é o de reforçar a linha de união entre os fenômenos da aceleração das tecnologias de comunicação e do conhecimento, da instantaneidade, dos rompimentos das barreiras físicas espaciais pelos fluxos de informação e do múltiplo impacto de significados no espaço semiótico, nas considerações a serem feitas a respeito das alterações da identidade no indivíduo pós-moderno.

²² BRUNS, A. From production to produsage: research into user-led content creation. **Produsage**. Disponível em <<http://produsage.org/about>>. Acesso em: 31 jul. 2009, tradução nossa.

3. TEMPO E ESPAÇO

Neste capítulo vamos passar pelas transformações na percepção do tempo e do espaço pelo sujeito pós-moderno, duas dimensões básicas para a análise das mudanças nas identidades ao basearmos este estudo no campo da semiosfera. São fundamentais porque são nelas que se inserem os aspectos tangíveis do *continuum* semiótico que aqui analisamos. O tempo, agora acelerado, como propulsor do sistema da semiosfera, inexorável guia condutor dos processos de semiose, e o espaço, agora orgânico, como formato determinante de um ambiente propício às condições de alteridade do sistema comunicacional.

Iniciamos com um breve relato da história das transformações das identidades na evolução da humanidade, mostrando que chegamos a um tempo de possíveis novas transformações no comportamento da identidade. Seguimos com um retrato da organicidade da semiosfera, mostrando como o conceito de Yuri Lotman desenha uma condição do sistema de semioses na comunicação referenciada na biologia e estruturada espacialmente. Passamos então por uma visão sobre a aquisição da velocidade como fator importante na análise do comportamento cultural da humanidade, sendo esta uma resultante do cruzamento das dimensões de tempo e espaço, e tendo esta desenvolvido-se para o estágio da imediatidade, a qual alcançamos nos fenômenos da comunicação nesta primeira década do século XXI. Passamos então às novas configurações do espaço global, os espaços dos fluxos, onde os lugares físicos dão lugar aos espaços de circulação de informações. Analisaremos também a atual condição de acessibilidade destes novos espaços configurados como fluxos de informação. A sua acessibilidade determina a presença de uma nova possibilidade histórica na dialética espacial: o espaço que antes era definido pelo corte entre o sagrado e o profano, e posteriormente pelo corte entre o aqui e o além, agora pode ser definido pelo corte entre o acesso e o não-acesso (*login-logoff*). E finalizaremos o capítulo com a ilustração de uma das possíveis manifestações desta nova relação entre tempo e espaço nas novas configurações

das identidades, fazendo uma breve análise do paradoxo da simultaneidade entre os fenômenos da globalização e da regionalização.

3.1 A identidade e suas transformações na história

A forma de manifestação da identidade no indivíduo passou por transformações estruturais no decorrer da história. Stuart Hall divide esta história da identidade em três fases²³:

A primeira é a identidade do sujeito do Iluminismo, a fase da supremacia dos valores naturais do homem, quando a identidade do indivíduo era baseada somente em seus atributos internos, na escolha e evolução do sujeito e seus posicionamentos internos, imutáveis, que o definem. É a identidade do “eu”, aquela que independe das influências externas e se vê livre de confrontações, pois a resignação com a realidade é o guia de conduta social.

Sobre a denominação usada por Hall para este momento histórico da identidade sólida e única, como a identidade do sujeito do Iluminismo, faz-se necessária aqui uma observação importante. Atento para o fato que o início da mutação da identidade na história, passando esta de uma expressão referenciada no próprio indivíduo àquela referenciada socialmente, não se deu no pós-Iluminismo - como pode suscitar o fato por ele citado como sendo o “sujeito do Iluminismo” aquele detentor de uma identidade estática e única, e sim se deu previamente ao Iluminismo, mais bem com os avanços gerais causados pelo Renascimento, pois foi durante as descobertas científicas e o início dos avanços do pensamento humanista nos séculos XIV e XV, iniciados em Florença e difundidos pela Europa, que o indivíduo pela primeira vez pode se liberar das amarras das artes e da comunicação do sagrado vinculado ao viés religioso, dominado na península itálica pela igreja católica, e deslocar então o ponto de

²³ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2006. p.10

vista da perspectiva da evolução para o olhar do homem profano²⁴. Esta descoberta da capacidade humana de seguir inovando nas ciências e nas artes, e principalmente a nova condição da ciência do homem - que lhe fornecia os argumentos necessários contra o domínio da ética e da moral católica, ainda que a igreja como instituição tenha seguido fortalecida, colocou também em questionamento a sua própria condição de cidadão e seu papel de ator das descobertas que acabariam ainda por impactar o homem ocidental de maneira determinante, permitindo-lhe assim também, pela primeira vez, repensar a sua própria identidade.

Desta forma, como colocado na introdução deste estudo, preferimos não vincular o movimento do Iluminismo (o sujeito do Iluminismo) a esta fase da evolução histórica da identidade, e sim utilizar o adjetivo iluminista (o sujeito iluminista - agora com inicial minúscula), como um adjetivo de qualidade do indivíduo e não de sua temporaneidade histórica, pois a qualquer tempo a centralização do sujeito em sua própria existência e a valorização da sua expressão interna, como exclusiva e fortemente personalizada, e como resultado da elevação de sua razão, fornece condições para a construção de uma sólida base para o florescimento de uma identidade única e marcante, portanto perene, no indivíduo.

A segunda fase da evolução da identidade citada por Hall é então a fase do sujeito sociológico, quando a identidade do indivíduo passa a ser moldada pelos valores sociais impostos em função da necessidade de validação das evoluções tecnológicas da revolução industrial, quando a esfera pública passa a determinar quais são os caminhos que o indivíduo deve percorrer, à quais abrigos sócio-culturais deve pertencer, para que este possa então alcançar o seu reconhecimento como cidadão, e possa então, alimentando-se das diretrizes oferecidas pela opinião pública, participar a sua condição de cidadão, e de consumidor, ao seus pares.

²⁴ O uso aqui dos termos “ponto de vista” e “perspectiva” são propositalmente empregados como analogia à descoberta real da perspectiva nas artes visuais na época, o que realmente possibilitou uma nova abordagem de vida ao cidadão renascentista.

Se o sujeito iluminista centrava-se sobre uma identidade intrínseca à sua existência pré-definida, pois quando nascia ele e os demais já sabiam quem ele era e qual seria sua posição no grupo, e esta identidade era a única forma que ele dispunha para manifestar-se, as revoluções sociais do final do séc. XVIII e o impacto dos processos de industrialização do séc. XIX permitiram aos indivíduos interagir culturalmente com as novas ofertas e assim moldar a sua identidade segundo as exigências de seu entorno, ou seja, ele podia agora confrontar e adaptar sua identidade segundo os padrões que lhe eram impostos pelos grupos dominantes que lhe circundavam.

Porém não lhe era ainda possível deslocar-se entre diferentes identidades segundo suas próprias opiniões, que na maioria dos casos não existiam ou não lhe eram facultadas a expressão. Os rigores morais e sociais impostos pelas sociedades eram vinculantes segundo as necessidades criadas em nome da evolução industrial e das aquisições do conhecimento das então novas engenharias mecânicas, para que estas pudessem realmente se convalidar como avanço tecnológico. Ou seja, sabendo que o avanço tecnológico somente se consolida no momento da sua aceitação pública, era necessário moldar uma identidade coletiva à qual o indivíduo deveria se enquadrar para que pudesse participar socialmente, e consumir. O sujeito tinha que se enquadrar às massas, fossem as massas de trabalhadores envolvidos na produção, fossem as massas que começavam a se desenhar como consumidores do produto industrial. Desta forma ele poderia felizmente consumir a produção que lhe era oferecida como padrão de satisfação e felicidade. Estava formado um círculo virtuoso, onde o desejo de adaptação dos sujeitos às novas realidades impostas, sob a promessa de satisfação e pertencimento, obrigava-lhe a se adaptar às identidades que lhe eram “sugeridas”.

A identidade social representava então para o indivíduo o seu elo de ligação com seus grupos dominantes. Segundo Hall, esta identidade, agora adaptada, costurava o indivíduo em seu tecido social. E assim a sociedade industrial construía a base de seu desenvolvimento, sem a qual não seria possível encontrar eco para o crescimento estável de sua produção em massa.

Assim também a estabilidade das novas identidades sociais moldava e era moldada pela cultura dominante de seu grupo, cada vez mais harmonizada com a economia dos sistemas de produção.

Este processo evoluiu e se reforçou com o avanço das tecnologias de produção, porém não alterou seu rigor no estabelecimento socialmente definido das identidades individuais até o momento das revoluções dos costumes e da explosão das massas consumistas ocorrida no pós-guerra, em meados do séc. XX. Neste momento, a então influência das classes dominantes na identidade do indivíduo se diversifica fortemente com a necessidade de suprir as demandas globais geradas pelo vazio do pós-guerra. O aumento das ofertas culturais e econômicas, dos comportamentos, das atitudes, das posições e das mobilidades sociais, dos vínculos de adesões aos produtos e da efervescente economia na época, gera um embate entre a identidade pré-existente no sujeito, aquela do “eu”, e as identidades impostas pelos conjuntos de regras sociais que eram, então, as limitantes do comportamento do indivíduo e das comunidades. E aqui ressaltamos o tema central deste trabalho, já anunciando que o aumento das ofertas e o processo de aceleração dos fluxos de significados formadores do sentido, ou seja, a multiplicação dos significantes na semiosfera, estão também por trás deste embate. Causa-se assim o início do movimento de transformação no núcleo interior das identidades – anulação, transposição, e recriação, tal qual exemplificado anteriormente pela definição aristotélica de movimentos e transformações. Dá-se início então às mudanças na gênese das identidades.

A terceira fase da manifestação da identidade na história, seguindo ainda a divisão de Hall, é a fase do sujeito pós-moderno, ou da modernidade líquida (BAUMAN 1992, 1993, 1997 e 2000). Como vimos na definição de pós-modernidade no capítulo anterior, ela obriga o indivíduo a estar permanentemente em alerta às próximas mudanças no seu porvir, sem que possa ancorar-se em algum tipo de segurança que lhe garanta a certeza do que lhe ocorrerá. E como dito, isto deve-se também às múltiplas ofertas dos significantes que nos rodeiam, agora em uma semiosfera hiperativa que acelera

os fluxos de formação de opinião, tornando-os efêmeros. A este respeito, diz Hall:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.”²⁵

Desta forma esta terceira fase da identidade, a do sujeito pós-moderno, que passa a ter a possibilidade de expressar-se com microidentidades mutáveis, intercambiáveis e efêmeras, e que muitas vezes acaba por anular ou reduzir a força das expressões de suas macroidentidades ou substituí-las por outras mais convenientes, é a fase que seguiremos aqui estudando.

3.2 A semiosfera e sua organicidade

Neste subcapítulo, trataremos de ilustrar o aspecto orgânico da semiosfera, embasando-o nas definições de Lotman e de autores que discursaram sobre o assunto referenciando sempre a analogia da semiosfera com a biosfera, as células e a evolução das espécies, traduzidas em fenômenos como a semiose, a biossemiose e o *umwelt*. A intenção aqui é mostrar como os fluxos dos significados e as camadas interna e externa da semiosfera podem ser ilustradas como elementos de um sistema orgânico que apresenta variações de forma, elasticidade, intensidade e velocidade, além de integração, desintegração e flexibilidade, de forma a responder aos estímulos dos signos e seus significantes, e portanto aos seus maiores ou menores impactos e aos seus mais rápidos ou mais lentos processos de interferência.

²⁵ HALL, S. op.cit.. p.13

Inicialmente é importante citar que, previamente à conceituação de semiosfera por Lotman, Jakob Johann von Uexküll (1864-1944), biólogo alemão e um dos pioneiros nos estudos da etologia, estabeleceu alguns dos parâmetros para a biosemiótica e o conceito de *umwelt* em suas pesquisas sobre o universo semiótico tanto de humanos e como de animais. A tradução direta do termo *umwelt*, do alemão, é “ambiente”, e para a ilustração de seu conceito acredito ser eficiente uma associação que seu filho Thure von Uexküll (1908-2004) usou em seu estudo²⁶ entre o termo *umwelt* e o termo em inglês *self-world* (*automundo*). Usando o conceito de *umwelt* como *automundo*, Uexküll (pai) analisa a relação dos seres vivos com o ambiente ao seu redor definindo por *umwelt* o mundo próprio percebido por cada indivíduo através das suas capacidades biológicas de absorção dos sinais emitidos, ou seja, através da biossemiose.

Para melhor ilustrar o *umwelt* e o seu processo de biossemiose interno, tomemos o exemplo citado por Uexküll (filho) no estudo citado, a respeito do sistema de orientação de um organismo no curso de um processo sêmico:

“Os carrapatos (*Ixodinae*), pequenos insetos[sic] relativos aos acarinos, se fixam em organismos de sangue quente para se alimentar. São capazes de viver sem alimento por muitos meses, mas necessitam de sangue para gerar ovos fecundados. Possuem apenas três receptores (“órgãos perceptivos”), que podem captar três diferentes “signos perceptivos”: (1) signos olfativos causados pelo ácido beta-oxibutírico, que pode ser encontrado no suor de todos os organismos de sangue quente; (2) signos táteis como por exemplo induzido pelo couro peludo dos mamíferos; e (3) signos temperaturaais produzidos pelo calor das áreas

²⁶ UEXKÜLL, T. A teoria do *umwelt* de Jakob Johann von Uexküll. In: **The Semiotic Web** 1988, Thomas Sebeok (ed.), Berlim-Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1989 (col. Approaches to semiotics, 85). Disponível em <http://leandrosalvador.com.br/html/textos/academicos/semiotica/umwelt_uexkull.pdf> Acesso em 05ago.2009. Tradução de Eduardo Fernandes Araújo.

dérmicas lisas. Cada signo se refere a uma específica resposta iniciada pelo signo.”²⁷

Jakob von Uexküll descreve a seqüência e a interação dos três processos sógnicos como se segue:

“O carrapato permanece inerte debaixo da ponta de um galho no mato. Sua posição permite-lhe despencar sobre um mamífero transeunte. Não há estímulo de todo ambiente que ele possa receber. Então se aproxima o mamífero de cujo sangue ele precisa (como alimento) para gerar sua progênie. E agora algo verdadeiramente estupendo acontece: de todos os fatores estimulantes produzidos pelo corpo mamífero apenas três – em uma seqüência específica – se tornam estímulos. Fora do mundo superproporcional, o carrapato é circundado por três brilhos estimuladores (signos perceptivos) como sinais luminosos no escuro e servem ao carrapato como faróis que infalivelmente o dirigem rumo a sua vítima. (1934: 11-12)

A fim de assegurar esse resultado, os três signos permitem ao carrapato executar três operações: o odor do ácido butanóico induz um impulso nas patas do carrapato que o forçam a despencar do galho em que permanecia. Com sorte ele cai sobre a presa, cujo couro peludo produz agora signos táteis que o levam a se desembarcar, enquanto extingue o signo olfativo “ácido butanóico”. Assim continua até que a porção nua da pele produz um terceiro signo perceptivo, “calor”, que então extingue o signo anterior e provoca uma terceira reação em que o carrapato pica a pele do mamífero com sua probóscide.”²⁸

Neste exemplo da capacidade de ativação sensorial dos animais para a condução de seus processos de comportamento, reação e sobrevivência, foram tratados os três signos e canais sensoriais capazes de guiar a existência de um carrapato. Agora pode-se imaginar a multiplicação destes estímulos em animais

²⁷ Ibid. p.7

²⁸ Ibid. p.7

de maior complexidade. Imaginem os processos sgnicos que envolvem a vida de uma mosca, ou de um rato, ou de um cachorro. Em todos eles, e também nos humanos, o *umwelt* está diretamente relacionado à sua relação com os estímulos que recebem e com a tradução biossemitica destes signos em uma espécie de emaranhado de reações das funções biológicas às quais necessitam para a condução de sua vida. Nos humanos, porém, a complexidade destes processos apresenta uma fundamental e exclusiva diferença na execução desta tradução, que é o aspecto da subjetividade na interpretação dos significados, aqui envolta pelo caráter cultural do ser humano, ou seja, de sua razão crítica, de sua capacidade analítica e de sua emocionalidade. Esta é a semiosfera, que, devido à sua específica característica espacial de convecção cultural, somente pode ser atribuída ao se tratar dos processos objetivos e subjetivos de interpretação e construção de sentido no ser humano.

Sobre isto, vale ressaltar a observação que, apesar do conceito de semiosfera ter se desenvolvido no contexto da semiótica da cultura e o conceito de *umwelt* ter se desenvolvido no contexto da moderna biossemitica, ambos não podem ser totalmente dissociados da mesma realidade complexa, na medida em que, como diz Jorge de Albuquerque Vieira,

“A subjetividade de um sujeito humano  antecedida pela objetividade de uma realidade que a forjou nos embates evolutivos [...], ou seja, uma semiosfera, enquanto domínio sgnico que envolve as dimensões complexas do psíquico e do psicossocial, tem que ser o produto evolutivo de um domínio sgnico de natureza biológica, o *umwelt*, sendo este último resultado de evoluções físicas e químicas da realidade ambiente.”²⁹

Esta é uma primeira forte relação da semiosfera com a condição de organicidade de seus elementos constituintes. De fato, a constituição do aspecto cultural da semiosfera e a sua atribuição como mediadora das diferenças entre

²⁹ VIEIRA, J.A. Semiosfera e o conceito de *Umwelt*. In: MACHADO, I. (Org) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. cap. II, p.99

os significados em formação de um lado de sua fronteira, e os não significados ou as mensagens não codificadas do outro lado, que lhe diferencia assim do *umwelt*, é talvez um dos pilares de partida para a formulação do seu conceito por Yuri Lotman, cronologicamente posterior àquele formulado por Jakob Johann von Uexküll.

Sobre este fundamental papel de sua fronteira, e sua configuração orgânico-biológica, disse ainda Lotman:

“La frontera del espacio semiótico no es un concepto artificial, sino una importantísima posición funcional y estructural que determina la esencia del mecanismo semiótico de la misma. La frontera es un mecanismo bilingüe que traduce los mensajes externos al lenguaje interno de la semiosfera y a la inversa. Así pues, sólo con su ayuda puede la semiosfera realizar los contactos con los espacios no-semiótico y alosemiótico. Tan pronto pasamos al dominio de la semántica, nos vemos en la necesidad de apelar a la realidad extrasemiótica. Sin embargo no se debe olvidar que, para una determinada semiosfera, esta realidad sólo deviene ‘realidad para sí’ en la medida en que sea traducible al lenguaje de la misma (así como las materias químicas externas sólo pueden ser asimiladas por la célula si son traducidas a las estructuras bioquímicas propias de ésta – ambos casos son manifestaciones particulares de una misma ley).”³⁰

Desta forma o outro aspecto que confere à semiosfera sua característica de organicidade é a sua formulação hierárquica interna e a sua estrutura como um sistema autoreferente, o que possibilita a sua ilustração de maneira similar à

³⁰ “A fronteira do espaço semiótico não é um conceito artificial, e sim uma importantíssima posição funcional e estrutural que determina a essência do mecanismo semiótico da mesma. A fronteira é um mecanismo bilingüe que traduz as mensagens externas à linguagem interna da semiosfera e vice-versa. Desta forma somente com sua ajuda pode a semiosfera realizar os contatos com os espaços não semióticos e alosemióticos. Assim que passamos ao domínio da semântica, nos vemos na necessidade de apelar à realidade extrasemiótica. No entanto, não se deve esquecer que, para uma determinada semiosfera, esta realidade só se transforma em ‘realidade para si’ à medida que seja traduzível à linguagem da mesma (assim como as matérias químicas externas só podem ser assimiladas pela célula se são traduzidas às estruturas bioquímicas próprias desta – ambos casos são manifestações particulares de uma mesma lei).” (tradução nossa). LOTMAN, Y. **La semiosfera vol.I – Semiótica de la cultura y del texto**. Tradução de Desiderio Navarro. Madrid : Ediciones Cátedra, 1996. p.26

estrutura celular dos organismos biológicos. Para compreendermos esta hierarquia, devemos radiografar a “célula” da semiosfera.

Imaginemos o desenho de uma célula biológica, composta por um núcleo central com seu nucléolo interno e sua membrana nuclear. Ao redor do núcleo está o corpo da célula formado por diversos elementos, como mitocôndrias, centríolos, ribossomos, retículos, etc, dispostos em uma aparente desordem espacial, porém respeitando a sua hierarquia de funções elementares, e que se alternam de posição segundo os estímulos recebidos. Cobrindo tudo isto está a membrana celular.³¹ Em uma analogia básica a estrutura da semiosfera está formada por um núcleo central ocupado pela memória do indivíduo, que recebe e armazena significados compostos, e os processa, estabelecendo a base do sentido formado. A somatória destes sentidos formados moldam a experiência do indivíduo e o seu legado cultural, e ambos formam, entre outras manifestações, a expressão da sua identidade. No corpo da semiosfera estão os elementos sógnicos, os significados emitidos pelos sinais externos e a representação de seus significantes, que se reordenam em camadas de diferentes densidades, se agrupam e reagrupam, e se dissociam segundo os estímulos recebidos pela membrana externa. Esta, como fronteira da semiosfera, atua na tradução dos sinais e mensagens decodificadas recebidas externamente. A movimentação interna dos elementos do corpo da semiosfera se dá através de fluxos de informação, que penetram nas diferentes camadas e densidades, tendo em uma ponta o núcleo central, e na outra os canais receptores externos do indivíduo. Todo o conjunto é formado por textos que se “editam”, e que solidificam no núcleo central a mensagem agora codificada na memória.

Claro que esta analogia é abstrata e poderia também se espelhar em outras estruturas similares que facilmente encontramos pelo mundo da atual comunicação, como os nós das redes mundiais de computadores, interconectadas entre si, ou os sistemas administrativos de comunicação das corporações espalhadas pelo planeta. De qualquer forma, a intenção aqui é o

³¹ Ressaltamos que este é só um exemplo ilustrativo, não há aqui nenhuma intenção de enumerar os elementos ou a sua hierarquia dentro de uma célula real de um organismo biológico, os quais não conhecemos.

entendimento fundamental de que, em suas diversas composições e disposições, a semiosfera é o ambiente em que ao mesmo tempo se processa toda e qualquer comunicação, ao mesmo tempo que é o ambiente em que se desenvolvem as expressões relativas ao legado da comunicação, em um contínuo processo dialógico entre o sistema interior do sujeito e o exterior da realidade. Esta dialética da transformação e recriação de novas mensagens, de forma multidirecional, é o que alimenta o sistema, e permite a formação de novos sistemas similares ao seu redor, seja em outros indivíduos como em outros grupos culturais.

O que vamos exemplificar a seguir é como este processo complexo, que tem como único objetivo a formação final de sentido no núcleo da semiosfera, ou seja, na memória - e portanto no imaginário individual ou coletivo, é o ambiente em que se produz as alterações das identidades na era da informação, na medida em que é fortemente afetado pela atual aceleração dos fluxos sógnicos no mundo pós-moderno, da comunicação experiencial otimizada pela recepção multimidiática, da fragmentação da noção de espaço e do tempo pelas estruturas de redes interconectadas de informação, e pela crescente participação do indivíduo nos processos de produção da opinião pública.

3.3 A velocidade e a imediatidade³²

Buscando entender os processos da aceleração da informação na semiosfera, que sustentamos ser um dos aspectos geradores das alterações da identidade na era da informação, neste subcapítulo vamos mostrar de onde vem esta sensação de aceleração existente na sociedade pós-moderna, se ela é um processo natural da história ou uma convenção do capital, quais suas origens e

³² O termo imediatidade é o mais próximo encontrado no dicionário Aurélio para o significado em inglês de “immediacy”, termo usado em **The culture of speed** (TOMLINSON, 2007), que serve de guia para este subcapítulo. Segundo este dicionário, imediatidade refere-se à qualidade do que é imediato. Outro termo frequentemente encontrado na literatura é imediatez, porém por este não ser encontrado nem no dicionário Aurélio e nem no dicionário Houaiss, principais referências da língua portuguesa no Brasil, demos preferência para o emprego do termo imediatidade, ainda que, aparentemente, seja um termo pouco usual.

seus limites, e como sua influência nas relações internas da sociedade é determinante para os aspectos sociais estruturais aqui analisados, como as alterações na noção de tempo e espaço. Como base e referência, utilizo aqui ao longo de todo este subcapítulo o livro “The culture of speed”, de John Tomlinson³³.

Sobre a importância do estudo da velocidade para o entendimento dos fenômenos modernos da evolução da sociedade, Tomlinson ressalta o quão pouco ela foi estudada, ou quase nada, mesmo sendo esta o cruzamento mais imediato das dimensões do tempo e do espaço. Diz Tomlinson:

“Speedy is scarcely mentioned in the Frankfurt School’s critique of the legacy of the Enlightenment; it is virtually ignored by functionalists, structuralists and post-structuralists alike. Even in the existential-phenomenological tradition of Heidegger, Sartre or Merleau-Ponty, in which the crux of analysis of the human condition is its situation in relation to the ontological dimensions of time and space, the experience of speed, arguably the most dramatic nexus of these dimensions, is passed over.”³⁴

Cita ainda Paul Virilio como um dos nomes que mais se relaciona com o estudo da velocidade, porém, de forma relativamente isolada, como colocado pelo próprio Virilio em uma entrevista concedida em 1991:

“I stand rather alone in insisting that speed is clearly the determining factor. In my capacity as a social analyst, I do not wish to deliver monologues, but to partake in a dialogue. For the past twenty-five years, my work has

³³ TOMLINSON, J. **The culture of speed**. London : Sage Publications, 2007

³⁴ “A velocidade é vagamente mencionada na crítica da Escola de Frankfurt sobre o legado do Iluminismo, e é virtualmente ignorada por funcionalistas, estruturalistas e pós-estruturalistas afins. Até na tradição fenomenológica-existencial de Heidegger, Sartre ou Merleau-Ponty, nos quais a questão central da análise da condição humana é a sua situação em relação à dimensão ontológica do tempo e do espaço, a experiência da velocidade, argumentável como o mais dramático nexos entre estas dimensões, é passada por cima.” (tradução nossa) *Ibid.* cap.1, p.8.

nevertheless been solitary. To say that speed is a determining factor in society requires proof, an effort that is starting to exhaust me.”³⁵

Se aceitarmos que a velocidade pode vir a ser um fator determinante na análise da evolução do fenômenos sócio-culturais, devemos investigar seus momentos na história e relacioná-la com os acontecimentos para, minimamente, averiguar a importância de seu impacto. Tomlinson traça uma linha desta evolução e a divide basicamente em três momentos, que ele chama de três histórias, sobre as quais estrutura seu livro.³⁶

A primeira traça uma espécie de institucionalização da velocidade no ambiente moderno, a partir da revolução industrial. A crença do avanço linear da sociedade, baseada na tecnologia, na produção e no bem estar econômico gerado pelas aquisições do trabalho e do capital, que determinavam o ritmo do crescimento das economias nacionais e apontavam para um caminho sem fim onde, quanto mais rápido o percurso, mais eficientes e mais satisfatórios os resultados. A segunda mostra o contraponto que sempre esteve presente com a noção de velocidade, que é seu risco accidental, sua glamorização no imaginário que carrega permanentemente em si o risco da sua não realização, ou ainda o risco da sua tragédia anunciada: quanto mais rápido melhor, mas o choque pode ser iminente. Na verdade este risco da experiência estética da velocidade contrapõe a regulamentação linear do modernismo tecnológico, trata-se de um paradoxo da segurança na velocidade, que quanto mais se acelera para a realização do sonho moderno mais se criam situações limites onde o rompimento pode ser dar a qualquer momento. E a terceira parte desta história é a que particularmente nos interessa, o alcance da imediatidade, ou a chegada ao ponto limite da velocidade onde o instantâneo é suficiente para o transporte das idéias e valores da sociedade, e o contato sujeito-objeto-sujeito é imediato. Este

³⁵ “Eu fico sozinho insistindo que a velocidade é claramente o fator determinante. Na minha capacidade de analista social eu não desejo entregar monólogos, mas compartilhar diálogos. No entanto, nos últimos vinte e cinco anos meu trabalho tem sido solitário. Dizer que a velocidade é um fator determinante na sociedade requer provas, um esforço que está começando a me exaurir.” (tradução nossa) VIRILIO, P. 2001b: 83. apud TOMLINSON, J. **The culture of speed**. London : Sage Publications, 2007. cap.1, p.8.

³⁶ TOMLINSOM, J. op.cit. cap.1, p.9

momento revela a fragmentação dos sistemas lineares modernos e ilustra, segundo Tomlinson, as transformações nesta época em que vivemos, da alta tecnologia das comunicações e de suas profundas transformações na sociedade. De forma resumida faremos aqui uma síntese destes três momentos da história da velocidade.

As primeiras incursões do homem pela maravilhosa aventura da velocidade se deu com as máquinas. Ainda na idade média as máquinas manuais eram a forma do homem estender seu domínio sobre-humano, fosse para lançar pesados projéteis a maiores distâncias durante uma batalha, fosse para ajudá-lo na moenda de seus produtos agrários ou fosse para a impressão de páginas para aquilo que seria o início da reprodutibilidade da obra cultural. O homem buscava, sobretudo, o domínio sobre a natureza.³⁷

Porém nenhuma máquina trouxe tantos avanços como as máquinas a vapor, e no estudo da velocidade, os primeiros trens e barcos a vapor que começaram a circular nas primeiras décadas do século XIX. Pela primeira vez na história o homem pode ultrapassar a velocidade dos cavalos nos seus trajetos, e principalmente, pode transportar enormes quantidades de carga de um lado a outro, permitindo assim a realização de um grande passo no domínio da natureza em prol do progresso pela produção industrial. O desenvolvimento dos transportes a vapor, de seu início até sua expansão na segunda metade daquele século, permitiu que os trajetos regionais que antes poderiam levar semanas para se transpor, agora levassem horas ou dias. As colinas que limitavam os vales, e assim povoados de identidade própria, agora deixavam de ser obstáculos e seus limites não eram mais divisores de comunicação. A produção de uma região agora poderia finalmente ser consumida em outra região, sem que perdesse seu valor pela demora do caminho. As correspondências agora poderiam ser entregues em longas distâncias, e os primeiros jornais agora tinham um alcance maior do que as localidades onde eram produzidos. E junto com os trens e barcos a vapor, o contemporâneo telégrafo começava também a

³⁷ Ibid. cap.2, p.15-16.

se espalhar. Desta forma enquanto a tecnologia do telégrafo permitia a transmissão de mensagens curtas, geralmente institucionais, a longas distâncias, os trens permitiam a entrega das notícias a todos e das mensagens de um cidadão ao outro, através das cartas e encomendas. Este passo foi a primeira grande conquista do homem sobre as dimensões do tempo e do espaço, enquanto encurtava distâncias e assumia para si a sensação de domínio sobre a natureza.³⁸

Ao mesmo tempo que as distâncias físicas e os tempos se encurtavam, a automação da produção no início era industrial acelerava a multiplicação de bens e produtos e minimizava os custos por unidade, uma excelente fórmula para o incremento do capital. Este processo alcançaria sua otimização no final do século XIX e início do XX, com o que posteriormente viria a ser chamado de Taylorismo – a introdução das linhas de produção por Frederick Taylor (1856-1915), que permitiria a produção em série de tudo o que o cidadão necessitava para a sua vida cotidiana moderna, inclusive os bens culturais.

Assim a velocidade determinava-se como um importante parâmetro no processo de valorização da economia. Por sua central importância no resultado final da produção, a velocidade era metrificada e quantificada, passando então a ser cotada como um bem. O avanço na velocidade era um bem desejável, de grande valor, que merecia investimentos e que por isso despertou uma corrida pelo seu domínio. As máquinas que propiciavam maior velocidade eram as de maior valor econômico, a aquisição do capital tanto maior seria quanto maior a velocidade das máquinas a que estaria atrelada. E esta corrida pela velocidade passou assim a fazer parte do desejo do homem, a estar intrinsecamente ligada às suas maiores aspirações. A noção de velocidade se instalou no imaginário individual e no coletivo, somando-se às imagens por séculos sedimentadas que

³⁸ O domínio do homem sobre a natureza seria sempre colocado à prova e constituído como um dos desafios mais proeminentes de toda a era da modernidade, até bem recentemente, quando mais especificamente as crises mundiais do petróleo dos anos 1970 e a comprovação do declínio das condições da atmosfera nos anos 1980, geraram o início da corrida pela preservação e exploração sustentável da natureza, consciência esta ainda hoje em fase de desenvolvimento. Esta nova consciência é contemporânea ao aflorar das sociedades pós-modernas.

formam o subconsciente humano – os arquétipos (YUNG), as fantasias (FREUD) e as estruturas oníricas (LACAN). Esta sedimentação da busca pela aceleração da velocidade no imaginário geral guiaria a evolução da sociedade na era moderna, e ainda hoje conduz grande parte dos esforços da produção econômica e cultural.

Os avanços sociais, culturais e econômicos provenientes da velocidade sempre estiveram ligados à aceitação da sua tecnologia geradora. Como já comentamos, a tecnologia por si só não gera mudanças de impacto na sociedade, mas para isto necessita de uma validação pública, uma aceitação que passa pela sua real eficiência na melhoria de questões do cotidiano do homem e pela sua viabilidade comercial, ou seja, na possibilidade de seu consumo, pois caso contrário as tecnologias se limitariam a inventos armazenados em porões. Citamos a seguir um dos diversos exemplos existentes para ilustrar a ligação entre velocidade, tecnologia e aceitação pública, e que, de quebra, ilustra também as transformações nas relações sociais através do encurtamento das dimensões de espaço e tempo geradas pela velocidade:

Na década de 1950 a nova tecnologia de propulsão a jato começava a substituir os motores turbo-hélice trazendo maior velocidade e eficiência nos vôos de longa distância. Dois modelos competiam pela liderança deste mercado, os Comet ingleses e o Boeing 707 norte-americanos. Eram as vedetes da aviação internacional e permitiam pela primeira vez a travessia do oceano Atlântico em menos de 10 horas entre Nova York e Londres. O grande problema era que estes aviões necessitavam de três quilômetros de pista para pousar e por isto somente poderiam voar a aeroportos de grandes capitais. O passageiro não podia ainda contar com um meio eficiente e rápido para voar às cidades médias e por isto os fluxos entre estas cidades era menor, feito com aeronaves de menor capacidade, e por isto relativamente mais caros. Enquanto os ingleses tentavam solucionar problemas de segurança na sua aeronave, pois o Comet havia sofrido alguns graves acidentes, os americanos seguiam com um projeto que buscava solucionar a questão de viabilidade de pouso em pistas menores. O Comet saiu de circulação após seu quarto acidente e, em 1963, a Boeing lançou então seu

modelo 727, que viria a ser o primeiro jato comercial de alta velocidade, longo alcance e que poderia finalmente pousar em pistas de 1.500 metros possibilitando assim a união entre as cidades médias de todo o mundo. O sucesso do 727 foi tão grande que ele voou até 1984, e foi justamente neste período que o setor de viagens se desenvolveu fortemente em todo o mundo, com o surgimento do mercado de turismo de massa e com a possibilidade da classe média entrar em um avião em rumo a outros países, a lazer ou a trabalho. Esta explosão no mercado de viagens somente foi possível porque os custos das viagens se reduziram em função da aceitação e da viabilidade comercial trazida pela tecnologia do Boeing 727. E a partir desta máquina, as distâncias globais se reduziram drasticamente. O mundo se transformava a partir da aceitação da tecnologia da velocidade na aviação, provida pela sua viabilidade técnica e comercial.

Tudo isso, porém, jamais seria somente um céu calmo com um horizonte único, limpo e plano onde o homem pudesse voar. Pela necessidade de sustentação dos processos produtivos, a idéia da velocidade deveria ser transmitida imbuída de uma dimensão estética capaz de atrair as massas, capaz de realmente solidificar-se na mente do cidadão consumidor. Em uma época onde as identidades eram ditadas pelas convenções sociais, seja no viés cultural como no viés econômico, como já vimos em subcapítulo anterior, era necessário fazer com que o desejo pela velocidade fosse sedutor, que preenchesse o fértil campo do horizonte de expectativa do cidadão e que se transformasse em uma cultura amplamente aceita. Desta forma a imagem da velocidade era transmitida em diversas peças culturais e nas artes, no design e até mesmo na arquitetura e no urbanismo, como forma de unir a satisfação da realização estética com a realização produtiva, e com a visão de um novo mundo sem fronteiras à frente, como ilustra uma frase do arquiteto urbanista francês Le Corbusier (1887-1965): “A city made for speed is made for success”³⁹, e como trazia ao debate na época

³⁹ “Uma cidade feita para a velocidade é uma cidade feita para o sucesso”(tradução nossa) CORBUSIER, 1971, apud TOMLINSON, J. **The culture of speed**. London : Sage Publications, 2007. cap.2, p.32.

o Manifesto Futurista surgido na Itália do início do século XX e liderado por Filippo Marinetti.⁴⁰

Esta dimensão estética da velocidade gerava um grande glamour, mas buscava também acobertar os riscos e a insegurança que lhe coexistia atrelada. A visão moderna da velocidade trazia em si um paradoxo natural, quanto mais veloz e mais satisfatória, mais próxima da tragédia da sua ruptura brusca, do acidente, do encontro do fim. Descobriu-se então que abaixo da superfície glamurizada da velocidade havia o seu lado escuro, de rompimento das regras, do medo do risco. O medo do risco, porém, é um elemento importante na geração do êxtase da experiência da velocidade, da excitação com o sucesso do mais veloz. E a geração de uma excitação verdadeira sobre a experiência da velocidade, sempre incentivada pelas necessidades da produção econômica, seria fundamental para que o desejo de obtê-la pudesse preencher este campo da expectativa no indivíduo e nas coletividades, formando assim um caso de sucesso de comunicação experiencial. Sobre a presença do medo e do risco na formação da experiência de excitação ligada à velocidade, além de seus outros elementos de composição, Tomlinson cita em seu livro o psicanalista húngaro Michael Balint (1896-1970), que analisa exatamente este fenômeno:

“(a)some amount of conscious fear, or at least an awareness of real external danger; (b) a voluntary and intentional exposing of oneself to this external danger and to fear aroused by it; (c) while having the more or less confident hope that the fear can be tolerated and mastered, the danger will pass, and that one will be able to return unharmed to safety. This mixture of fear, pleasure and confident hope in the face of an external danger is what constitutes the fundamental element of all thrills. (Balint, quoted in Wollen, 2002: 77)”.⁴¹

⁴⁰ TOMLINSOM, J. op.cit. cap.3, p.45-46-47

⁴¹ “(a)com um pouco de medo consciente, ou pelo menos a ciência de um real perigo externo; (b) uma voluntária e intencional exposição de si mesmo a este perigo externo e ao medo por ele gerado; (c) enquanto tendo uma certa dose de confiança na esperança de que este medo possa ser controlado e minimizado, o perigo vai passar, e aquele [o sujeito] será capaz de retornar ileso para a segurança. Esta mistura de medo,

Esta excitação esteve presente tanto em seus aspectos mais superficiais propagados pela indústria cultural, como as corridas de carro nos filmes de James Dean ou nas transmissões midiáticas dos recordes mundiais quebrados sucessivamente pelos atletas (saudável aspecto da evolução do ser humano sempre validada pela opinião pública, inclusive hoje), como em aspectos do crescimento econômico transformador gerado por avanços tecnológicos, como no exemplo citado do conforto em se voar com os novos jatos comerciais lançados em meados do século XX e que representavam grande impulso à economia global. Mas mais do que isso, este convencimento estético da velocidade sedimentado no imaginário coletivo de maneira experiencial seria retroalimentado pelas próprias tecnologias da velocidade, ao se aplicarem agora ao campo das comunicações. O avanço das tecnologias de comunicação, iniciados com o telégrafo e o telefone, e hoje em dia pelas mídias digitais, determinaria no final do século passado o que Tomlinson chama de imediatidade.

De maneira superficial o momento da imediatidade na história da velocidade está diretamente ligado ao avanço das tecnologias da comunicação, que permitem o contato imediato entre duas fontes em qualquer local do globo através de redes de comunicação digital online. Mas isto seria uma inconveniente simplificação das implicações da imediatidade e não completa as indicações geradas pelo próprio termo para seus significados. Sendo assim faremos três indicações para este termo aqui empregado, que são mencionadas por Tomlinson.⁴²

A primeira é a que nos remete à noção de instantaneidade, de uma cultura ligada à rápida entrega e disponibilidade, à realização da demanda no momento mais breve possível, à satisfação também instantânea dos desejos. É esta a noção da aceleração máxima da realização das tarefas do consumo e do atendimento ao consumidor, e do passo acelerado do tempo, da realização do

prazer e confidente esperança em face ao perigo externo é o que constituem os elementos fundamentais de todas as excitações.” (tradução nossa) TOMLINSON, J. op.cit.. cap.3, p.49.

⁴² Ibid. cap. 4, p.74.

"tudo agora". Sobre esta noção baseiam-se tendências como o *fast-food*, o *delivery* e o *deadline*, três exemplos de termos absorvidos do inglês que são amplamente usados na economia global em suas respectivas atribuições. Esta noção é a mais próxima àquela aplicada nos momentos iniciais da industrialização, quando da difusão dos usos da velocidade mecânica.

A segunda remete à noção de proximidade, ou de relação direta, de contato imediato. Está ligada à etimologia da palavra imediatidade, do latim "immediatus", ou "não separado". Neste sentido o termo não somente remete à noção de aceleração da cultura, mas também a uma distinta qualidade da experiência cultural. Aqui se encontra o sentido de contato cultural, ou seja, da troca existente nos fenômenos da interculturalidade, e da conexão direta entre indivíduos em diferentes posições globais, do seu intercâmbio e conseqüentemente dos seus impactos e interferências. A chave desta interpretação está na sutil percepção da dissolução da mediação, ou seja, a falta de mediadores entre as diferentes expressões dos sujeitos. Esta interpretação é a que pode nos remeter ao fechamento dos espaços que separavam os indivíduos e suas culturas, o agora do depois e o aqui do além, e desta forma representar o fim da era da velocidade mecânica, sendo o termo fim expresso aqui com dois sentidos, como término e como objetivo final.⁴³ Incluímos ainda nesta interpretação a possibilidade da velocidade estar próxima de seu limite máximo quando aplicada às tecnologias da comunicação, ou seja, a sua aceleração elevada à tendência infinita gera a união dos seus dois extremos, o extremo de partida e o extremo de chegada. Assim, com a aceleração máxima da velocidade, para um objeto comunicacional deslocar-se do ponto A ao ponto B o tempo gasto no trajeto é tendencialmente igual a zero.

E a terceira noção implicada no termo imediatidade aqui empregado é a que se refere diretamente à questão da mídia. A transformação gerada nos sistemas de mídia pelo impacto das comunicações online subverte de certa forma os tradicionais parâmetros dos sistemas convencionais de comunicação, onde a

⁴³ Ibid. cap. 4, passim.

recepção ocupava o papel central da ação do público e hoje, a sua inserção integral em um ambiente completamente telemediado, lhe confere o papel de produtor da informação além de gerar uma interdependência entre mídia e usuário que permite a própria sensação de dissolução da mídia, ou seja, tudo ao redor é mídia, mas a sua ampla inserção no cotidiano minimiza a percepção da sua existência. Desta forma o impacto da mídia que envolve o sujeito é apenas sutilmente percebido e multiplica a capacidade das mensagens serem absorvidas, pois minimiza o efeito das barreiras da recepção tornando mais eficiente a sua penetração nas camadas internas da semiosfera.

É interessante observar também como o fenômeno da imediatidade carrega em si uma fragmentação da própria aceleração da velocidade, que havia sido fortemente assimilada pela cultura moderna. No instante em que a aceleração atinge seu momento máximo e gera o fenômeno do imediato alcance do objetivo comunicacional, os traços do percurso dos significados se borram, transformando-se em pontos que unem as duas faces deste imediatismo entre sujeito A e sujeito B. A transmissão instantânea entre qualquer ponto do planeta ao mesmo tempo em que amplia o espaço semiótico, que passa a abrigar um leque muito maior de variantes culturais, reduz, ou tende a eliminar, a possibilidade de uma análise do caminho percorrido nas semioses da cultura, gerando a possibilidade de diversos microchoques culturais de interpretação, ou ainda de um múltiplo direcionamento dos fluxos de significados, sem controle aparente pelo emissor. Neste processo é importante ressaltar não somente a importância dos textos culturais, mas principalmente dos contextos de emissão e recepção, assunto que trataremos mais adiante neste trabalho.

De todos modos, a imediatidade, ao se verificar dentro dos espaços da semiosfera, é um fator de múltiplas conexões entre significantes e significados que apresenta, pelo seu caráter de instantaneidade, uma legado relativamente efêmero nas camadas circundantes da memória, e assim, em suas múltiplas conexões, apresentam poucas condições para a geração de sentidos sólidos e perenes. Neste cenário a geração perene de sentido sempre ocorre, porém com menor frequência.

Assim pudemos visualizar um dos aspectos da importância da velocidade nas transformações ocorridas no homem moderno, que levaram ao atual estágio da sua evolução. Consideramos que estes impactos têm relevante importância nas condições estruturais das identidades na pós-modernidade, na medida em que a aceleração das tecnologias de informação midiática e a aquisição da imediatidade como realidade em diferentes situações do cotidiano, acabam por impactar diretamente a semiosfera e seus os fluxos de significados, assim como transformaram a percepção das dimensões do tempo e do espaço.

Mas como funcionam estes fluxos de informação? Como reagem ao impacto da velocidade e da imediatidade? E como podem ter resultado em uma diferente percepção espacial pelo indivíduo pós-moderno? É o que analisaremos a seguir.

3.4 O espaço dos fluxos e a sua acessibilidade

Neste subcapítulo verificaremos as transformações relativas à percepção do espaço na era da informação, particularmente nas duas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI. O objetivo desta verificação é a compreensão de como a mudança na percepção espacial, dos espaços dos lugares para os espaços dos fluxos, contribui para as alterações da identidade e para a valorização dos fluxos de significados formados na semiosfera. Para esta análise, este subcapítulo estará ancorado na obra de Manuel Castells, particularmente no primeiro volume de sua trilogia sobre a era da informação, aqui usada na sua tradução para o espanhol: “La era de la información – La sociedad red”.⁴⁴

Sobre a relação do espaço e do tempo, diversas considerações na história do pensamento foram feitas atribuindo a estas o papel das duas dimensões principais da vida humana. Porém Castells sugere em seu livro a hipótese de que

⁴⁴ CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I.

é o espaço quem organiza o tempo na sociedade rede em que vivemos⁴⁵, e prossegue mais adiante ressaltando a importância do espaço nas relações sociais, quando diz que “[...] *el espacio es el soporte material de las prácticas sociales que comparten el tiempo*”⁴⁶ Desta forma Castells sugere que o espaço reúne as práticas sociais que são simultâneas no tempo, ou seja, tudo o que ocorre na sociedade está inserido em um espaço determinado, o cenário das ações sociais, que atua como um elemento de aglutinação das práticas simultâneas. Sua importância como base para as cenas sociais se dá na medida em que “[...] *el espacio no es un reflejo de la sociedad, sino su expresión. En otras palabras, el espacio no es una fotocopia de la sociedad: es la sociedad misma.*”⁴⁷ Aqui podemos concluir que as práticas sociais moldam e configuram os espaços, e que estes são a simbologia material destas práticas. Mas as práticas sociais são a expressão de determinado grupo manifestando-se de acordo com a sua posição atual e a sua posição virtual na sociedade, de um grupo que traça seu caminho dentro da sociedade, e esta posição somente é determinada pelo repertório de informações que este grupo detém. Assim as práticas sociais são determinadas pelos fluxos de informações entre os grupos, e por isto seu espaço é determinado na semiosfera.

Da mesma forma, esta relação dialógica entre práticas sociais e o espaço pode também ser encontrada na autoreferência dos sistemas da semiosfera. Este círculo de autoreferência encontra-se em diversas expressões espaciais: um espaço arquitetônico de uma cidade desenha as expressões do poder político, cultural e econômico de uma sociedade, assim como uma torre renascentista desenha a estrutura de poder civil ou religioso desta época em uma determinada cidade. Esta dialógica entre a expressão social e o espaço gera o que Lotman chamou de metasemiosfera: “Uma imagem apropriada para caracterizar a relação entre a semiosfera e sua metasemiosfera é aquela do espelho, uma vez

⁴⁵ Ibid. cap.6, p.453-454

⁴⁶ “[...] o espaço é o suporte material das práticas sociais que compartilham o tempo.” (tradução nossa) ibid. cap.6, p. 489, grifo do autor.

⁴⁷ “[...] o espaço não é um reflexo da sociedade, senão é a sua expressão. Em outras palavras, o espaço não é uma fotocópia da sociedade: é a sociedade mesma.” (tradução nossa) ibid. cap.6, p. 488

que ele é capaz de caracterizar a relação de iconicidade entre dois espaços.”⁴⁸ E prossegue, nas palavras do semiótico alemão Winfried Noth (1944):

“Lotman ilustra este argumento com o exemplo da semiose dos espaços urbanos nos quais a igreja principal de uma cidade ou capital de um país funciona como um centro idealizado de um universo cultural mais amplo: ‘por um lado, os edifícios arquitetônicos copiam a imagem espacial do universo e, por outro, esta imagem do universo é construída em analogia com o mundo das construções culturais que a espécie humana cria.’⁴⁹”

Chegamos ao fato que os espaços são formatados pelas expressões e práticas sociais, e estas são também referenciadas no desenho dos espaços. Assim, a intersecção entre espaço e sociedade revela-se inerente e primordial. Centremo-nos então na questão da sociedade informacional em que vivemos, a sociedade rede, para analisar a configuração dos espaços dela resultantes. Nosso intuito é mostrar que na alteração estrutural dos sistemas de comunicações para uma morfologia de rede, altera-se também a configuração dos espaços nesta era da informação, e com ele, toda a semiosfera.

Primeiramente cabe aqui uma rápida passagem pelas características estruturais da sociedade rede na era da informação. Segundo Castells,

“[...] como tendencia histórica, las funciones y los procesos dominantes en la era de la información cada vez más se organizan en torno a redes. Éstas constituyen la nueva morfología social de nuestras sociedades y la difusión de su

⁴⁸ LOTMAN, Y. 1990 : 54-56, apud NOTH, W. Lúri Lótman: a cultura e suas metáforas como semiosferas auto-referenciais. In: MACHADO, I. (Org) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. cap. I, p.93

⁴⁹ Id.: 203, loc.cit.

lógica de enlace modifica de forma substancial la operación y los resultados de los procesos de producción, la experiencia, el poder y la cultura.”⁵⁰

De fato esta morfologia estruturada em forma de rede sempre existiu em determinados segmentos da sociedade, principalmente nos relacionados com a produção, o capital e a difusão cultural, pois foi com base em estruturas de redes de conexão que se construíram as relações dos sindicatos, das bolsas de valores, dos bancos, das mídias de teledifusão e das logísticas de redistribuição da produção, entre outros exemplos. Porém, somente a partir do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação digital online, é que os canais de difusão da informação puderam realmente se multiplicar em razão exponencial, criando uma infinidade de novas conexões entre os milhões de novos nós de uma rede integralmente aberta, que agora conecta tanto instituições como indivíduos entre si. Além disso, o valor de uma rede está diretamente relacionado ao seu número de nós e conexões⁵¹, e por isso também foi promovida a corrida empresarial pela rápida ampliação das novas redes de comunicação. Assim, a condição *sine qua non* para que as tecnologias da comunicação pudessem imprimir na informação a qualidade de parâmetro fundamental e primordial na organização das relações sociais em todos os seus setores, determinando inclusive o período em que vivemos como era da informação, era expandir infinitamente seus canais de transmissão para todas as direções, transformando assim em nós interconectados não somente as instituições, mas também os indivíduos.

Desta forma a comunicação interconectada em redes modela os fluxos de informação, compostos por pulsos de significados, que rapidamente escalam as

⁵⁰ “[...] como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação cada vez mais se organizam em torno a redes. Estas constituem a nova morfologia social das nossas sociedades e a difusão de sua lógica de enlace modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos de produção, a experiência, o poder e a cultura.” (tradução nossa) CASTELLS, M. op.cit. Conclusão, p.549.

⁵¹ Sobre o aumento do valor de uma rede o engenheiro elétrico Robert Metcalfe (1946) estabeleceu em 1980 a relação do crescimento dos nós de uma rede com o seu valor intrínseco sendo a fórmula $v=n$ elevado a $(n-1)$, onde “v” é o valor e “n” o número de nós. Da mesma forma o aumento das conexões bilaterais em uma rede a medida em que se incrementa o número de seus nós, pode ser expressa pela fórmula $c=n(n-1)/2$, onde “n” é o número de nós e “c” o número de conexões bilaterais. Estas fórmulas ficaram amplamente conhecidas no mundo das engenharias de comunicação como a lei de Metcalfe. (CASTELLS : 2005, 104)

etapas entre um nó e outro da rede. Este fenômeno dos fluxos ocorre tanto fisicamente quando, em forma de sinais luminosos ou de pulsos eletromagnéticos a informação percorre as fibras óticas e os cabos hoje espalhadas por toda a superfície planetária (de maneira desigual), intercaladas por antenas e satélites, como também orgânica e abstratamente, quando os pulsos de significados atingem os indivíduos e instituições receptoras que o retransmitem ao próximo nó. Percebe-se aqui que todas estas transmissões e retransmissões, tanto físicas dos sinais como abstratas dos significados, modela uma arquitetura de fluxos que é paradoxalmente contínua, pois a rede se conecta e retransmite em todas as direções, e intercalada, pois cada nó é uma etapa e, em seu sentido abstrato, pode impactar a mensagem. Esta arquitetura molda também a forma do corpo da semiosfera.

Pois através destes fluxos, e somente através deles, uma vez que é na semiosfera que pode ocorrer a formação de significado e se concretizar a comunicação, é que se constrói então a sociedade na era da informação. Os relacionamentos de toda sorte na sociedade ocorre através da morfologia dos fluxos contidos na rede global, fluxos de capital, fluxos de informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizativa, fluxos de imagens, fluxos de sons e fluxos de símbolos, como diz Castells.⁵² E ainda:

“Los flujos no son solo un elemento de la organización social: son la expresión de los procesos que *dominan* nuestra vida económica, política y simbólica. [...] Por lo tanto, propongo la idea de que hay una nueva forma espacial característica de las prácticas sociales que dominan y conforman la sociedad red: el espacio de los flujos. *El espacio de os flujos es la organización material de las prácticas sociales en tiempo compartido que funcionan a través de los flujos.*”⁵³

⁵² CASTELLS, M. op.cit. cap.6, p.489

⁵³“Os fluxos não são somente um elemento da organização social: são a expressão dos processos que *dominam* nossa vida econômica, política e simbólica. [...] Portanto, proponho a idéia de que há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e conformam a sociedade rede: o espaço dos fluxos. *O espaço*

É através do espaço dos fluxos que a percepção espacial do homem pós-moderno se alterou. A própria noção de fluxo imprime na morfologia dos novos espaços o caráter de movimento, dinamismo e organicidade, em contraste com os espaços modernos caracterizados pelos lugares fixos em sua continuidade estática. Assim ao mesmo tempo em que nos conectamos com qualquer pessoa ou instituição em qualquer parte do mundo, de forma imediata e instantânea, rompendo as barreiras do tempo e do espaço, ao sairmos da frente do computador e comprarmos uma calça na loja mais próxima de casa, estaremos subsidiando sua produção em outra parte do planeta, enviando capital para uma terceira, e mantendo os serviços ativos em agências de comunicação de uma quarta parte. E não precisamos perceber estas conexões a cada momento em que elas ocorrem, simplesmente porque elas estão por toda parte, a qualquer tempo, e por isso não necessitam se explicitar. A percepção do espaço se esmaeceu no momento em que, junto com o tempo, ele se dispersou e tornou-se um ente em contínuo movimento através dos fluxos que circulam por todos os lados a todos os momentos.

Desta forma surge também a dialética da nova configuração entre os espaços urbanos e os extraurbanos. A fronteira entre o centro da metrópole e as suas periferias, e entre estas e o campo, se desfazem na medida em que os fluxos de informação abrangem a todos os espaços territoriais, trazendo e levando informações, valores, capital e poder indistintamente por onde alcança a comunicação. O que diferenciava os dois lados da fronteira entre centro e periferia sempre foi a alteridade cultural e social que cada um dos lados via no outro, que claramente ainda persiste como imaginário referencial, mas que agora coexiste com uma integração cultural global, pois o acesso à informação no espaço dos fluxos é livre e desprendido de territorialidades, e ocorre dos dois lados da fronteira física. Todos podem ter acesso às mesmas informações, assim como podem escolher o tipo de informação que desejam aceder. As fronteiras culturais e sociais não mais se baseiam por espaços físicos e estáticos, pelos lugares de então, mas se baseiam nas similaridades das opções de informações

dos fluxos é a organização material das práticas sociais em tempo compartilhado que funcionam através dos fluxos.” (tradução nossa), ibid. cap.6, p.489, grifo do autor.

que se determinam os grupos e os indivíduos. Um sujeito inteiramente formado como cidadão do centro, e residindo no centro de uma metrópole, pode pertencer ao mesmo espaço que outro sujeito inteiramente formado na periferia e residindo na periferia, bastando para isso que pertençam às mesmas comunidades de identidades adotadas através dos mesmos interesses, e comunicadas pelos mesmos fluxos espaciais de significados. Assim também o homem que está no campo pode pertencer ao mesmo grupo. Todos os três podem agora fazer parte do mesmo espaço cultural, integrados em uma semiosfera comum, e experimentar as mesmas vontades, decisões ou comportamentos sociais. Assim a noção da identidade espacial baseada no território deu lugar à noção de identidade espacial baseada no fluxo de comunicação. O sujeito pertence à sua cidade, mas é agora cidadão do mundo. Porém a noção de periferia urbana permanece fortalecida, mas agora com base em outros parâmetros espaciais: a periferia passa a ser uma condição do não-acesso à informação e não mais uma condição de localização territorial.

Da mesma forma que os fluxos carregam em si os principais aspectos estruturais da sociedade, esta nova morfologia do espaço é moldada também pela estrutura fluída da sociedade. A cultura flui por estes fluxos de informação e determina os espaços culturais da sociedade, a economia é transacionada através dos fluxos de informação e molda os espaços econômicos que são interconectados por estes fluxos, e assim também ocorre com a política e o poder. Sobre esta valorização da informação sobre o território, que desloca consigo o foco do poder, escreveu Lyotard em 1979: *“It is conceivable that the nation-states will one day fight for control of information, just as they battled in the past for control over territory [...]”*⁵⁴. Esta noção fica um pouco mais clara com uma simples observação à luz do dia, quando passamos pela rua em frente a um destes imponentes e gigantescos edifícios sede de grandes bancos e corporações globais, geralmente enorme torres de vidro, e identificamos imediatamente que o valor desta corporação não está lá, contido naquele edifício, pois mesmo se aquela for a sede central da corporação, a percepção é

⁵⁴ “É concebível que as nações-estado irão um dia lutar pelo controle da informação, exatamente como batalharam no passado pelo controle do território”. (tradução nossa), LYOTARD, J.F. **The Postmodern Condition**. 20ed. Minneapolis : Univ. of Minnesota Press, 1999. cap.1, p.5,

que o seu valor intrínseco está dissociado daquele lugar físico, que supera os limites físicos daquele lugar pontual. Aquele edifício é apenas um dos nós de uma gigantesca rede, e esta noção se manifesta hoje de maneira concreta e clara no cidadão. Para esta observação basta uma rápida caminhada pela City londrina, Wall Street nova-iorquina ou La Defense parisiense, ou por qualquer outro dos centros financeiros das grandes cidades. E assim também, como as instituições e corporações, a identidade do indivíduo está se transformando, impulsionando o sujeito desta modernidade líquida a não mais se referenciar a seu lugar natural, mas a seus grupos de pertencimento estabelecidos sobre os fluxos de informação que circulam pelo seu nó individual nesta grande rede planetária, ou seja, aos seus espaços virtuais da informação.

Mas quais então são as novas fronteiras espaciais? Como se dividem as fronteiras dos espaços dos fluxos? Para entrar na questão das novas fronteiras espaciais devemos entender o processo do surgimento dos espaços dos fluxos como um processo de virtualização dos espaços. Quando os espaços reais e possíveis, aqueles do lugar, se contrapõem aos espaços virtuais e atuais, aqueles dos fluxos, a forma referencial de movimentação do sujeito por entre estes espaços também se altera. Se até o Renascimento a divisão espacial dominante no imaginário era a do corte entre os espaços sagrados e os espaços profanos, e a partir da descoberta do ponto de fuga na perspectiva os espaços passaram a ser dominados pela divisão entre o aqui e o além (a descoberta do horizonte), nesta era da informação a divisão espacial dominante passa a ser o corte entre o acesso e o não acesso (informação verbal)⁵⁵. O sujeito passa a circular por um determinado espaço no momento em que ele tem a possibilidade de acedê-lo a através de uma chave de acesso que lhe abre as portas desta conexão. Estar dentro ou estar fora refere-se a estar conectado ou estar desconectado. A chave de acesso aqui não é mais o elemento de identificação único, como nas comunidades físicas reais, mas é o que abre as portas do acesso primário, pois apenas após a entrada no espaço virtual das informações é que o sujeito poderá então optar pelo seu caminho e se dirigir aos seus grupos de pertencimento e

⁵⁵ PAJON, Patrick. 07/11/2007, ICM-Univ.Stendhal Grenoble-3, durante sessão da disciplina *Culture et imaginaire des images*.

suas comunidades. Uma vez dentro, sua navegabilidade pelos fluxos da informação e as possibilidades de estabelecer trocas reais, e não somente virtuais, são totais.

Nesta coexistência dos espaços virtuais e dos espaços reais, os espaços dos lugares, determinados pelos limites físicos que nos circundam e pelos quais fomos culturalmente moldados no tenro início de nossas vidas, não desapareceu. Seu valor seguirá tanto impactando como sendo impactado por nossas expressões culturais nesta eterna referência dialógica. O que ocorre agora é uma superposição dos espaços dos fluxos informacionais com os lugares físicos, em uma alternância da hierarquia de valores entre eles. Esta dupla noção dos espaços, de que pertencemos a terra onde estamos e também às demais que se imprimiram em nossa memória pelos novos cruzamentos culturais, gera uma tensão permanente na formação dos sentidos que compõe nossa identidade territorial, que supostamente deveria ser única, ou pelo menos moldada apenas pelos lugares físicos onde já vivemos. Sobre esta sobreposição de percepções espaciais e esta tensão, diz Castells:

“Así pues, la gente sigue viviendo en lugares. Pero como en nuestras sociedades la función y el poder se organizan en el espacio de los flujos, el dominio estructural de su lógica altera de forma esencial el significado y la dinámica de aquéllos. La experiencia, al relacionarse con los lugares, se abstrae del poder, y el significado se separa cada vez más del conocimiento. La consecuencia es una esquizofrenia estructural entre dos lógicas espaciales que amenaza con romper los canales de comunicación de la sociedad. La tendencia dominante apunta hacia un horizonte de un espacio de flujos interconectado y ahistórico, que pretende imponer su lógica sobre lugares dispersos y segmentados, cada vez menos relacionados entre sí y cada vez menos capaces de compartir códigos culturales. A menos que se construyan deliberadamente puentes culturales, políticos y *físicos* entre estas dos formas de espacio, quizá nos dirijamos hacia una vida en universos paralelos, cuyos tiempos no pueden

coincidir porque están urdidos en dimensiones diferentes de un hiperespacio social.”⁵⁶

Esta tensão gerada pela sobreposição destes espaços, e o potencial paralelismo entre estes dois universos, por um lado o lugar físico cada vez mais desconectado de seu significado, e por outro o fluxo da informação cada vez mais eficiente como gerador de significantes, é a contribuição da dimensão espacial a esta transformação das identidades na era da informação. E esta transformação é também fortemente notada e debatida em seu caráter territorial, no paradoxo pós-moderno entre os fenômenos da globalização e da regionalização, que veremos a seguir.

3.5 A transnacionalização e o paradoxo entre global e regional

Tendo já como base a existência dos espaços dos fluxos como uma nova morfologia estrutural da dimensão espacial existente nas sociedades pós-modernas, e sendo estas vinculadas diretamente também à aceleração do tempo e à aquisição do fenômeno da imediatidade, como vimos anteriormente, neste subcapítulo usaremos estas condições para uma análise sobre a transnacionalização cultural, econômica e política vivida em nosso tempo e o paradoxo entre os fenômenos da globalização e da regionalização, ambas situações referenciadas diretamente na questão da identidade territorial e em suas manifestações individuais ou coletivas. A idéia é estruturar o relacionamento destas questões das mudanças nas identidades territoriais com a dinâmica da semiosfera dos fluxos acelerados, e para isto passaremos pelo

⁵⁶ “Assim então as pessoas continuam vivendo em lugares. Mas como nas nossas sociedades a função e o poder se organizam no espaço dos fluxos, o domínio estrutural da sua lógica altera de forma essencial o significado e a dinâmica daqueles. A experiência, ao relacionar-se com os lugares, se abstrai do poder, e o significado se separa cada vez mais do conhecimento. A consequência é uma esquizofrenia estrutural entre duas lógicas espaciais que ameaça com romper os canais de comunicação da sociedade. A tendência dominante aponta para um horizonte de um espaço de fluxos interconectado e ahistórico, que pretende impor sua lógica sobre os lugares dispersos e segmentados, cada vez menos relacionados entre si e cada vez menos capazes de compartilhar códigos culturais. A menos que se construam deliberadamente pontes culturais, políticas e físicas, entre estas duas formas de espaço, talvez nos dirigimos a uma vida em universos paralelos, cujos tempos não podem coincidir porque estão imersos em dimensões diferentes de um hiperespaço social.” (tradução nossa) CASTELLS, M. op.cit. cap.6, p.506, grifo do autor.

relacionamento das identidades territoriais (nacionais, regionais e locais) com seu cruzamento com as dimensões do espaço e do tempo.

A idéia de identidade nacional está diretamente ligada à noção de pertencimento a uma mesma narrativa histórica, moldada pelos mesmos heróis ou ritos vividos por determinado estado-nação, e da mesma forma por determinada comunidade regional. A identidade cultural da nação é diretamente vinculada às experiências legadas pelas gerações anteriores de seus momentos de expressão desta narrativa, a mesma batalha vencida ou perdida, as mesmas conquistas políticas, as mesmas referências de expoentes culturais ou heróicos, e as mesmas manifestações estético-culturais. Desta forma esta identidade é compartilhada por indivíduos de determinada sociedade, que viveram no mesmo espaço e em tempos simultâneos as mesmas experiências históricas. Para que ela seja compartilhada e validada ela deve ser assim referenciada nas dimensões do espaço e do tempo, e encontrar neste cruzamento as idênticas práticas sociais, pois somente desta forma pode-se gerar um simbolismo representado pela identidade nacional que tenha a capacidade de ser reconhecido e aceito pelos indivíduos, que, com este reconhecimento, preenchem as suas expectativas de abrigo na sociedade.

Porém alguns aspectos contribuem para o enfraquecimento da identidade nacional neste momento pós-moderno da história, possibilitando uma recomposição da geografia das identidades territoriais. Um deles é o fato da identidade nacional, tida como uma característica adquirida pelo indivíduo no seu nascimento (e.g. se nasci no Brasil, brasileiro sou), poder ser na verdade considerada não como natural, mas como uma determinação criada para benefício político e manutenção do poder do Estado. Sobre esta condição culturalmente construída da identidade nacional pelo Estado, Zygmunt Bauman afirma:

“A ficção da ‘natividade do nascimento’ desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo nascente Estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos [...] Estado e nação

precisavam um do outro. Seu casamento, alguém poderia dizer, foi oficiado no céu... O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade." ⁵⁷

O reconhecimento desta condição da identidade nacional como uma representação híbrida entre aquilo que o sujeito acredita pertencer no momento de seu nascimento e aquilo que o Estado lhe imputa como condição para que seja reconhecido cidadão, e assim acate as suas decisões, enfraquece o núcleo de formação da identidade, aquele que, na definição aristotélica, define-se pelas suas características de unicidade e exclusividade. Pois deve-se lembrar também que o poder político pode sempre ser contestado, e mudar no decorrer de seu tempo, enquanto a origem do nascimento do sujeito será sempre a mesma - uma herança incontestável do acaso.

Outro aspecto de enfraquecimento da identidade nacional é o fato próprio das transformações midiáticas no jogo do poder no pós-guerra na segunda metade do século XX. Em um momento onde a televisão e a distribuição da informação a longas distâncias surgiam para dominar o avanço das tecnologias das mídias, e a política internacional passava pelo domínio americano após a vitória dos aliados na segunda guerra e pela necessidade da reconstrução da Europa, a excelente oportunidade de avanço econômico da produção ocidental para preencher os espaços vazios na Europa e em todo o Globo foi um potente motor para o vencimento de barreiras nacionais e o avanço econômico ocidental, liderado pelos Estados Unidos. E o canal para a concretização deste avanço econômico era a geração de uma cultura de aceitação do consumo através da exportação cultural da identidade americana. Este processo deu início a um período de grande aceleração da globalização econômico-cultural no planeta, fenômeno que sempre existiu, mas que agora assumia uma dimensão de grande impacto no enfraquecimento das demais identidades nacionais. Estas, que até então eram "o direito monopolista de traçar a fronteira entre 'nós' e 'eles'" ⁵⁸,

⁵⁷ BAUMAN, Z. **Identidade**. São Paulo: Zahar, 2005. p.27

⁵⁸ *Ibid*, p.28

passavam agora a ser uma moeda de troca na relação econômica e de consumo internacional (a idéia de que os relógios suíços são precisos, de que os carros americanos são confortáveis, de que os vinhos franceses são os melhores, etc).

De qualquer forma, a fragilização das identidades nacionais não somente está vinculada a sua condição artificial reforçada pela necessidade do controle do Estado sobre o indivíduo, e nem tão pouco somente à propagação das mídias de massa e suas mensagens para o consumo de produtos ocidentais na segunda metade do século XX. Esta fragilização faz parte de um processo maior e mais complexo ligado a diversos fatores, mas que tem certamente como uma de suas colunas estruturais as novas percepções das dimensões do espaço e do tempo aqui citadas, e que se conectam com o conceito de semiosfera em sua relação morfológica com a aceleração dos fluxos de comunicação. Quatro aspectos do processo de globalização são importantes como causa das transformações das identidades territoriais:

O primeiro é talvez o mais visível deles: a transposição dos espaços dos fluxos sobre os espaços físicos da territorialidade. Como vimos, a coexistência destas duas estruturas espaciais, por estarem em descompasso em relação aos seus alcances e limitações, ressaltam também uma nova diferenciação entre as suas culturas relativas, de um lado a cultura do lugar, a localidade, e de outro a cultura global, ou o mix cultural da panela global. Uma vez que os fluxos de informação e transações econômicas e culturais avançam em sua estrutura de rede global por todo o planeta, em intensidades diferentes, levam consigo representações culturais diversas que penetram em diferentes níveis do *continuum* semiótico de seus receptores. Este processo de interculturalidade é inteiramente desenvolvido pelo encontro de duas ou mais semiosferas, que para que possam produzir significados, se agrupam, unificando-se (pois como mostrado por Lotman, somente na semiosfera é possível a comunicação e a produção de sentido). Assim, as identidades nacionais, limitadas pelas suas fronteiras políticas do estado-nação, se fragilizam diante da formação de uma espaço semiótico contínuo apoiado nos espaços dos fluxos de informação, que determinam uma semiosfera abrangente e unificadora dos elementos que eram,

até então, dispersos por suas diferenças culturais. Em outras palavras, o avanço dos espaços dos fluxos por sobre as fronteiras dos espaços dos lugares rompe com a possibilidade da manutenção das identidades nacionais. Ainda que esta seja uma superposição de duas realidades e, portanto, as identidades territoriais permanecem existindo em relação aos espaços dos lugares, elas se fragilizam diante desta tensão paradoxal. Famosos movimentos mundiais de resgate das identidades territoriais como, por exemplo, o *Slow Food*⁵⁹, são gerados por um reflexo direto desta tensão paradoxal, e por isso, ainda que tenham uma causa verdadeiramente nobre como o resgate das tradições culturais e representem um real necessidade das sociedades pós-modernas, serão sempre limitados.

Este ponto nos leva então ao segundo aspecto gerador da fragilização das identidades nacionais e da transformação das identidades territoriais que, em geral, é um dos elementos fortes do paradoxo global/regional. No momento em que as identidades nacionais se fragilizam, as identidades mais próximas do indivíduo passam a se fortalecer, como em uma defesa da identidade. É natural que a partir do momento em que a identidade se transformou em uma questão, ou seja, quando nas sociedades pré-modernas a identidade era estável, ela não era questionável, já na modernidade, com a necessidade de se adotar uma identidade socialmente aceita (como visto no subcapítulo anterior “A identidade e suas transformações na história), ela passou então a ser uma questão a ser debatida, e assim alvo também de defesas.⁶⁰ Além disto, os indivíduos tendem naturalmente a se abrigar nas condições mais sólidas possíveis, e neste caso as suas identidades territoriais mais próximas, como a sua localidade, passam a se manifestar mais fortemente. Sobre este aspecto da defesa da identidade e os dois lados superpostos da expressão da identidade por grupos ou indivíduos, diz Bauman:

⁵⁹ “O Slow Food é uma associação internacional sem fins lucrativos fundada em 1989 como resposta aos efeitos padronizantes do *fast food*; ao ritmo frenético da vida atual; ao desaparecimento das tradições culinárias regionais; ao decrescente interesse das pessoas na sua alimentação, na procedência e sabor dos alimentos e em como nossa escolha alimentar pode afetar o mundo.” Slow Food Brasil, **Bem-vindo ao slow food Brasil!** Disponível em <<http://www.slowfoodbrasil.com/>>, acessado em: 20 ago.2009.

⁶⁰ Ibid, p57.

“Sim, ‘identidade’ é uma idéia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser o grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as ‘pressões coletivas’ por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças [...] e a seus próprios modos de vida [...]. Em outro momento é o grupo que volta o gume contra um grupo maior, acusando-o de querer devorá-lo ou destruí-lo, de ter a intenção viciosa e ignóbil de apagar a diferença de um grupo menor, forçá-lo ou induzí-lo a se render ao seu próprio ‘ego coletivo’, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém, a ‘identidade’ parece um grito de guerra usado numa luta *defensiva*: um indivíduo contra um ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isto ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isto ameaçadora).”⁶¹

Neste jogo das manifestações da identidade, ora do indivíduo e ora do grupo, a fragilização da identidade nacional reforça imediatamente as identidades mais próximas do indivíduo, no caso das territoriais, as identidades da região e da localidade. Este fenômeno é facilmente notado atualmente ao se analisar, por exemplo, as promoções das regiões de forma independente e autônomas do Estado que se praticam hoje em diversas partes, como “Visite Andaluzia” ou “Vinhos do Chianti”. O que ocorre ainda neste caso é que quando as conexões dos fluxos de informação se estabelecem entre dois ou mais pontos distintos, estes pontos são na verdade frações identitárias das regiões e localidades, que agora adquiriram voz na esfera global da grande rede de comunicação, pois assim como o indivíduo, agora também as localidades podem se expressar como coletividade na rede global e disputar a compreensão de suas particularidades culturais na semiosfera de contato com as demais regiões do planeta.

O terceiro aspecto que gostaria de salientar na questão da fragilização das identidades nacionais e que permite a transnacionalização das culturas, e portanto a interculturalidade na semiosfera, é relativo ao encurtamento das

⁶¹ Ibid, p82-83

distâncias, o achatamento do espaço gerado tanto pelos novos espaços dos fluxos como pelas tecnologias que aceleraram os tempos para a transposição espacial. Qualquer ponto do planeta está hoje imediatamente conectado pelos fluxos de informação ou a apenas a distância física de uma passagem de avião (aceitação e viabilização das tecnologias). Este encurtamento das distâncias e a possibilidade da vivência dos processos de interculturalidade geraram um alto fluxo de imigração por todo o planeta, de diversos tipos e sentidos. Tanto a imigração profissional, como a imigração de subsistência e a imigração de exílio, se multiplicaram nas últimas décadas alcançando um total de 3% da população mundial, porém nas regiões mais desenvolvidas o total chega a 9,5% da população⁶², sem considerar as gerações descendentes da imigração. Esta população de imigrantes passa a estar sujeita às mesmas regras sociais das populações autóctones e, ainda que com mais dificuldades de adaptabilidade, estão sujeitas também às mesmas práticas sociais, de forma simultânea e ocupando os mesmos lugares. Assim, a imediatidade das diferenças culturais é ainda mais acentuada, e portanto as trocas ocorrem em maior grau, ainda que as culturas em geral não se integram por completo. Desta forma a resistência nuclear das identidades locais se fortalece enquanto a coabitação gerada pela globalização se faz presente. É interessante notar que, em geral, nestes casos a identidade nacional do receptor se fragmenta enquanto aquela do imigrante costuma se fortalecer pela sobrevivência cultural das suas tradições. E é importante notar aqui também que algumas manifestações de nacionalismo não podem ser confundidas com o fortalecimento da identidade nacional, assim como, segundo Bauman, os movimentos anti-globalização são também inócuos, pois estas manifestações são um resposta tardia do processo dialógico de reação cultural. Sobre esta questão dos movimentos anti-globalização e sua não caracterização como reforço estrutural da identidade local, ele comenta:

“Não se pode ser ‘contra a globalização’, da mesma forma que não se pode ser contra um eclipse do sol. O problema, e o próprio tema do movimento, não é como ‘desfazer’ a unificação do planeta, mas como domar e controlar os

⁶² 190,634 milhões de imigrantes no mundo segundo dados do relatório **International Migration 2006** da ONU, em <http://www.un.org/esa/population/publications/2006Migration_Chart/2006IttMig_chart.htm>, acessado em 16/08/2009.

processos, até agora selvagens, da globalização – e como transformá-los de ameaça em oportunidade para a humanidade.”⁶³

E segue com uma colocação sobre a tensão gerada pela questão da sobreposição espacial simultânea entre o fenômeno da globalização e da regionalização:

“Uma coisa, porém, precisa ficar clara: ‘pense globalmente, aja localmente’ é um tema mal concebido e até perigoso. Não há soluções locais para problemas gerados globalmente. Os problemas globais só podem ser resolvidos, se é que podem, por ações globais. [...] As forças globais descontroladas e destrutivas se nutrem da fragmentação do palco político e da cisão de uma política potencialmente global num conjunto de egoísmos locais numa disputa sem fim, barganhando por uma fatia maior das migalhas que caem da mesa festiva dos barões assaltantes globais. Qualquer um que defenda “identidades locais” como um antídoto contra os malefícios dos globalizadores está jogando o jogo deles – e está na mão deles.”⁶⁴

Esta tensão, gerada pela mesma sobreposição dos espaços (já tratada no subcapítulo anterior) é talvez ainda um dos reflexos da busca do homem pela sua identidade perdida. Se a possibilidade de transformação das identidades iniciou-se com a forte multiplicação da aquisição de conhecimento na época do Renascimento, e posteriormente foi acelerada com os processos tecnológicos da industrialização no início da era moderna, é com a mesma multiplicidade do conhecimento em oferta para todos no planeta que ocorre neste momento da imediatidade da era da informação, que torna-se possível o jogo das múltiplas identidades no indivíduo e nos grupos. Jogo este estruturado nos meandros da semiosfera, e que nos leva à necessidade de se repensar o valor cultural da identidade nos relacionamentos humanos.

⁶³ BAUMAN, Z. op. cit. P.94

⁶⁴ Ibid, p.94-95

E assim chegamos ao quarto aspecto da fragilização das identidades territoriais, que é a própria multiplicidade das identidades individuais. Como já citado, o indivíduo que agora dispõe de identidades efêmeras, e que busca esta troca da maneira que mais lhe serve para adaptar-se aos seus grupos, deixa assim de promover fortes laços nas suas comunidades reais baseadas na territorialidade. Desta forma o coletivo identitário que tem base nos lugares não mais encontra a força da unicidade necessária para caracterizar-se como identidade forte. Em outras palavras, ao se fragmentarem as identidades do indivíduo, fragmenta-se também a identidade de todo o seu grupo.

Este tema, da fragilidade dos laços nas comunidades reais, das múltiplas identidades do indivíduo, da fragmentação dialógica nas trocas culturais e do papel das tecnologias da comunicação em todos estes processos, serão agora observados no capítulo que se segue.

4. FRAGMENTAÇÃO DIALÓGICA

Neste capítulo entraremos diretamente nos temas relacionados às novas mídias digitais online que compõem o elemento chave da transformação das tecnologias da comunicação na era da informação, e mais detalhadamente nos aspectos da experiência da recepção através destas mídias e suas diversas influências no comportamento do homem pós-moderno. Tendo em vista os aspectos já estudados a respeito das alterações da percepção das dimensões do tempo e do espaço, o objetivo do caminho traçado neste capítulo é então o de retratar mais diretamente quais os resultados concretos e práticos da utilização pelos indivíduos e pelos grupos das novas mídias e como cada uma das suas características de recepção colabora diretamente no fenômeno da transformação das identidades, atuando ao mesmo tempo como promotor e como catalisador dos processos internos à semiosfera. Durante todo o percurso estará presente o fenômeno da fragmentação dialógica, atributo intrinsecamente ligado à recepção das mídias digitais e sua implicação no posicionamento do receptor.

Iniciaremos com um dos elementos chave para a compreensão da força das novas mídias, que é a característica da sua recepção (quase) total, baseada em dois aspectos: a tecnologia multimídia e a sua inerente interatividade. A seguir passaremos ao comportamento do receptor na sociedade, baseados não somente nas novas mídias, mas em todos os conceitos da recepção midiática, neste caso relacionando duas teorias muito atraentes de dois importantes autores: Erving Goffman e, novamente, Manuel Castells. Passaremos então à atual evolução das comunidades, agora ditas virtuais, as novas tribos e as redes sociais, e qual responsabilidade elas têm dentro deste processo da transformação das identidades e como seus usuários passam a assumir diferentes papéis nos sistemas de comunicação, rompendo os cânones tradicionais da esfera pública. Faremos então uma análise sobre a questão dos contextos e dos ruídos da comunicação relacionando-os com os fenômenos aqui estudados, para então abrir caminho para a conclusão deste estudo, no próximo capítulo, iniciando já o debate sobre as possibilidades se mostram para o futuro das identidades.

4.1 O multimídia e a experiência da recepção total

Desde Walter Benjamin (1892-1940) e seus pensamentos a respeito da experiência estética, diversos autores se debruçaram sobre a questão da recepção das mídias, sendo que Hans Robert Jauss (1921-1997) abriu importantes portas para o debate através de seus estudos sobre a recepção na literatura. Mais recentemente, o jornalismo e a televisão ocuparam o cenário destes estudos e autores contemporâneos como Milly Buonanno, Bernard Miège, Isabelle Pailliard, Daniel Dayan, Eliséo Veron e Dominique Cardon, entre outros, têm conquistado importantes avanços em suas pesquisas sobre o tema.

Entre todas as direções, o mais importante aqui para nosso estudo é a compreensão de que cada meio de comunicação tem suas características peculiares de transmissão e recepção, e que todos geram um determinado tipo de impacto no sujeito receptor, atendendo assim a diferentes demandas na prática diária das corporações e dos indivíduos emissores. No início deste estudo falamos também da comunicação experiencial, como uma tipologia comunicativa que, utilizando-se do maior número de meios possíveis, tem a capacidade de alinhar a expectativa do sujeito receptor com a emissão de significados nos fluxos de informação, a fim de gerar uma experiência de recepção de maior impacto e permanência na memória. Portanto, a princípio, podemos começar a ver a transmissão multimidiática como aquela que tem, potencialmente, as maiores probabilidades de gerarem uma experiência de recepção abrangente, de alto impacto, de grande capacidade de sedução e convencimento, e de maior permanência na memória. Mas será que esta correlação é tão simples assim?

Voltemos um pouco no tempo, e para isto usaremos aqui uma observação de Castells a respeito da aquisição na recepção multimidiática surgida a princípios do século XX com os primeiros cinematógrafos, desenvolvida posteriormente com os tubos catódicos da televisão em meados do século, e explorada com mais recursos e interatividade a partir da comunicação digital computadorizada.

Castells⁶⁵ observa que em torno do ano 700 a.C. a invenção do alfabeto na Grécia⁶⁶ viria a estruturar uma nova forma de pensamento no mundo. Até aquele momento a comunicação se dava de forma integral, por sinais, linguagem oral, linguagem visual, desenhos e sons, ou seja, a comunicação não alfabética. O que ocorria era que o sentido se formava de maneira integral, onde a dialética entre sujeito e objeto não era observada, apenas ocorria. Foi com a invenção do alfabeto que o homem passou a poder acumular a informação e observar o seu conteúdo de forma crítica. A comunicação alfabética *“Hizo posible tender un puente de la lengua hablada al lenguaje, con lo que se separó lo hablado del hablante y se possibilitó el discurso conceptual.”*⁶⁷ O alfabeto permitiu a linearidade do raciocínio e a exatidão dos registros, de forma a gerar expressões de sentidos apurados. Ainda que a ampla difusão do alfabeto só viesse ocorrer vários séculos depois, com a invenção do papel e posteriormente com a invenção da prensa – justamente no Renascimento, esta nova capacidade traçou uma hierarquia entre a expressão crítica do pensamento e a expressão abstrata subjetiva.

“Al establecerse implícita y explícitamente una jerarquía social entre la cultura alfabetizada y la expresión audiovisual, el precio pagado por fundar la práctica humana en el discurso escrito fue relegar el mundo de sonidos e imágenes a los bastidores de las artes, para ocuparse del dominio privado de las emociones y del mundo público de la liturgia.”⁶⁸

⁶⁵ CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I., cap.5.

⁶⁶ O alfabeto na Grécia foi o primeiro a igualar os valores das vogais com as consoantes, originando as raízes dos alfabetos ocidentais, mas não foi a primeira aparição de simbologias lineares que expressavam graficamente os fonemas, transferindo a linguagem falada para a representação escrita.

⁶⁷ “Tornou possível estender uma ponte da língua falada à linguagem, o que separou o falado do falante e possibilitou o discurso conceitual.” (tradução nossa) CASTELLS, M. op.cit. cap. 5, p. 399.

⁶⁸ “Ao estabelecer-se implícita e explicitamente uma hierarquia social entre a cultura alfabetizada e a expressão audiovisual, o preço pago por basear a prática humana no discurso escrito foi o de relegar o mundo dos sons e das imagens aos bastidores das artes, para ocupar-se do domínio privado das emoções e do mundo público da liturgia”. (Tradução nossa) CASTELLS, M. op.cit. cap. 5, p. 399-400

Esta separação hierárquica se reforçou no imaginário coletivo ao longo dos últimos seis séculos, valorizando o registro linear acumulativo e quantitativo da informação sobre os sistemas integrais qualitativos da expressão humana, em outras palavras, valorizando os registros do texto escrito sobre os registros das imagens ou sons. Segundo Castells, ainda hoje isto explica, por exemplo, a tensão existente entre a comunicação nobre e a comunicação sensorial na frustração de intelectuais opostos à influência da televisão na crítica social dominante nos meios de comunicação de massa.⁶⁹

Porém agora, pela primeira vez na história integram-se na comunicação humana as modalidades escrita, oral e audiovisual⁷⁰, em uma transformação de dimensões históricas similares à ocorrida 2.700 anos atrás.⁷¹ O hipertexto da comunicação multimidiática, que permite assim a união da comunicação crítica racional à comunicação subjetiva das imagens e dos sons, possibilita a geração de um sentido muitas vezes mais acurado, através do fornecimento de informações mais completas e abrangentes sobre o objeto de análise. A recepção multimídia ativa uma capilaridade maior de fluxos de significados no ambiente semiótico onde o indivíduo está inserido, assim como os significantes presentes no espaço físico também o fazem. A comunicação multimídia ocupa uma parcela maior deste ambiente semiótico, do que ocupa, em geral, um ou outro canal atuando isoladamente. É fundamental ressaltar, porém, que não são os meios, mas sim o conteúdo narrativo que tem a capacidade de absorção da atenção do sujeito receptor, e desta forma, o simples fato de se estabelecer a comunicação através de mais de um meio simultaneamente não garante, em absoluto, uma maior eficiência no processo comunicacional, apenas promove uma possibilidade

⁶⁹ Ibid. p. 400. (Aqui podemos acrescentar também que isto explica a origem da resistência, até mesmo de intelectuais que já aceitaram a televisão, à validação das novas mídias digitais como fator de influência nesta mesma análise crítica social, engessando, em muitos casos, a evolução do pensamento na academia.)

⁷⁰ Alguns estudos nos EUA e no Japão já desenvolvem possibilidades para a emissão de odores pelos computadores e televisões, porém esta ainda é uma experiência muito incipiente, em função de sua hipotética baixa eficiência, não de todo compreendida na possibilidade de sua viabilização tecnológica e comercial. E também: em 1960 nos EUA uma experiência apelidada então de Smell-O-Vision foi realizada com a insuflação de aromas em uma sala de cinema durante a apresentação de um filme. Antes disto outras experiências foram feitas com a passagem de mão em mão de algodões banhados em aromas durante exibições de filmes, já em 1916, e também nos EUA, portanto antes do cinema falado. (KIRSNER, S. 2008)

⁷¹ Ibid. p.400

de preenchimento de mais fluxos de informação simultâneos. Prova disto é a comunicação pela literatura, ou pela música, que têm ambas uma enorme capacidade ativar mais de um canal sensorial, mesmo que seja recebida apenas por um deles.

Sobre este ponto é muito importante ressaltar também que não somente as tecnologias multimídias não são determinantes na ampliação dos efeitos da recepção, como também as tecnologias da comunicação em geral não são determinantes nas transformações sociais que vivemos nesta era da informação, porém, como diz a socióloga Milly Buonanno (2008), elas são elementos que constituem as condições para a possibilidade destas transformações:

“In reality one should say about technologies what even believers in astrology are willing to acknowledge concerning the stars: that is to say, that they show the way but do not determine it. Or one should say, in terms that are more appropriate in the context of Bourdieusian sociology, that they constitute a ‘condition of possibility’, necessary but not sufficient, for social change.”⁷²

Sobre o mesmo assunto, vale lembrar também uma passagem de Castells:

“Por supuesto, la tecnología no determina la sociedad. Tampoco la sociedad dicta el curso del cambio tecnológico, ya que muchos factores, incluidos la invención e iniciativas personales, intervienen en el proceso del descubrimiento científico, la innovación tecnológica y las aplicaciones sociales, de modo que el resultado final depende de un complejo modelo de interacción. En efecto, el dilema del determinismo tecnológico probablemente es un falso problema, puesto

⁷² “Na realidade poder-se-ia dizer sobre as tecnologias o que até mesmo os crentes em astrologia estão ansiosos para compreender em relação às estrelas: ou seja, que elas mostram os caminhos mas não os determinam. Poder-se-ia dizer, em termos mais apropriados em um contexto da sociologia Bourdiana, que elas constituem uma ‘condição de possibilidade’, necessária mas não suficiente, para transformações sociais.” (tradução nossa). BUONANNO, M. **The age of television: experiences and theories**. Bristol, UK : Intellect, 2008, cap.4, p.64

que tecnología es sociedad, y ésta no puede ser comprendida o representada sin sus herramientas técnicas.”⁷³

E segue em uma de suas notas:

“La tecnología no determina la sociedad: la plasma. Pero tampoco la sociedad determina la innovación tecnológica: la utiliza. Esta interacción dialéctica entre sociedad y tecnología está presente en las obras de los mejores historiadores, como Fernand Braudel.”⁷⁴

Portanto são as características gerais do conteúdo e da forma das mensagens multimídias que proporcionam a maximização da eficiência de transmissão e recepção que estes possibilitam. Em Buonanno, são as narrativas (com suas diversas tipologias), como um dos principais elementos da estrutura morfológica da mensagem, que podem explicar a eficiência dos meios audiovisuais. Acreditamos que estas são também elemento central na eficiência da recepção através das multimídias digitais.

Estabelecidas estas limitações, passa a ser fundamental para a nossa análise da aceleração e multiplicidade dos fluxos de significados na semiosfera, o entendimento da força da recepção multimidiática. E para ilustrar estes possíveis efeitos da multisensorialidade na recepção multimidiática, vale aqui retornarmos então à morfologia estrutural da semiosfera. Como dissemos anteriormente, a fronteira da semiosfera atua como uma membrana tradutora dos fluxos externos

⁷³ “Por suposto, a tecnologia não determina a sociedade. E também a sociedade não dita o curso das mudanças tecnológicas, já que muitos fatores, incluídas a invenção e as iniciativas pessoais, intervêm no processo do descobrimento científico, da inovação tecnológica e das aplicações sociais, de modos que o resultado final depende de um complexo modelo de interação. De fato, o dilema do determinismo tecnológico provavelmente é um falso problema, posto que tecnologia é sociedade, e esta não pode ser compreendida ou representada sem as suas ferramentas técnicas.” (tradução nossa) CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I., p.35, grifo do autor.

⁷⁴ “A tecnologia não determina a sociedade: a plasma. Mas tão pouco a sociedade determina a inovação tecnológica: a utiliza. Esta interação dialéctica entre sociedade e tecnologia está presente nas obras dos melhores historiadores, como Fernand Braudel.” (tradução nossa) Ibid. p.35.

de informação para os impulsos internos dos significados. Em uma abstração formal, podem-se imaginar os canais sensoriais do ser humano, ou seja, as portas para o processo físico-químico da biossemiose, como elemento componente da membrana da semiosfera, tal qual exemplificou Uexküll com o conceito aqui já visto de *umwelt*. Destes canais partem as capilaridades que transportam os impulsos biológicos que inicia a biossemiose, ou seja, gerarão os fluxos de significados internos, já traduzidos. Ainda que todos os canais sensoriais estejam permanentemente ativos (i.e. mesmo quando fechamos os olhos entendemos o escuro), sempre que mais canais se ativarem com o mesmo objetivo e a simultânea recepção de significados alinhados, maior será a carga similar, ou idêntica, de significados que fluem internamente em direção ao núcleo da formação de sentido e, portanto, maior a possibilidade da geração de uma experiência receptiva mais completa e mais perene na memória.

Outros dois fatores colaboram para uma maior penetração na recepção multimidiática. A primeira é o fato dos canais audiovisuais apresentarem uma multiplicidade de possibilidades de interpretação superior aos canais do texto escrito, e que raramente se esgotam (esta observação é pertencente às peculiaridades da semiótica e às da semiologia), ou seja, nas imagens e nos sons as características estéticas às quais podemos nos ater para extrair significados têm uma continuidade multidirecional que permite uma navegação por entre os significantes que não tem início, meio ou fim, e não se encerra em poucas análises. Tonalidades, texturas, sombras, composições, formas, harmonias, movimentos, velocidades, ritmos, e todos os elementos que compõe o audiovisual, apresentam uma infinita possibilidade de combinação sígnica, que não é capaz de totalizar um único ou limitados significados. Esta é uma qualidade das imagens que, logicamente, ocorre também com as imagens geradas pelo texto escrito ou texto sonoro, através dos processos de imaginação, notavelmente frequente na recepção das poesias e prosas literárias, e das músicas.

A segunda é a possibilidade do sujeito receptor interagir diretamente com o texto, em todas suas modalidades, e remontar assim a sequência de recepção

de significados de forma a criar a sua própria e única experiência receptiva mediante um determinado objeto comunicacional, que pode, inclusive, ser comum à outros sujeitos. Esta interação, como abordaremos no subcapítulo a seguir, é uma potente forma de envolvimento do indivíduo com o objeto informacional e por isto um fator notadamente multiplicador dos já potencialmente densos efeitos da recepção multimídia.

De todos os modos, o ponto que nos interessa aqui é ressaltar que esta possibilidade de junção dos canais de textos escritos com o audiovisual, ainda que já tivesse surgido parcialmente com o cinema, e fortemente assimilada em casos específicos com a televisão, somente no último quarto do século XX, justamente na transposição da modernidade para a pós-modernidade, vêm impactando de forma determinante o comportamento do homem cosmopolitano em suas diversas aproximações sociológicas, e aqui investigada no sentido de colaborar com o processo da transformação de suas identidades.

Mas como é possível que uma maior penetração das mensagens e seus significados no núcleo da semiosfera, através de fluxos mais densos, e que pode de maneira tão mais eficiente contribuir para a geração de sentidos mais perenes e marcantes na memória do indivíduo, possa justamente colaborar para a fragmentação e o deslocamento das identidades, os quais argumentamos serem causados pela não solidificação dos significados na memória? E a resposta é: pelo alto grau de sua frequência e sua múltipla e simultânea ocorrência.

Somos, os seres humanos pós-modernos, bombardeados por múltiplas frentes comunicacionais em nosso cotidiano, em sua grande parte através de fontes multimídia. Não mais nos livramos da conexão com a rede planetária de informação, com a exceção de raros momentos ao dia. E se estamos simplesmente sentados tomando nosso café em uma pausa dos escritórios de serviços e informações, nosso vizinho recebe uma chamada de celular enquanto o LCD de 40 polegadas atrás do balcão nos transmite ao mesmo tempo a cotação do dólar, o resultado do campeonato de futebol, a previsão do tempo e as

imagens de um acidente aéreo no sul do Irã. Automaticamente então nos lembramos das recentes e suspeitas eleições daquele país, deixamos o café e telefonamos para o escritório, não sem antes buscar no mapa de nosso navegador celular qual o endereço e a imagem do local de nosso próximo encontro. À noite, quando finalmente nos deitamos para dormir, não são as imagens de campos floridos que nos vêm à mente, mas fechamos os olhos e reativamos em passagens uma série nebulosa das imagens que experimentamos durante a vigília, até que, finalmente, possamos limpar as marcas do dia e começar a sonhar. E apenas se tivermos muitíssima sorte, os sonhos serão bons.

Um dos problemas que se tornou mais frequente nos consultórios de psicoterapia das sociedades mais avançadas no início de século XXI é o déficit de atenção, a incapacidade do sujeito em se fixar em uma determinada ação ou tarefa em função do seu costume em estar envolvido em mais de uma atividade simultaneamente, e em geral em atividades com a mídia. Um estudo realizado em 2009 pela Universidade de Stanford⁷⁵, localizada em Silicon Valley na Califórnia, justamente no olho do furacão da produção da tecnologia mundial em computação, que buscava encontrar super habilidades em pessoas acostumadas a realizar simultaneamente diversas tarefas relacionadas às novas mídias, os *multitaskers*, na verdade encontrou que, em geral, estas pessoas têm desenvolvido um prejuízo de cognição mental, ao comparar a realização de algumas tarefas simples entre elas e outras que não estão sujeitas às multitarefas. *"The high multitaskers are always drawing from all the information in front of them. They can't keep things separate in their minds."*⁷⁶, diz o artigo publicado por Adam Gorlick, no website da universidade, e continua:

"When they're in situations where there are multiple sources of information coming from the external world or emerging out of memory, they're

⁷⁵ GORLICK, Adam. **Media multitaskers pay mental price, Stanford study shows**. Stanford University, 24 ago. 2009. Disponível em < <http://news.stanford.edu/news/2009/august24/multitask-research-study-082409.html>>, acessado em 26 ago. 2009.

⁷⁶ "Os realizadores de multitarefas estão sempre desenhando [imaginando] a partir de todas as informações à que estão expostos. Eles não conseguem separar as coisas na mente deles". (tradução nossa). Ibid.

not able to filter out what's not relevant to their current goal,' said Wagner, an associate professor of psychology. 'That failure to filter means they're slowed down by that irrelevant information'."⁷⁷

Portanto as comunicações multimidiáticas podem gerar um envolvimento maior com o receptor, considerando assim a união entre seus aspectos críticos objetivos com seus aspectos emocionais subjetivos e a ativação de seus múltiplos canais sensoriais, porém, a sua multiplicidade de fontes no tempo em que impactam o indivíduo ao invés de contribuir para a retenção e solidificação de um sentido único - como em geral atuam as tradicionais narrativas lineares, gera a retenção de diversos sentidos simultâneos, criando uma heterogeneidade sógnica que coíbe a formação de um legado perene na memória do indivíduo, e assim também coíbe a formação e a alimentação de suas identidades.

No próximo subcapítulo faremos uma rápida passagem pela origem da interação dos indivíduos na comunicação digital, fator importante para complementar a noção aqui apresentada da densa multiplicidade receptiva das multimídias nos dias de hoje.

4.2 Os quadros de interpretação e a virtualidade real

Este subcapítulo tratará da interpretação da realidade e do sistema dialógico de ação e reação na relação entre mídia e sujeito receptor. Dois importantes objetivos nos levam a tratar aqui deste assunto, o primeiro é a importância deste processo na formação da identidade no indivíduo, a partir do momento em que as suas expressões culturais são moldadas pelas suas experiências particulares, e estas são, em grande medida, formadas pela recepção mediada. E o segundo é ilustrar a natureza intrínseca da interatividade

⁷⁷ "Quando eles estão em situações onde existem múltiplas fontes de informação vindas do mundo exterior [sic] ou emergindo afora da memória, eles não são capazes de filtrar o que não é relevante para o objetivo do momento', diz [Anthony] Wagner, um professor associado de psicologia. 'Esta falha de filtragem significa que eles são freados pelas informações irrelevantes'." (tradução nossa). Ibid.

e da participação do receptor nos processos comunicacionais, que o levarão ao papel simultâneo de receptor, produtor e difusor de informação. Esta ilustração é importante para a compreensão de como se dá o processo que multiplicaria as fontes de informação da modernidade pelo próprio gigantesco número de usuários das comunicações digitais na pós-modernidade, e que geraria um crescimento exponencial da emissão de informação no planeta e, portanto, da quantidade de informação que o indivíduo recebe. Além disso, a interatividade nas mídias digitais online é um pressuposto para o funcionamento destas ao mesmo tempo que um dos importantes fatores que originaram as transformações por elas possibilitadas na era da informação.

Para isto o caminho que resolvemos adotar foi buscar as referências sobre a interpretação da realidade nos conceitos sobre a representação do papel social por parte do indivíduo, estruturados por Erving Goffman e exaustivamente explorado em seu livro "*Frame analysis: An essay on the organization of experience*"⁷⁸, publicado em 1974. Passaremos também por uma ligação deste tema com a observação de Castells a respeito da virtualidade real, abordando assim tanto a formação da identidade como a interatividade proporcionada pela idéia dos quadros da experiência, agora nas novas mídias digitais. Mas, como já dito, a tecnologia não é o fator determinante das transformações sociais e sim o fator que permite que estas transformações ocorram, é importante buscar algumas pistas para a fragmentação da identidade e a ocorrência da nova interatividade midiática, na realidade intrinsecamente humana, e não somente na tecnologia.

A realidade, sendo um dos conceitos mais recorrentes na história do pensamento filosófico, tem suas inúmeras acepções, desde a sua estruturação por Platão e sua ilustração no Mito da Caverna, até Peirce, Kant e Barthes, entre diversos outros. Goffman cita William James (1950), que diz que a realidade, ou o mundo, não é em verdade o próprio mundo como um todo, mas o universo

⁷⁸ Aqui usada a sua edição francesa: GOFFMAN, E. **Les cadres de l'expérience**. Paris : Editions de Minuit, 1991.

particular de um determinado indivíduo⁷⁹, e afirma: *“Chaque monde est, le temps que dure notre attention, réel à sa manière; simplement, la réalité se dissipe avec l’attention.”*⁸⁰ Ainda reforçando esta noção da construção da realidade através de um momento particular contido em uma seleção também particular de elementos que compõe o universo de um indivíduo, e aqui já denominando esta seleção de “regiões de significação”, Goffman cita Alfred Schutz, filósofo e sociólogo austríaco que em 1945 publica em um de seus artigos: *“Nous parlons de région de signification et non de sous-univers, parce que c’est le sens de notre expérience et non la structure ontologique des objets qui constitue la réalité”.*⁸¹

É interessante aqui notar a presença de uma morfologia já análoga à dos fluxos de significados, pois quando Schutz fala em regiões de significação está já, de alguma forma, tratando do que Lotman viria a chamar de semiosfera, ao indicar a existência de seus elementos constituintes ou de regiões de compreensão. Estas considerações a respeito da realidade são a base de partida para Goffman determinar então os seus quadros da experiência. Seu trabalho consistiu-se em examinar as diversas categorizações de contextos possíveis para as realidades que o indivíduo enfrenta na sua participação na sociedade, e classificá-las em níveis hierárquicos e em suas implicações quanto às ocorrências e recorrências de cada quadro. Em outras palavras, cada momento (*frame*) da vida cotidiana do sujeito pertence a uma determinada categoria, e a partir desta categoria ele implica em uma determinada ocorrência sequencial. Desta forma o indivíduo impacta a realidade ao seu redor de acordo com o impacto que sofreu no seu quadro experiencial prévio, em uma infinita sequência dialógica.

⁷⁹ JAMES, W. **Principles of psychology**, vol.2, New York : Dover, 1950, cap. 21, p.283-324, apud GOFFMAN, E. **Les cadres de l’expérience**. Paris : Editions de Minuit, 1991, p.11, tradução nossa.

⁸⁰“Cada mundo é, no tempo em que dura nossa atenção, real à sua maneira; simplesmente, a realidade se dissipa com a atenção.” (tradução nossa). Ibid., p.11, grifo do autor.

⁸¹ “Nós falamos de região de significação e não de sub-universo, porque é o senso da nossa experiência e não a estrutura ontológica dos objetos que constitui a realidade.” (tradução nossa). SCHUTZ, A. *Collected papers*, 1, p.231. apud GOFFMAN, E. op.cit., p.12.

Para nosso estudo o extrato importante da obra de Goffman sobre os quadros da experiência é, na verdade, a relevância do corte das experiências em seções verticais na linha do tempo, onde o instante é a unidade de medida e a realidade é uma composição fotográfica deste instante formada pelos elementos da interpretação do indivíduo. A cada quadro expositivo desta fotografia equivale um próximo quadro, onde a representação do papel social do indivíduo compõe a cena com base na revelação do quadro anterior, e assim sucessivamente durante a edição de montagem final do grande filme da vida.

Os quadros da experiência são assim os elementos do entorno que formam o contexto instantâneo de determinada situação do cotidiano. Cada situação tem suas próprias características e suas implicações no comportamento do indivíduo dentro do seu quadro. Em cada cenário ele atuará de acordo com a interpretação que teve do quadro anterior, e desta forma comporá a sua representação própria da realidade ao seu entorno. Esta sua representação pode ter diversas origens e formatos, segundo Goffman que as classificou como modelizações, repetições, remodelizações, maquinações e fabricações, em quadros primários ou secundários, segundo suas causas naturais ou sociais originais ou pré-concebidas. Porém todas as categorizações de Goffman sobre os contextos das experiências têm sempre implicações na questão chave da ação e reação do indivíduo e dos grupos sobre as suas significações estabelecidas, e pressupõe uma sequência prévia de suas interpretações, como ele, por exemplo, sobre a definição de modelização: *“Une transformation systématique a lieu sur un matériau déjà signifiant selon un schème d’interprétation sans lequel la modalisation serait dépourvue de signification”*.⁸² Assim, em qualquer das categorizações, a realidade em torno do indivíduo será tanto impactada por este na sua permanente reconfiguração, como também o impactará.

Nesta estrutura dialógica do relacionamento do indivíduo com a realidade, que confere a esta o caráter de representação simbólica da sua interpretação, as

⁸² “Uma transformação sistemática que tem lugar sobre um material já significativo segundo um esquema de interpretação sem o qual a modalização será desprovida de significado.” (tradução nossa). GOFFMAN, E. op.cit., cap. 3, p.54.

expressões que o sujeito emite sobre suas diversas opiniões, características intrínsecas ou posicionamentos sociais, ou seja, os fluxos exógenos dos significados no seu espaço semiótico, são peças fundamentais e compõe o lado B da dualidade entre recepção e emissão. E as expressões do indivíduo são baseadas na sua identidade relativa ao determinado quadro ou contexto vivido no momento. Esta condição dialógica nada mais é do que a interação entre a expressão do sujeito e a sua realidade, ou seja, a identidade do sujeito impacta sua realidade e sua realidade impacta sua identidade, em um processo que agora se encontra multiplicado e acelerado, como já vimos, pelas novas culturas tecnológicas e sociais da pós-modernidade.

Assim voltamos então às tecnologias da comunicação digital, agora baseadas em uma morfologia de rede. Através destas, outros sujeitos passaram a entrar e fazer parte dos quadros da experiência de nosso sujeito inicial, mas agora também como atores, e não mais somente como colegas de uma mesma recepção, como se dá por exemplo na TV e no rádio. Fazem parte agora do espaço semiótico do nosso sujeito inicial, e portanto da sua realidade interpretada, dialogando e atuando mais frequentemente nas suas representações, em uma troca de mão dupla. Assim a interação entre indivíduo e realidade passou a ser também interação entre os próprios indivíduos através das mídias, e estes deixaram de ser somente receptores e passaram a ser produtores (os *producers*, que abordaremos com mais detalhes no próximo subcapítulo). Aqui vale ressaltar que, ainda que a recepção da TV e do rádio tenham, entre as diversas mídias, o mais forte caráter de simultaneidade receptiva, ou seja, todos os indivíduos que compõem as massas recebem as emissões simultaneamente, e a consciência individual desta simultaneidade esteja presente e seja fortemente caracterizadora deste tipo de transmissão, foi somente com as novas tecnologias digitais online na comunicação que se tornou possível esta interação horizontal de indivíduos providos de identificação. Aqui não nos referimos à identificação pessoal do usuário desta comunicação, oposta ao anonimato, inclusive porque na internet, principal plataforma das novas mídias, o anonimato é sabidamente uma das importantes possibilidades para as relações pessoais, mas sim nos referimos à questão da expressão de particularidades que revelam as identidades de pertencimento do sujeito. No

próximo subcapítulo falaremos também do anonimato na internet como um fator complementar na permissividade da adoção de diversas identidades pelo usuário das internet, fator este que inicia agora uma nova fase de regulamentação ética e cultural.

Esta interação dialógica que agora está reforçada e multiplicada pelas comunicações digitais impacta de diversas formas o processo da construção das identidades. Um dos caminhos para esta compreensão é a interessante observação feita por Castells a respeito do papel da nossa percepção na construção da realidade, o que, por um caminho paralelo, leva às mesmas conclusões de Goffman sobre os quadros da experiência no cotidiano do indivíduo. Castells refuta o uso do termo realidade virtual, amplamente empregado tanto por autores como pelo mundo profissional não acadêmico, onde costuma-se adotá-lo como referência ao mundo existente do outro lado das telas do computador. Porém este termo abriga uma série de significados e aplicações, tendo como um entendimento comum a comunicação que é feita a partir de elementos cibernéticos que transmitem informações que, uma vez recebidas pelos nossos canais sensoriais, geram a percepção de uma determinada realidade física material quando esta de fato não está presente, ou seja, a recria em um ambiente virtual (potencialmente real). E é justamente aí que está o equívoco do termo realidade virtual segundo Castells⁸³. Baseando-se na semântica do termo realidade virtual que compreende uma quase realidade, ou uma realidade potencial quase verdadeira, e partindo do princípio que, de fato, a realidade é uma representação simbólica construída pelos significados absorvidos por todas as formas de comunicação as quais percebemos (pelo processo de semiose⁸⁴), ele observa que o que é específico e particular no novo sistema de comunicação das redes digitais online não é a indução da realidade virtual senão que a construção de uma virtualidade real, invertendo assim o termo empregado usualmente.

⁸³ CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I., cap.5., p. 448 à 452.

⁸⁴ Castells não entra na questão da semiosfera neste livro, não cita e não se referencia em Lotman, mas suas considerações são extremamente complementares e pertencem sem dúvida ao mesmo quadrante do pensamento semiótico que o autor russo.

Sendo a realidade moldada pela nossa cultura, ela é construída sobre o processo de codificação e decodificação gerado por todas as formas de comunicação, mediadas ou não, que circundam nossa existência. Lembramos aqui também que nossa memória é formada por sinais decodificados, traduzidos em significados e sentidos. Mas todos os sinais são virtuais e virtualmente recebidos por este processo de decodificação, assim, o processo virtual de comunicação é o que constrói a nossa realidade, que faz real a nossa experiência de vida. Portanto, ao dizer que os processos de comunicação digital são baseados em uma realidade virtual, está se enfatizando que seria a realidade que construiria o virtual, e esta afirmação está em oposição à ordem intrínseca de todo o processo de comunicação, e portanto da construção de nossa cultura e de nossa realidade. Desta forma o termo realidade virtual, com a definição que lhe é usualmente aplicada, é uma afirmação que contradiz a si mesma. Ao conceber o termo virtualidade real, ou a cultura da virtualidade real, Castells está então reforçando o fato das novas tecnologias de comunicação estarem, na verdade, hiper-realizando os processos virtuais naturais da comunicação e, portanto, da construção da realidade. É o que poderíamos chamar de nova realização da virtualidade.

De forma resumida, uma vez que todas as realidades são comunicadas e percebidas através de símbolos que as representam, todas as realidades são percebidas virtualmente, ou seja, o que se chama de realidade virtual, é tão virtual como o que se chama de realidade verdadeira, e os símbolos das mídias digitais são tão símbolos como os das demais mídias e os não midiáticos, e são os elementos que constroem, todos eles, a nossa mesma e única realidade. Sobre isto, diz Castells:

“[...] cuando los críticos de los medios de comunicación electrónica sostienen que el nuevo entorno simbólico no representa la ‘realidad’, hacen referencia implícita a una noción absurdamente primitiva de experiencia real ‘no codificada’ que nunca existió.[...] Qué sistema de comunicación es entonces el que, en contraste con la experiencia histórica previa, genera *virtualidad real*? Es un sistema en el que la realidad misma (esto es, la existencia material/simbólica de la gente) es capturada por completo, sumergida de lleno en un escenario de

imágenes virtuales, en el mundo de hacer creer, en el que las apariencias no están sólo en la pantalla a través de la cual se comunica la experiencia, sino que se convierten en la experiencia. Todos los mensajes de toda clase quedan encerrados en el medio, porque éste se ha vuelto tan abarcador, tan diversificado, tan maleable, que absorbe en el mismo texto multimedia el conjunto de la experiencia humana, pasada, presente y futura, como en ese único punto del universo que Jorge Luis Borges llamó el 'Aleph'."⁸⁵

Desta forma a própria origem da interatividade do indivíduo nos processos de comunicação está na sua interatividade original com a realidade, sendo o universo ao seu redor por ele mesmo criado.⁸⁶ Assim, a nova possibilidade de interação horizontal entre indivíduos através das novas mídias não seria uma espécie de oferta das mídias após a aquisição destas tecnologias, mas sim uma busca natural da sociedade por estas tecnologias. Em outras palavras, este avanço não seria de origem tecnológica, mas sim de origem social, onde, após o estabelecimento de sua natural necessidade, é que o papel da tecnologia fez-se importante na sua criação.

Como síntese, por estas considerações é possível visualizar agora a fundamental importância que as mídias, tradicionais e digitais, os sistemas multimídias e todo o espectro possível das comunicações experienciais, têm na formação da identidade, e portanto a sua multiplicação nesta era da informação, na multiplicação das identidades. Vimos também que demais indivíduos

⁸⁵ “[...] quando os críticos dos meios de comunicação eletrônica sustêm que o novo entorno simbólico não representa a ‘realidade’ fazem referência implícita a uma noção absurdamente primitiva de experiência real ‘não-codificada’ que nunca existiu. [...] Que sistema de comunicação é então o que, em contraste com a experiência histórica prévia, gera *virtualidade real*? É um sistema no qual a realidade mesma (isto é, a existência material/simbólica das pessoas) é capturada por completo, submergida totalmente em um cenário de imagens virtuais, em um mundo de fazer creer, no qual as aparências não estão somente na tela através da qual se comunica a experiência, mas se convertem elas mesmas em experiência. Todas as mensagens de todos os tipos estão encerradas no meio [na mídia], porque este se tornou tão abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto multimídia o conjunto da experiência humana, passada, presente e futura, como neste único ponto do universo que Jorge Luis Borges chamou de ‘Aleph’.” (tradução nossa). Ibid, cap. 5, p.449, grifo do autor.

⁸⁶ Neste ponto vale lembrar os debates sobre a questão do “poder da mídia”, onde, baseando-se nas definições de poder por Foucault, é refutada a idéia de que a mídia tem um poder de convencimento do cidadão, mas sim teria apenas o poder de manutenção de sua atenção, ou do estabelecimento da relação com o cidadão.

conectados à mesma rede de comunicação passam agora a fazer parte da mesma realidade construída por um determinado sujeito, e desta forma a participarem da construção das suas identidades. Ao imaginarmos a união destes três processos, ou seja, a força aplicada e a intensidade adquirida na construção da identidade resultante dos processos multimidiáticos comunicacionais no espaço semiótico do indivíduo, a multiplicação e simultaneidade de diversos processos similares que o impactam, e assim os seus quadros da experiência, e a interatividade horizontal entre demais indivíduos ativos dentro dos mesmos quadros, torna-se mais concreto o entendimento do quanto as identidades tendem a se fragilizar e a se tornarem múltiplas ao mesmo tempo em que se tornam mais efêmeras, neste momento da era da informação.

Nas próximas páginas veremos a questão das comunidades virtuais e dos relacionamentos dos grupos através das redes, como novas formas de pertencimento e de reestruturação das identidades.

4.3 As novas tribos, as redes sociais e os *producers*

Considerando o caminho traçado até aqui, estamos agora entrando na curva de fechamento de nossa trajetória. Neste subcapítulo trataremos das novas formações sociais baseadas nos espaços dos fluxos das redes de informação. Se a sociedade molda seus espaços e é por eles também moldada, e estamos assistido à transformação das estruturas sociais, tentaremos aqui traçar uma visão aérea das novas formações sociais que se originaram nos últimos vinte anos, mas que somente nesta primeira década do século XXI se formataram globalmente: as comunidades virtuais, também chamadas das novas tribos. Nestas comunidades será importante exemplificar a nova lógica de estruturação da interatividade, citada no subcapítulo anterior, com os modelos de redes sociais e o fenômeno da *produsage*. Durante o texto buscaremos manter este percurso ancorado nos conceitos de identidade, assim como nos elementos da semiosfera.

As comunidades sempre constituíram a forma mais próxima do indivíduo para encontrar seu abrigo social, através do pertencimento a um grupo idêntico que tem as mesmas posições diante dos desafios da vida em sociedade. Se na antiguidade elas eram talvez a única forma de agrupamento do cidadão comum, em função mesmo de seu pouco acesso aos círculos dominantes da nobreza e dos detentores do poder político e religioso, e na idade média já poderiam sofrer algumas variações e tomar, em muitos casos, formas de agrupamento político ou econômico, na modernidade a sua diversificação passou a ser total. As comunidades na modernidade poderiam se formar em torno a qualquer tipo de afinidade, das diversas novas religiões ao consumo de produtos culturais como bandas de rock, ou o consumo de uma marca preferida de produtos não duráveis, como uma calça jeans. Independente de seu motivo, socialmente sagrado ou profano, elas sempre formaram a base da segurança social do sujeito. Da mesma forma, sua fonte de liga, ou seja, os laços entre seus indivíduos membros, ainda que feitos de diversas densidades e espessuras estiveram, durante várias décadas, vinculados ao grau de disposição do sujeito em comprometer certo esforço para a manutenção de seu pertencimento às comunidades de sua afinidade, e assim manter suas identidades ativas. Por exemplo, ir regularmente a uma igreja ou a um jogo de futebol, a um encontro de compradores de potes de plásticos ou a uma reunião do sindicato de sua categoria, sempre demandou certa disponibilidade política, econômica e cultural e, sobretudo, um determinado investimento social para a manutenção destes laços.

Nas últimas décadas porém, as transformações sociais características desta era da informação impactaram também fortemente as estruturas das comunidades existentes, além de criarem a nova possibilidade de formação comunitária através das redes das tecnologias da comunicação, as comunidades virtuais.⁸⁷ Além do entendimento comum de que as comunidades virtuais são aquelas formadas por usuários da internet que se juntam na rede para tratar de

⁸⁷ Aqui o uso do termo comunidade virtual se relaciona diretamente ao citado no subcapítulo anterior a respeito da observação de Castells sobre a virtualidade real. Mantemos a palavra virtual (no termo comunidade virtual), pois ela continua válida em todo este processo de “nova realização da virtualidade”, além de funcionar bem como distinção das comunidades ditas reais, aquelas estruturadas sobre os espaços dos lugares e baseadas em comunicação não mediada eletronicamente.

seus assuntos e paixões comuns, é importante ressaltar que as comunidades virtuais são aquelas estruturadas em torno dos novos espaços dos fluxos, que mantêm uma relação com a dimensão temporal através da imediatidade, e principalmente que, ainda que pareçam estabelecer uma relação direta entre indivíduos “dentro” das redes, as relações entre seus indivíduos membros são substancialmente mediadas por veículos e formatos diversificados das novas mídias digitais online, e por isto sofrem a influência direta tanto das características intrínsecas de comunicabilidade de seu suporte, como também de uma entidade proprietária do canal midiático, geralmente uma corporação ou grupo privado.

De qualquer forma, para se avaliar um pouco melhor o papel das novas comunidades virtuais no desenvolvimento de novas identidades, ou em sua capacidade de manter as tradicionais identidades modernas seguras e lineares, vejamos um pouco a relação direta entre identidade e comunidade.

O crescimento da sensação de insegurança nas sociedades pós-modernas, citado por Bauman como um dos pilares das transformações da modernidade líquida, associada a aspectos cotidianos como a flexibilidade no local de trabalho e a instabilidade do emprego, a natural fragmentação de instituições seculares como a família e a religião, e a volatilidade da opinião pública, geram a “corrosão do caráter”⁸⁸, como uma das marcantes manifestações da profunda ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisões e os projetos de vida de homens e mulheres na sociedade ocidental. Utilizando um termo de Paul Ricoeur, ele afirma ainda que hoje a maioria das pessoas tem problemas em resolver a questão da *la mêmète*, ou seja, a consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo.⁸⁹

⁸⁸ BAUMAN, Z. **Identidade**. São Paulo : Zahar, 2004, p.11

⁸⁹ Ibid, passim

Ainda segundo Bauman, as identidades se referem às comunidades como sendo as entidades que as definem, e as comunidades são de dois tipos: comunidades de vida e de destino, cujos membros “vivem juntos numa ligação absoluta”, e as comunidades que são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”⁹⁰. Apenas como forma de designação as identidades geradas a partir do pertencimento a comunidades de vida e de destino aqui as chamarei de macroidentidades, e as geradas a partir do pertencimento a comunidades de idéias ou princípios as chamarei de microidentidades. Esta designação não tem, porém, nenhuma conotação com uma maior ou menor importância de um ou outro tipo de identidade, pois a importância de determinada identidade na vida do indivíduo é algo variável segundo personalidades e outras características pessoais legítimas, como exemplo, quem pode afirmar se para determinado indivíduo é mais importante pertencer ao fã-clube do Bruce Springsteen ou ter nascido no Brasil? Esta designação aqui neste trabalho, portanto, apenas diferencia os dois tipos de identidade citados por Bauman pela sua forma de aquisição - enquanto um tipo, em geral, se adquire já no nascimento ou nas fases iniciais da vida através de heranças ou determinações territoriais, sócio-culturais ou genéticas, as outras se adquirem no decorrer da vida através de opções ou determinações das circunstâncias.

De qualquer forma a questão da identidade somente será percebida quando o pertencimento do indivíduo a uma comunidade deixar de ser evidente e entrar em questionamento, ou novas comunidades se mostrarem interessantes. É na ausência da certeza do pertencimento a uma comunidade que a identidade passa a ser indagada, e é porque existem tantas idéias e princípios em torno das quais se desenvolvem estas “comunidades de indivíduos que acreditam”, que é preciso comparar, fazer escolhas, reconsiderar escolhas já feitas e conciliar diferentes demandas.⁹¹

⁹⁰ KRACAUER, S. **Ornament der masse**. Suhrkamp, 1963. apud BAUMAN, Z, op.cit. p.17.

⁹¹ BAUMAN, Z, op.cit., passim

Já as identidades ligadas às comunidades de vida e de destino, como a nacionalidade, se não desaparecem, se anulam frente a transformações que colocam em cheque nossas crenças comuns. Se um evento como os atentados de 11 de setembro de 2001 pode reforçar a noção de pertencimento comunitário e com isto a identidade nacional dos estadunidenses, eventos como escândalos de corrupção massiva no congresso brasileiro podem gerar um desconforto nos cidadãos em seu pertencimento à identidade nacional brasileira. Além disto, transformações individuais também podem levar a dúvidas sobre o pertencimento a estas macroidentidades. A migração, por exemplo, é um dos mais importantes destes fenômenos de transformação nas macroidentidades, e curiosamente é entre os imigrantes que se apresentam um dos tipos de comunidades com laços mais fortes, sejam estas reais ou virtuais.

Sendo assim todos os tipos de pertencimento, o das macroidentidades ou o das microidentidades, ainda que em grau distinto, podem se alterar, se reagrupar ou se desfazer. Não há também garantias eternas em nenhum pertencimento às comunidades que abrigam as diferentes identidades.

Com o surgimento das comunidades virtuais, este pertencimento se tornou ainda mais frágil. As comunidades virtuais surgiram a partir da possibilidade de contato entre indivíduos através das comunicações digitais online. Porém, como dito anteriormente, esta interatividade entre indivíduos nas novas tecnologias de comunicação não foram um invento resultado da vontade de alguns pesquisadores, mas sim um anseio social já consolidado, em um momento onde as identidades já sofriam de alterações e a pós-modernidade já respirava abertamente. Assim, as comunidades virtuais surgidas, além de representarem uma interessante ferramenta para pragmatizar e facilitar o pertencimento dos indivíduos às comunidades reduzindo o investimento social necessário para a aquisição desta identificação junto ao grupo, contemplaram também uma tentativa social de se buscar novas formas de pertencimento, e portanto de aquisição de identidades, em vista da fragmentação e dispersão identitária que já estava em curso. Podemos nos lembrar das promessas que as novas redes e comunidades virtuais traziam implícitas em si nos anos dourados de seu

surgimento ao grande público, no final do milênio. Ainda hoje, as comunidades virtuais aparecem em grande parte como uma possibilidade concreta para os indivíduos encontrarem, finalmente, uma grupo acolhedor, em meio à desolação e à angústia gerada pelo pós-modernismo, que varreu as certezas e as seguranças do cidadão, obrigando-lhe a abandonar suas crenças em um futuro mais belo.

A questão principal aqui é que as comunidades virtuais realmente trazem inúmeras novas possibilidades e características próprias muito interessantes nas soluções pragmáticas do cotidiano, como por exemplo a possibilidade de se comunicar a baixo custo e instantaneamente com qualquer parte do planeta e a possibilidade de se obter informação de fontes confiáveis sobre se devemos ou não comprar aquele último modelo de automóvel lançado no mercado, mas parece não cumprir suas promessas de solução dos desejos abstratos e emocionais do indivíduo, como suprir a sua carência pelo conforto do pertencimento a comunidades reais. Assim elas se mostraram incapazes de reforçar laços e criar abrigos perenes. Em outras palavras, as comunidades virtuais parecem ter resolvido boa parte das questões profanas do homem pós-moderno, mas ainda deixa a desejar nas suas questões sagradas.

Ocorre porém que estas comunidades trouxeram inovações sociais. Possibilitou resgatar das margens da sociedade aqueles que não podiam sentir o gosto do pertencimento, ou seja, abrigar em comunidades infinitamente mais diversificadas, abertas e segmentadas, aqueles indivíduos que não se enquadravam nos padrões do *mainstream* social. Estes, além de encontrarem seus pares, que anteriormente vagavam pelas bordas escondidas do planeta, podem também participar ativamente da grande voz e deixar suas marcas na esfera pública. Além disto, as comunidades virtuais possibilitaram que o cidadão passasse a ter uma gama muito maior de outros indivíduos similares em seus círculos de relacionamento. Ainda que os laços estabelecidos pelas comunidades virtuais sejam mais fracos, eles se multiplicaram de maneira expressiva. Bauman comenta de maneira bastante realista, ainda que demonstrando ele mesmo um

certo desconforto com as promessas vendidas pela comercialização das novas mídias no início de sua difusão em massa:

“Permita-me assinalar [...] que os ‘grupos’ que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referências ortodoxas ‘tentam encontrar ou estabelecer’, hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis ‘totalidades virtuais’, em que é fácil entrar e ser abandonados. Dificilmente poderiam ser um substituto válido das formas sólidas – com a pretensão de ser ainda mais sólidas - de convívio que, graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante (ainda que ilusório ou fraudulento) ‘sentimento do nós’ – que não é oferecido quando se está ‘surfando na rede’. Citando Clifford Stoll, viciado confesso em Internet, embora hoje curado e recuperado: absortos em perseguir e capturar as ofertas do tipo ‘entre agora’ que piscam nas telas de computador, estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais.(a) Charles Handy, teórico da administração, concorda: ‘engraçadas podem ser, essas comunidades virtuais, mas elas criam apenas uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade’.(b) Não podem ser um substituto válido de ‘sentar-se a uma mesa, olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real’. Tampouco podem essas ‘comunidades virtuais’ dar substância à identidade pessoal – a razão básica para procurá-las. Pelo contrário, elas tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu.”⁹²

Além da clara visão das dificuldades em que está submergido o homem da modernidade líquida, segundo sua colocação, para que reencontre o elo perdido da identidade nas comunidades virtuais, Bauman nos afirma aqui que as novas mídias não podem ser um substituto “de sentar-se a uma mesa, olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real”, e nos parece claro que isto é um fato incontestável, mas contém um certo exagero, pois acreditamos que em nenhum momento as novas mídias digitais se propuseram institucionalmente como sendo as substitutas da vida real material, com exceção, como dito, de alguns

⁹² Ibid. p.31.

(a) CLIFFORD, S. **Silicon snake oil**. Doubleday, 1995, p.58

(b) CHARLES, H. **The elephant and the flea**. Hutchinson, 2001, p.204

comerciantes de sonhos que com uma perfeita noção de oportunismo lograram algum tipo de publicidade nos primeiros momentos da difusão planetária em massa das redes digitais, da mesma forma que no ano 2000 ocorreu o grande estouro da bolha financeira dos negócios ligados á internet. Da mesma forma vale citar aqui que o engenheiro, astrônomo e pesquisador Clifford Stoll, por ele citado, chegou a comentar em 1995 que o e-commerce seria inviável pela falta de contato pessoal nas transações comerciais, e que nenhuma fonte de dados eletrônica substituiria os jornais impressos⁹³. Por isto todo cuidado é pouco ao se analisar os impactos sociais dos avanços das novas tecnologias de comunicação. Neste dado exemplo, o e-commerce continua crescendo fortemente e diversos jornais impressos ao redor do planeta estão fechando suas portas em função do acesso à informação gratuita na rede. Mas de qualquer forma, para a faixa da população mundial que está conectada à grande rede diariamente, seja por motivos pessoais, de estudo ou profissionais, a realidade destas mídias hoje é já um pouco diferente. E estas são as pessoas que passaram a compor a nova opinião pública e, ainda que de maneira difusa, a elite do jogo de influências políticas e econômicas.

Lembrando que a lógica da era da informação não é somente o fato da valorização da informação em todos os aspectos da sociedade, mas sim a transformação da informação no em seu núcleo motor da sociedade, no elemento central de sustentação destes aspectos, sejam os econômicos, políticos, culturais ou os exclusivamente de cunho social, as relações entre os indivíduos, as instituições e todo tipo de organização social se dão hoje em sua grande maioria através das tecnologias digitais. Desta forma, as pessoas que dominam e estão integradas em boa sintonia, e harmonia, com estas tecnologias têm um acesso muito mais amplo às condições de manutenção de um *status quo* social de maior domínio ou liderança do que as que não têm este acesso, pois como dito, ter acesso ou não ter acesso aos novos espaços dos fluxos significa estar dentro ou estar fora, participar ou estar à margem. Assim, quem não tem este acesso, acaba por ficar automaticamente à margem desta nova sociedade da informação. E por outro lado, quem está dentro (de forma natural e não via

⁹³ CLIFFORD, S., op. cit, passim

distúrbios da compulsão como foi o caso de Stoll, citado acima), acaba por modelar suas estruturas de relacionamento virtual em grupos e comunidades, sem porém perder suas tradicionais formas de relacionamento fora da rede, pois lembramos que os espaços dos fluxos coexistem com os espaços dos lugares.

Assim, pelo fato de ser um novo agregado à vida social tradicional, e não um substituto, as comunidades virtuais se multiplicaram, tendo como base três importantes aspectos: a natural interatividade entre indivíduos reforçada pelas novas tecnologias, o processo de formação comunitária mimético à vida real cotidiana do indivíduo e a necessidade do homem pós-moderno de reencontrar seus abrigos em identidades comunitárias, que já lhe faltavam no modernismo tardio. Além disso, as redes se tornaram muito pragmáticas e oferecem acesso fácil e desburocratizado para as classes médias ao redor do planeta, estando disponíveis em toda sorte de equipamentos, pois se até o início da década de 2000 eram acessíveis ao público apenas por computadores de mesa, os *desktop*, hoje além de acessíveis em todos os tipos e tamanhos de computadores portáteis, estão também espalhadas pelos celulares, *gamepods*, *ipods*, *netbooks*, *readers* e uma infinidade de plataformas que, muito rapidamente, se tornaram *gadgets*⁹⁴. Nestas comunidades on-line toda sorte de temática de interesse do cidadão pode ser encontrada, o que não ocorre nas comunidades off-line. Todas as suas aspirações, das mais nobres e publicáveis até as mais raras ou privadas, estão a um clique de distância, não há mais espaços ou tempos que separem os indivíduos de uma infinidade de opções para que ele se abrigue ou visite. Assim, o sujeito conta agora com uma potente ferramenta para adquirir ou desfazer-se de mais e mais identidades, conforme sua decisão no momento. Mas isto é bom ou ruim? Podemos tomar como resposta a primeira lei de Kranzberg sobre a relação entre sociedade e tecnologia: *“La tecnologia no es buena ni mala, ni*

⁹⁴ Todos nomes e tipos de aparelhos eletrônicos com funções diferentes porém sempre conectados a redes. Gadget é um termo atualmente muito usado em todo o mundo para designar pequenos aparelhos eletrônicos com características de commodity, e que se propõem a serem frequentemente substituídos por modelos mais novos, lançados permanentemente. No dicionário Michaelis de idiomas: “equipamento eletrônico (em geral pequeno e moderno)”.

tampoco neutral"⁹⁵. Por isto mais importante é analisar algumas de suas características. Entre elas, as comunidades virtuais apresentam um importante diferencial na intensidade de seu poder de ligação entre indivíduos. Como dito, seus laços de ligação são em geral mais fracos do que nas comunidades reais, o que não é um aspecto negativo, mas apenas uma característica. De fato as comunidades virtuais permitem que o indivíduo tenha um número muito maior de contatos mais fracos. Como diz Castells, estes laços mais fracos facilitam a contato das pessoas com diferentes características culturais e sociais, e são excelentes portas de entrada para novas informações, abrindo assim um número muito maior de oportunidades a custos mais baixos, e continua: "*En este sentido, Internet puede contribuir a ampliar los vínculos sociales en una sociedad que parece hallarse en un proceso de rápida individualización y desvinculación cívica.*"⁹⁶ Além disto, as comunidades virtuais permitem também uma maior manutenção dos contatos de laços mais fortes do indivíduo, em geral aqueles previamente adquiridos nas comunidades ou círculos reais de convívio. Apenas uma muito pequena parcela de contatos adquiridos pelas redes sociais logram adquirir uma característica de laços mais fortes, e é por esta razão, por exemplo, que para a aquisição deste tipo de contato de laços fortes na internet, subsistem com certo êxito as empresas especializadas em agenciamento de relações afetivas.

Esta densidade dos laços de afinidade nas relações nas comunidades virtuais exemplifica muito bem também nosso estudo aqui sobre a dificuldade da formação de identidades sólidas no sujeito pós-moderno em função da aceleração e da alta diversidade de aquisição de significados nos fluxos da semiosfera. Em outras palavras, a fragilidade dos laços nas relações nas comunidades virtuais é um fenômeno similar à fragilidade dos sentidos gerados nos processos de semiose nas camadas internas da semiosfera, e mais

⁹⁵ "A tecnologia não é boa nem ruim, e nem tão pouco neutra." (tradução nossa). KRANZBERG, M. 1985, p.50 apud CASTELLS, M. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, Vol. I., cap.1, p.109.

⁹⁶ "Neste sentido, a internet pode contribuir para ampliar os vínculos sociais em uma sociedade que parece encontrar-se em um processo de rápida individualização e desvinculação cívica." (tradução nossa). CASTELLS, M. op.cit. cap.5, p.433.

precisamente na fragilidade do legado destes processos na memória. Poderíamos dizer que os dois processos são idênticos em toda sua entrada no sistema e apenas se diferenciam no retorno do sistema, ou seja, na expressão do sujeito. Enquanto no caso da identidade a expressão se dá, em grande parte, para o próprio sujeito, ou seja, sua identidade é primeiramente como ele mesmo se vê, no caso dos laços de relacionamento a expressão se dá diretamente ao outro, a fragilidade está na conexão entre os indivíduos. Porém ambas estão sempre baseada nos fluxos de significados.

Estas conexões permitem uma outra novidade nas comunidades virtuais, o anonimato. Esta transformação nas estruturas das identidades, sejam nas macroidentidades como nas microidentidades, gera alguns desvios que podem se manifestar de diversas formas. Um deles é, por exemplo, a compulsão, comentada acima, que pode-se caracterizar como uma incontrolável necessidade de suprir uma demanda pela sociabilização, mas aqui nos interessa o anonimato. A falta de condições para a solidificação das identidades é tanta, a sua fragmentação e a extrema variedade de ofertas de consumo cultural chegaram a tal ponto, que o esconderijo das telas dos computadores surgiu como um abrigo perfeito para o fragilizado homem pós-moderno acomodar-se da sua busca pela identidade sonhada, em geral uma ilusão "universal" causada pelas frustrações das inseguranças pós-modernas, e acocorar-se no escuro do anonimato em suas relações virtuais. Somando-se esta demanda pela felicidade ilusória com o intrínseco oportunismo mesquinho da condição humana, e milhares de novos negócios cinzentos surgem para seduzir e atender milhões de almas perambulantes, incluindo aqui o que o termo nos sugere, as novas religiões de diversas origens periféricas. As comunidades virtuais assim mimetizam as relações sociais, tanto em seus aspectos positivos como nos negativos pois, como já dito, não são uma invenção tecnológica oferecida ao homem, mas surgiram de sua própria natureza social, acrescentando formatos interessantes para o incremento dos relacionamentos humanos.

Apesar da morfologia das redes sociais terem uma ligação direta com a morfologia da semiosfera, como já visto neste estudo, a morfologia das

comunidades virtuais são mais específicas e não seguem um único padrão. O trabalho de categorização morfológica das redes sociais é extenso e não será aqui realizado, ainda que poderá ser originado após esta pesquisa. Porém, em função do nosso interesse em retratar alguns dos motivos da fragilização e fragmentação das identidades na era da informação, nos interessa tratar de uma destas possíveis categorizações morfológicas, que é atualmente usual no meio dos projetistas das redes: as tribos.

Não cabe aqui uma análise profunda da etimologia de “tribo”, mas seu recente emprego a um determinado tipo de comunidade virtual, ou rede social, tem origem na conotação popular do termo que, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1999, 3.ed) tem a seguinte definição: “[...]5. *Pop.* Agrupamento de indivíduos ligados por vínculos rudimentares ou não formalizados, mas que têm ou cultivam certas afinidades ou características comuns: *tribos urbanas*.[...]”. Porém o principal motivo da popularização deste termo com esta aplicação às comunidades virtuais se deu não somente em função da sua conotação original, mas principalmente pela sua direta relação com sua conotação primitiva, na qual é aplicado aos agrupamentos de indivíduos autóctones de determinada região que se organizam em estruturas básicas sem a complexidade estrutural de organizações como o Estado. Ou seja, ela serviu muito bem às comunidades virtuais porque além de representar um grupo unido por afinidades comuns, no imaginário popular ela representa ao mesmo tempo tanto um grupo livre da ordenação do Estado como um grupo que rompe com a linearidade histórica e adota formas pré-modernas, ou até mesmo pré-históricas. Estas conotações são extremamente adequadas pois foram geradas por um imaginário coletivo que atravessa difíceis momentos de ruptura e desencontro, pois tanto a insegurança e a fragmentação da linearidade do caminho moderno guiado pelas instituições, que geraram este desconforto pós-moderno, como a necessidade de uma auto-organização dos grupos em busca de uma identidade não mais oferecida pelo Estado, estão presentes na popularidade e aplicabilidade do termo “tribo” às novas comunidades virtuais.

Em termos morfológicos então, as novas tribos digitais são na verdade a formação de um grupo criado por qualquer indivíduo que tenha a determinação de liderar seus seguidores através da demonstração de habilidades no conhecimento de um determinado assunto, desde que tenha suficiente especificidade e segmentação a fim de se diferenciar de outras possíveis tribos. Muito pouco elas são baseadas em macroidentidades como nacionalidade, etnias e religiões, pois estas identidades já não tomam mais a atenção nas narrativas do cotidiano, ao contrário, em geral são baseadas em microidentidades, como o pertencimento a um mesmo grupo aficionado, por exemplo, por pôsters de cinema dos anos 40 ou por músicas ciganas das montanhas da Sérvia⁹⁷. Em formato gráfico, poderiam ser representadas por uma pirâmide, onde no topo estão os primeiros adeptos, em geral amigos reais do líder, que se multiplicam abaixo pela difusão on-line. E o que há de novo nesta formação? Nada. Estruturalmente falando, absolutamente nada. Ela sempre existiu, e com as mesmas características estruturais, desde a existência das reais tribos autóctones, em termos populares, ou nas divisões políticas latinas - "*tribu*", ou nos clãs familiares. A única diferença é que estas se baseiam agora nos espaços dos fluxos e se organizam através das redes de informação, utilizando-se para isto das tecnologias digitais. Por isto estão completamente desvinculadas de qualquer questão de origem territorial ou temporal, pois não são mais baseadas em territórios ou em tempos específicos - uma vez que os espaços e os tempos tradicionais se romperam definitivamente elas ocorrem em todos os lugares e a qualquer tempo. Além disso, não há uma limitação ou impedimento quanto à entrada ou saída de indivíduos seguidores do líder, e nem compromissos assumidos, apenas goste e fique, ou não goste e vá. Com esta formação aberta as tribos virtuais acabam por gerar uma grande mobilização e um alto fluxo de indivíduos indo e vindo, e encontrando-se no caminho. A troca de informação, mais uma vez aqui, é total, em todas as direções. Esta total liberdade é mais um dos ingredientes da fórmula da desintegração das identidades e da sua efemeridade. E também fundamental nesta análise é o fato dos indivíduos participantes destas, e de outras estruturas morfológicas de comunidades virtuais, passarem a ser, todos eles, produtores e receptores da informação que trocam. A notícia não mais precisa de uma estrutura corporativa para que seja

⁹⁷ Cf., ANDERSON, C. **The long tail**. Random House Business Books : London, 2006.

formatada e divulgada, pois agora este papel está também, de maneira paralela às corporações, nas mãos dos *producers*.

E porque é importante falar aqui dos *producers*? Duas razões nos levaram a encontrar neste fenômeno um importante papel na história da fragmentação das identidades: a primeira é o seu grande impacto na multiplicação de informantes, e portanto de significantes em circulação com fácil acesso na rede, e a segunda é a penetração destas informações na esfera pública, ou seja, no seio da elite que durante séculos estiveram produzindo as identidades que a sociedade deveria seguir.

A origem do fenômeno da *produsage* está intrinsecamente ligada à origem da interatividade, tal qual foi observada no subcapítulo anterior, como sendo o processo de recepção midiática e posterior reação do indivíduo na sua realidade ao seu entorno, formando assim um contínuo dialógico. A transposição entre o momento em que o receptor produzia reações apenas em sua realidade e o momento em que ele passa a produzir e conduzir emissões na mídia ocorre no momento em que, além da verificação da disponibilidade tecnológica, verifica-se também a busca pela complementação, ou até mesmo substituição, das frágeis formações comunitárias na vida “real” do sujeito, como uma círculo histórico complementar. Este fenômeno fomentou a criação de novos formatos de mídia dentro das próprias redes, fazendo da internet não mais um canal mas agora uma plataforma para uma diversidade de tipologias de novos canais. Neste momento a internet deixou de ser uma nova mídia que oferecia websites, e passou a ser o recipiente de milhares de novas mídias, integrando todo o sistema de mídias em uma transformação batizada de “web 2.0”⁹⁸, que tem como sua principal característica a possibilidade de interação do usuário com a fonte emissora e com os demais usuários, de forma imediata e simultânea.

⁹⁸ Termo criado em 2004 pelo empresário de mídia norte-americano Tim O’Reilly designando justamente o novo momento da internet em relação à sua abertura para interatividade total entre usuários, processo também chamado de “horizontalização”.

Diversas ferramentas existentes possibilitam esta interação e a formação das comunidades, sendo as mais conhecidas e as mais utilizadas atualmente⁹⁹ os “tradicionais” fóruns e chats que remontam do início da internet nos anos 1970 mas que alcançaram larga usabilidade mundial somente após 1995 com o grande estouro comercial da internet em todo o planeta, os blogs e suas diversas plataformas, que se difundiram mundialmente em 2004 mas que se iniciaram ainda em 1998, os sites de relacionamento como MySpace, Facebook e Orkut, um fenômeno ainda em expansão e que permite o relacionamento e a troca de informações pessoais ou profissionais permanente entre usuários e suas redes de amigos (reais ou virtuais), a Wikipedia ou o YouTube que são os mais completos e gigantescos armazenadores de informação produzida e publicada por usuários, e a mais recente estrela da família das comunidades virtuais, pura representante das tribos, o Twitter, que é um sistema de microblog que permite um intenso imediatismo e mobilidade e que, em função de sua altíssima capacidade de transmissão de informação instantânea oriunda de milhões de microfones em todo o planeta (os seus usuários), está desafiando as grandes corporações com a rapidez da cobertura de notícias no globo. Vale aqui ressaltar duas importantes considerações: a primeira é a de que, ainda que estas mídias sociais causem um enorme impacto na forma de relacionamento humano, estas empresas aqui citadas podem desaparecer a qualquer momento através de fusões, quebras ou o surgimento de novos formatos, em um fenômeno que reflete explicitamente a mesma fragilidade e fragmentação que todo o sistema sofre com a “permanente efemeridade”¹⁰⁰ dos processos digitais; e a segunda consideração é que os atributos comunicacionais específicos de cada uma destas ferramentas merecem intensa pesquisa científica, pois tratam-se de importantes inovações nas estratégias e formatos da comunicação que formam um assunto já bastante tratado por profissionais de mercado mas ainda muito incipiente na academia. Certamente nele nos aprofundaremos em próximos estudos.

⁹⁹ Agosto de 2009.

¹⁰⁰ A antítese aqui por nós aplicada surge como um reflexo mesmo dos paradigmas da era da informação.

Com toda esta multiplicação de informações e com uma audiência cada vez maior¹⁰¹, além de ser uma plataforma integradora das demais mídias tradicionais, pois hoje a TV, as emissoras de rádio, os jornais e as revistas, além de livros e filmes, todos estão disponíveis e são acessíveis através da grande rede, a internet, com sua grande diversidade de mídias digitais, alcançou um alto grau de penetração nas classes altas, médias e baixas¹⁰² da sociedade. Desta forma, as informações que correm pelos fluxos que estruturam as corporações, as instituições governamentais e toda sorte de organizações públicas e privadas são, em sua maior quantidade, provenientes dos indivíduos e das organizações não-governamentais, agrupamentos ou comunidades virtuais, e chegam praticamente a todos os nichos da sociedade. Ainda que esta porção da informação seja hoje classificada como sendo de mais baixa qualidade informativa em relação àquela produzida pelas corporações tradicionais da mídia, ela é também qualificada como altamente representativa do comportamento do cidadão e das tendências sociais, pois são a mais fidedigna e genuína expressão direta do próprio indivíduo. Por isto, e pela sua presença à disposição 24 horas por dia e em qualquer lugar, ela dispõe de uma grande capacidade de mobilização quando orquestrada habilmente. Como exemplo, aqui vale citar o caso da arrecadação financeira para a campanha eleitoral à presidência dos EUA no ano de 2008, quando da vitória do senador Barack Obama, que arrecadou cerca de 500 milhões de dólares durante 21 meses, através de 6,5 milhões de doações feitas por três milhões de doadores. Outros fenômenos midiáticos vêm ocorrendo sistematicamente na internet, como o recente caso da cantora amadora Susan Boyles, de um programa de auditório britânico, que após sua primeira aparição na TV aberta ela teve ainda outros 73 milhões de acessos em seus vídeos publicados no YouTube (neste caso é importante ressaltar o fundamental caráter da complementaridade das diferentes mídias com a internet). Esta importante capacidade de mobilização das novas mídias digitais

¹⁰¹ No mundo já são mais de 1 bilhão de usuários de internet. (ComScore. **Media Metrix**, 2008, publicado em 23 jan, 2009. Disponível em: <http://www.comscore.com/Press_Events/Press_Releases/2009/1/Global_Internet_Audience_1_Billion>, acessado em 24 ago 2009).

¹⁰² No Brasil, por exemplo, a classe C (que tem renda familiar de até R\$ 3 mil, equivalentes a 1.100 Eur) já é responsável por 49% de todas as compras feitas pela internet, enquanto o investimento publicitário na web já ultrapassou o da TV por assinatura, que é tradicionalmente focado nas classes A e B. A expectativa para 2009 no Brasil é de um movimento de R\$ 10 bilhões em e-commerce em 2009 (IBOPE NetRatings mar/2009).

online colocou definitivamente a voz do cidadão e de seus pequenos grupos de forma ativa na esfera pública, e assim deu-lhe a capacidade de contestar as formas tradicionais de formação de opinião, emplacando também seu próprio ponto de vista, fragmentado e segmentado, para todos.

Este fenômeno colabora com a fragmentação da opinião pública e com a perda da resistência de sua alternância. Hoje é muito comum um sujeito apoiar por poucos dias uma determinada causa que na modernidade poderia ser “a causa de uma vida”, ou mudar rapidamente de opinião em relação a determinado fato ou evento. Um possível exemplo disto são os fatos midiáticos relativos às recentes eleições à presidência do Irã, que revelaram a suspeita de fraude que teria sido cometida pelo seu presidente reeleito Mahmoud Ahmadinejad. Logo após as eleições, em junho de 2009, o candidato derrotado Mir Hussein Mussavi contestou publicamente os resultados alegando fraude. O candidato da situação já acumulava então uma má imagem pública no mundo ocidental pelo seu radicalismo islâmico e pela sua declarada oposição aos EUA no cenário da política internacional. Por isto, imediatamente a maior parte da população ocidental simpatizou-se pela causa das denúncias de Mussavi e diversas manifestações de apoio ao cancelamento das eleições surgiram no Irã e ao redor do mundo, sempre potencializadas pela internet. Dois fatos marcantes valem aqui ressaltar. O primeiro é que graças às ferramentas citadas acima, como o Twitter e o YouTube, o mundo tomou conhecimento das manifestações ocorridas em território iraniano, pois as tradicionais mídias locais foram todas censuradas e o acesso à estas novas ferramentas, que se faz a qualquer instante e em qualquer lugar através dos *gadgets* de comunicação, foi o que permitiu que as informações censuradas pudessem dar a volta ao mundo em questão de minutos após cada fato ocorrido (incluindo o brutal assassinato da menina Neda¹⁰³). O outro fato que vale aqui ressaltar, é que após três dias do impasse,

¹⁰³ Ocorrido durante as manifestações pacíficas de milhares de populares contra o resultado supostamente fraudado das eleições, o assassinato de uma menina de 16 anos chamada Neda foi atribuído às forças de segurança nacional. Porém, como em outros casos já registrados, a construção de sentido através das mídias não necessariamente corresponde aos fatos. Desta forma, ainda que sob qualquer hipótese o ato ocorrido seja extremamente condenável, não se pode afirmar o que de fato ocorreu. As imagens aqui citadas e publicadas por um usuário que tomou o registro através da câmera de um telefone celular, encontram-se em diversos links na internet, e também neste link do You Tube: < <http://www.youtube.com/watch?v=JUOWOdiRxIs>>, acessado em 29 ago. 2009. Fazemos a advertência que são imagens de conteúdo muito forte.

quando a opinião pública ocidental já havia se posicionado fortemente a favor de Mussavi, o presidente dos EUA Barack Obama declarou em entrevista à imprensa na Casa Branca que Hussein Mussavi não era assim tão diferente em seu posicionamento político e ideológico quanto seu oponente, o presidente Ahmadinejad. Esta informação correu também a mídia mundial, seja a tradicional quanto a internet. Sem adentrarmos agora nos motivos desta declaração de Obama, o fato é que imediatamente a opinião pública ocidental se dividiu novamente e ficou sem saber a quem apoiar, até que o fato então saiu das manchetes.

Dois fatores podem ainda minimizar o impacto da fragmentação das identidades pelo fenômeno da *produsage*. Um deles é o fato de que, ainda que os *producers* tenham adquirido esta condição de difusores da informação como retransmissores das notícias e análises dos eventos, é necessário ressaltar que aqueles que produzem informação capaz de participar da esfera pública e guiar opiniões formam apenas uma pequena parcela dos usuários da rede. É fato que os websites de relacionamento sociais detêm hoje um elevado número de usuários¹⁰⁴, mas a grande maioria deles produz informação de cunho pessoal, para difusão apenas em seu círculo mais próximo de relacionamento. O outro é o próprio fato de que, aqueles produtores de informação que mais se sobressaem em seus círculos, ou os líderes das tribos, são justamente os indivíduos que conseguem vencer a barreira da dispersão gerada pela multi-informação e se expressar com uma posição mais definida, portanto com uma expressão mais clara de suas visões do mundo ou de determinadas segmentações. Em outras palavras, os líderes *producers* são talvez os que conseguem preservar um pouco melhor as suas identidades originais.

Além disto, outro caráter nos parece importante ressaltar, estamos falando da transformação das identidades, e não necessariamente de seu desaparecimento. Assim, as comunidades virtuais, em qualquer de seus

¹⁰⁴ Em julho de 2009, apenas uma destas plataformas de relacionamento, o Facebook, anunciou ter alcançado o número de 250 milhões de usuários no mundo. Uma outra, o Orkut, detém em 2009 cerca de 70 milhões de usuários sendo que, destes, 40 milhões estão somente no Brasil.

formatos, de fato podem estar contribuindo para uma nova composição identitária do indivíduo e dos grupos. Esta possibilidade será analisada mais adiante neste estudo.

Neste subcapítulo pudemos então observar mais de perto a relação direta entre as comunidades virtuais, suas novas morfologias da comunicação e algumas das tecnologias que dão suporte a estes fenômenos. Antes de concluir, veremos a seguir ainda mais uma das condições intensificadas nas últimas décadas com a era da informação, e que se relaciona com o objeto deste estudo: a transformação dos contextos e os desvios da comunicação nas novas mídias.

4.4 Contextos e ruídos na interculturalidade

Neste subcapítulo observaremos a questão da fragilização e da transformação dos contextos na comunicação no estabelecimento das relações midiáticas através das novas tecnologias, e os consequente ruídos de comunicação como desvios internos na semiosfera, passíveis de impactar substancialmente a transformações das identidades. Tomando como base os princípios tratados até agora neste estudo, verificaremos em que medida este fenômeno pode impactar positiva ou negativamente o relacionamento intercultural.

Dentro do cenário da estrutura dialógica dos quadros de experiência, da interatividade horizontal, da fragilização dos laços nas comunidades virtuais e da estrutura de rede e fluxos estabelecida nos sistemas de informação, um dos fatores que pode contribuir para a transformação da identidade é a fragilização de contextos presente nos esquemas comunicacionais das mídias digitais.

Antigamente, até a difusão do invento da prensa, a maior parte das comunicações era direta e presencial. As exceções eram as cartas e a transmissão de mensagens de terceiros, porém, estas seriam quantitativamente

ínfimas em proporção ao número de conversas diretas e discursos públicos que o cidadão experimentava em seu cotidiano. Por isso a participação entre emissores e receptores se dava quase sempre em um mesmo quadro experiencial, ou seja, em um mesmo contexto representativo da realidade. Ainda que as realidades pudessem ter sempre uma representação simbólica diferente para cada indivíduo enquanto parte do esquema comunicacional – emissor ou receptor, as suas variações não poderiam ser tão grandes, pois o contexto cultural era quase sempre o mesmo. Portanto as realidades individuais se cruzavam quase que integralmente em um mesmo, ou muito similar, *continuum* semiótico, pois além da história em comum e das mesmas sólidas identidades, as conversas se davam dentro de um mesmo templo, uma mesma casa, uma mesma família, um mesmo grupo de amigo, uma mesma comunidade ou uma comum específica situação. Assim, as variações de interpretação sobre um objeto comunicacional, se sempre existiram, eram então menos notáveis do que as variações de contexto que a comunicação à distância trouxe para o homem na idade moderna.

Ao se observar o fenômeno da variação de contextos entre emissão e recepção, a sua amplitude aumenta consideravelmente ao adentrarmos nos tempos pós revolução industrial, com tecnologias como o telégrafo e o telefone. Nestas mídias as diferenças entre o contexto em que se encontram submergidos emissor e receptor se fizeram notáveis e impactantes chegando, em grande parte das vezes, a tratar-se de contextos completamente diferentes, que têm seu cruzamento somente no próprio foco central do discurso, que teoricamente deveria interessar a ambas as partes do esquema canônico. Hoje, com as tecnologias digitais, esta heterogeneidade no contexto entre as partes que se comunicam pode ser ainda muito maior. É comum que nossos interlocutores algumas vezes não entendam o teor do que dizemos ou o tom de nosso humor quando nos comunicamos por email ou outras formas tecnológicas, como os telefones celulares, que nos obrigam muitas vezes a resolver questões importantes quando estamos realizando tarefas banais, como por exemplo, estacionando o carro. Um dos principais fatores desta variabilidade é a falta da comunicação não-verbal complementar, que determina elementos demarcadores do contexto, assim como algumas variações próprias das novidades que representam tecnologias recém adquiridas. Outros fatores podem ser

encontrados, como a alta demanda pela similaridade de contextos quando se tratam de comunicações multimidiáticas interativas como teletextos e vídeo-conferências, e a falta do período natural de estranhamento e reconhecimento entre as partes, prévio ao entendimento, muito comum nas relações presenciais entre pessoas não íntimas ou não detentoras de certa afinidade pré-estabelecida, todos porém são parte integrante da alteridade entre os quadros da experiência de cada um dos interlocutores.

Mas para analisar a possível relação deste fenômeno da diferenciação de contextos, ou da não integração de contextos, com a transformação das identidades, verificaremos o próprio significado do termo contexto e apelaremos à morfologia que Lotman desenhou para a semiosfera, já retratada neste estudo. Originário do latim *contextu*, o dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa (1999, 3ª ed.) define o termo em sua primeira acepção como: “1. Encadeamento das idéias dum escrito”, e aqui o posiciona como a ligação entre os significantes que compõe uma determinada situação de comunicação. Pode ser visto como o todo que une as partes em determinado texto, seja este escrito ou imagético (audiovisual), e que posiciona o sujeito receptor quanto às intenções da mensagem e seus significados. Para melhor análise, uma definição mais completa para o significado do termo contexto é a de Jean-Claude Passeron:

“Sous-ensemble du monde historique dont on peut montrer que sa description est indispensable pour établir le sens d’une assertion empirique quand on veut trancher de la vérité ou de sa fausseté de cette assertion ou, plus généralement, quand on veut définir sa compatibilité ou son incompatibilité avec d’autres propositions entrant dans un raisonnement.”¹⁰⁵

¹⁰⁵ “Subconjunto do mundo histórico o qual pode-se mostrar que sua descrição é indispensável para estabelecer o senso de uma afirmação empírica quando se quer determinar a verdade ou a falsidade desta afirmação ou, geralmente, quando se quer definir a sua compatibilidade ou incompatibilidade com outras proposições em um raciocínio.” (tradução nossa). PASSERON, J.C. **Le raisonnement sociologique**. Paris : Albin Michel, 2006, p.616.

O contexto é então a própria unidade da comunicação, que permite o entendimento e a compreensão mútua. Por este motivo, só pode existir na semiosfera, e como um elemento de união entre emissão e recepção. Morfologicamente, o próprio contexto é o elemento modelador que permeia a semiosfera, dando liga aos transportes dos significados, ou seja, em uma analogia visual desta estrutura biossemiótica, o contexto pode ser visto como as membranas dos fluxos dos significados, que permitem a sua condução e garantem a sua entrega. Quando falamos da sua fragilização e de seus ruídos, estamos falando de cortes na estrutura destes fluxos, no corpo da semiosfera. Estes cortes permitem o vazamento de significados e prejudicam assim a compreensão final da mensagem. Falhas de compreensão são como ocos inexplicáveis na construção do sentido: deixam buracos nas estruturas do entendimento. E ao contrário, quando o contexto é compreendido por todas as partes do esquema da comunicação, ele preenche os vazios desta liga que sustenta o sentido. Os contextos são assim, a própria argamassa da construção das identidades.

Por outro lado, este vazamento de significados pode gerar também os desvios da comunicação, os chamados ruídos, causadores da dissonância cognitiva. Algumas visões a este respeito trazem a constatação de que os rasgos nos contextos, ao serem amplificados pela tecnologia das comunicações, geram hoje ruídos e comunicação dissonante de maneira mais frequente, e conseqüentemente, conflitos de toda sorte. Em geral estas análises originam-se em um momento de transição entre o modernismo da comunicação de massa e o pós-modernismo da comunicação digital interativa. O sociólogo italiano Giovanni Bechelloni, em seus estudos sobre a questão da identidade italiana e sobre os conflitos da comunicação, denuncia a discrepância entre a necessidade de uma comunicação construtora de um processo de paz e a comunicação praticada pelas corporações da mídia capitalista, e propõe uma "*svolta comunicativa*" como antídoto para o "*equivoci giochi*", ou seja, uma revolução na comunicação com o objetivo de "[...] *costruire gli strumenti cognitive per fare dell'approccio*

comunicativo una leva intellettuale potente; orientata a svelare gli enigmi e le aporie che rendono problematica la comunicazione interumana.”¹⁰⁶

Esta revolução, independente de seu teor ideológico, deve fazer uso das novas tecnologias, e não refutá-las, pois este fenômeno da geração de dissonâncias através da quebra dos contextos, na verdade, não é uma novidade trazida com estes recentes avanços das tecnologias de comunicação, e sim, como dito anteriormente, se verificam desde os primórdios das primeiras comunicações à distância. Os ruídos não são causados pelos suportes, e sim pela falta de adaptação dos significantes aos seus suportes, e ocorrem também em conversas interpessoais diretas e presenciais. Mas o possível incremento da quebra de contextos na era da informação, este sim, relaciona-se ao incremento das tecnologias por uma relação quantitativa, e não qualitativa (i.e. mais comunicação, mais dissonância). Porém este fenômeno é aqui verificado justamente em um momento de transição, quando a superposição dos espaços dos fluxos sobre os espaços dos lugares, além também da aquisição da imediatidade na nova dimensão atemporal, são relativamente recentes e geram um conflito mais pertencente ao âmbito dos costumes do que às reais arestas nas estruturas culturais da sociedade. Esta verificação atual não considera assim a acomodação natural desta superposição e a aculturação das tecnologias em diversos níveis da sociedade, promovida pelos processos de integração digital, ou seja, o que importa não é a tecnologia, e sim o domínio da tecnologia: uma caneta é uma tecnologia tão avançada quanto um micro-processador, se os compararmos em relação à sua estratégia técnica e à sua aplicabilidade. Os novos parâmetros estruturais dos processos comunicacionais são tão profundos e irreversíveis quanto, ou mais, do que a transformação na sociedade ocorrida após a aquisição da tecnologia das televisões e suas transmissões de massa. Ou seja, ao invés da nostalgia dos tempos seguros da modernidade, deve-se analisar em que medida as incertezas e as fragmentações dialógicas da pós-modernidade podem, através das tecnologias da comunicação, contribuir para os

¹⁰⁶ “reviravolta comunicativa”, “jogo dos equívocos” e “[...] construir os instrumentos cognitivos para fazer da abordagem comunicativa uma potente alavanca intelectual; orientada a revelar os enigmas e as dificuldades que fazem problemática a comunicação inter-humana.” (tradução nossa). BECHELLONI, G. **Il silenzio e il rumore**. Firenze : Mediascape, 2004, p.153.

bons processos de paz e convívio humano. Em síntese, o convívio entre as duas realidades é um processo irreversível que, ao tornar planetariamente difusa a usabilidade do avanço tecnológico das comunicações e aproximar suas aplicabilidades ao cidadão comum, em todos os nichos sociais, passa a proporcionar de forma mais abrangente as suas capacidades de real integração e construção de um mesmo ambiente de mútua compreensão. Desta forma, a expectativa mais recorrente é o alcance do domínio das novas estruturas comunicacionais e suas técnicas e conceitos por parte do indivíduo comum e dos grupos, e a conseqüente redução das dissonâncias. E então o incremento da boa relação intercultural poderia de fato se concretizar graças à tecnologia, permitida agora em escala global.

O interesse pelo avanço das tecnologias da comunicação, com todos seus paradigmas, deve assim ser tão grande quanto o interesse pela interculturalidade no caminho à integração e à dissolução de conflitos sociais, pois para isto a tecnologia é, além de uma ferramenta, um meio de produção de novas soluções. Neste sentido fazemos aqui uma analogia desta heterogeneidade digital e sua capacidade de relacionar positivamente diferentes culturas, com as relações interculturais que ocorre em uma mesma nação-Estado como resultado de outros fenômenos, como a migração pós-colonização em países do novo mundo. Estas relações entre diferentes culturas vivendo sob um mesmo teto são excelentes campos de interesse e pesquisa, como comenta Bechelloni:

“[...] Si tratta di Paesi che hanno fatto esperienza al loro interno e nella relativa lunga durata della loro storia della compresenza di quelle che Gino Germani, rifletendo sul caso argentino, aveva denominato ‘asincronie temporali’. Il fatto, cioè, che in uno stesso spazio geografico e sociale si realizzi una co-presenza di formazione sociale tipiche di tempi storici diversi rispetto a un percorso storico di modernizzazione e di civilizzazione; da considerarsi perciò, non lineare e non necessitato. *Lo studio* delle interazioni, più o meno conflittuali e

violente, tra le diverse formazioni sociale, è *strategico*, dal mio punto di vista, per la teoria della comunicazione.”¹⁰⁷

Diferentemente das conquistas aniquiladoras da Antiguidade, estes processos de migração pós-colonização nos países do novo mundo geraram uma enorme diversificação cultural e uma notável heterogeneidade das suas sociedades, como nos casos do Brasil, dos Estados Unidos, do Canadá e da Austrália, entre outros. Porém, apesar de gerarem inicialmente um grande conflito social, em geral baseados em suas etnografias, acabam de alguma forma por harmonizar-se através de uma fórmula baseada na convivência e na interatividade cultural. Ou seja, apesar de gerar conflitos na mistura heterogênea, a esperança de harmonia nestas sociedades é depositada na interculturalidade de seu povo. Mas este processo não é estruturalmente idêntico à integração cultural que os processos de comunicação digital estão agora permitindo entre os cidadãos de todo o planeta?

Assim, as novas estruturas informacionais e as tecnologias da comunicação, agora que abandonaram a falsa segurança da linearidade do avanço moderno e adquiriram uma morfologia pontual, dialógica e fragmentada, podem na verdade ser o grande aliado da construção de uma comunicação mais justa e atuante no processo de harmonização de conflitos em escalas regional e global. Analogamente podemos ilustrar esta idéia através dos pontos que formam uma fotografia, pois quanto menores são estes pontos (pixels) e maior sua quantidade, mais nítida e mais harmônica será a visão do todo desta imagem. Da mesma forma funcionam os pontos das redes de comunicação. Portanto, apesar de trazer a fragilização das identidades, a fragilização dos contextos pode desenvolver uma nova e necessária estratégia de compreensão

¹⁰⁷ “Tratam-se de países que têm experiência interna, e em relativa longa duração na sua história, daquilo que Gino Germani, refletindo sobre o caso argentino, havia denominado ‘assincronia temporal’. O fato é que em um mesmo espaço geográfico e social realize-se a co-presença de formações sociais típicas de tempos históricos diversos em relação a um percurso histórico de modernização e de civilização, que deve se considerar por isto, não linear e não necessário. *O estudo* das interações, mais ou menos conflituais e violentas, entre as diversas formações sociais, é *estratégico*, sob o meu ponto de vista, para a teoria da comunicação.” (tradução nossa). Ibid., p.151. Grifo do autor.

que tenderá a recriar certa harmonia cultural através da difusão em larga escala de valores individualizados, não mais idênticos, porém similares.

Sobre as possibilidades que esta nova morfologia geral dos sistemas de comunicação e sua conseqüente transformação das identidades, podem agora trazer para o equilíbrio das sociedades, é o que trataremos no próximo capítulo, a conclusão deste trabalho.

5. CONCLUSÃO

Ao focar este estudo em um tempo determinado, a era da informação, uma das premissas para a sua partida foi então a análise da existência de um impacto das tecnologias da comunicação no processo das transformações das identidades, tendo como ambiente os estudos de Manuel Castells sobre a sociedade rede e a era da informação, e de Zygmunt Bauman sobre as transformações na modernidade líquida, sendo todos estes conceitos aqui já citados¹⁰⁸. Por isto passamos por diversos pontos modeladores do eixo central deste texto que relacionam a transformação gradual das identidades aos avanços das tecnologias da comunicação em seus determinados momentos na sociedade.

Porém, como vimos também, não há coerência na utilização da tecnologia como fator determinante das transformações sociais, sejam das identidades como de todos os aspectos culturais da sociedade. Devemos assim atribuir aos avanços tecnológicos a condição de possibilitadores das transformações sociais, mas não a autossuficiência para a sua geração, pois vimos que tecnologia e sociedade se fundem em uma dialética autorreferencial¹⁰⁹.

Por outro lado, as identidades são resultantes de uma manifestação cultural do indivíduo, relativa ao seu pertencimento a determinadas condições características que compõem a sua expressão. E esta expressão, assim como sua cultura, é moldada pelas suas experiências vividas na troca de informações com a realidade ao seu entorno, sendo esta realidade a representação simbólica da sua interpretação¹¹⁰. A identidade é, portanto, construída através dos processos multidirecionais de comunicação do indivíduo, que modelam a sua interpretação do mundo. Sobre isto, Stuart Hall comenta: "A identidade está profundamente

¹⁰⁸ Ver capítulo 1 deste texto.

¹⁰⁹ Ver subcapítulo 4.1 deste texto.

¹¹⁰ Ver subcapítulo 4.2 deste texto.

envolvida no processo de representação [...] Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos.”¹¹¹

Mas se as identidades estão diretamente ligadas aos processos de comunicação, estes processos estão sob forte impacto dos avanços de suas tecnologias, e estas não são determinantes para as transformações culturais na sociedade, a indagação que aqui resulta é: estariam então as novas tecnologias da comunicação realmente gerando a transformação das identidades nesta era da informação? E neste caso, como se dá este processo?

Daí a necessidade de se encontrar um elemento de intersecção destas variantes e que tenha a capacidade de relacionar o momento de avanço das tecnologias da comunicação com a formação (ou sua falta) de significados perenes na memória do indivíduo, o que afetaria a expressão das suas identidades. Além disso, este elemento deveria também abordar ao mesmo tempo os fenômenos da recepção midiática e as intersecções multiculturais, cada vez mais frequentes nesta pós-modernidade. A semiosfera foi assim o elemento por nós encontrado para a compreensão da interligação entre as variantes de todos estes processos.

A importância desta abordagem através do conceito de semiosfera se dá pelo fato de que, através de sua morfologia, conseguimos ilustrar o papel preponderante dos fluxos de significados na formação da memória, seja através dos fenômenos que ocorrem na recepção de informações pelo indivíduo, em seu processamento, e na sua expressão pós-formação de sentido, como os que ocorrem no relacionamento entre diferentes culturas que se cruzam e geram novos sentidos. Segundo Lotman, além de possuírem morfologias idênticas e análogas às das células¹¹², ambos fenômenos definem a semiosfera: “Lotman conceberá a semiosfera e, também, os diversos sistemas culturais que a

¹¹¹ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2006. p.71

¹¹² Ver subcapítulo 3.2 deste texto.

integram como algo vivo, dinâmico, ativo, um organismo necessário ao processamento da informação[...]”¹¹³. Assim, seguindo eventuais alterações nos fluxos de significados poderíamos talvez encontrar algumas das causas vinculadas a esta transformação das identidades. E é neste ponto que se ligam as novas tecnologias e seus vínculos dialéticos com a sociedade: a aceleração do tempo, a superposição de novas estruturas espaciais e a fragmentação dialógica dos processos de construção da realidade.

Através da semiosfera e de seu caráter biossemiótico podemos alcançar a questão chave do processo interior de transformação das identidades, que é o sistema que abrange a retenção de significados e construção de sentidos, sua conseqüente sedimentação na memória do sujeito, e a expressão interpretada desta informação. Como vimos este sistema é autorreferencial e é alimentado pelos fluxos de informação, ou fluxos de significados emitidos por todas as fontes significantes que compõem o universo cultural e natural do indivíduo e de seu grupo, comunidade e sociedade. Ou seja, os processos de comunicação, em qualquer escala analisada, somente ocorrem na semiosfera, em suas diversas camadas.¹¹⁴ Incluindo aí a formação e a expressão das identidades.

Desta forma, é a memória que se localiza no ponto central de todo o sistema da semiosfera, em seu núcleo.¹¹⁵ E por isto é nela onde a atual aceleração dos impactos dos significados recebidos através de seus fluxos pode gerar a fragmentação, ou o deslocamento, das identidades expressadas pelo indivíduo. Além de não fornecer substratos para o registro de sentidos perenes na memória, a constante novidade nos significados e informações pré-moldadas pode anular o contato com o passado do indivíduo, até mesmo com suas gerações antecedentes. É interessante notar que esta efemerização da memória, no sentido de sua renovação a cada momento, de sua imediatidade, se dá não

¹¹³ RAMOS, A.V. et tal. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, I. (Org) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007, p.27-44

¹¹⁴ Ver subcapítulo 3.2 deste texto.

¹¹⁵ Idem.

somente com o impacto da diversidade de fluxos de informação gerados através das mídias e da inserção do indivíduo em um ambiente constituído por informações quase que integralmente mediada, e midiaticizada¹¹⁶, mas sim através de todos os processos sociais, culturais e econômicos em que o indivíduo está sujeito nesta era pós-moderna, como bem relata o pesquisador Jesús Martín-Barbero sobre sua experiência pessoal com a memória:

“[...] yo viví un proceso de memoria, vi cómo objetos de mi niñez pasaban a convivir con otros objetos de otra generación y, al revés, objetos últimos que iban al desván; yo viví un proceso de memoria, de conversación con otras generaciones. Hoy día, en cambio, la mayoría ha nacido en apartamentos nuevos o en los que los anteriores dueños no dejaron la menor huella. En otras palabras: la sociedad produce los objetos con una obsolescencia más rápida; todo está hecho para ser desechado rápidamente. Aquí tenemos una presión gigantesca del sistema, porque si nosotros no cambiamos de frigorífico, de zapatos, de ropa, de automóvil a medida que el sistema lo necesita, éste colapsa. Y eso no es nada abstracto, es muy concreto. Se trata de procesos antropológicos: durante un largo período la humanidad produjo los elementos para que duren y en determinado momento comenzó a hacerlo a la inversa, porque la única manera de que evolucione el modelo actual de economía política es ese.”¹¹⁷

Este processo provoca a redução dos ciclos ativos da memória de recepção, compreensão e expressão, a imediatidade se instala nos novos ritmos dos pulsos dos significados e o alcance da memória tende a se tornar mais

¹¹⁶ Ver subcapítulos 4.1 e 4.2 deste texto.

¹¹⁷ “[...] eu vivi um processo de memória, vi como objetos de minha infância passavam a conviver com objetos de outra geração, e ao revés, objetos recentes que iam ao sótão; eu vivi um processo de memória, de conversa com outras gerações. Hoje em dia, a maioria nasceu em apartamentos novos nos quais os anteriores donos não deixaram suas pistas. Em outras palavras, a sociedade produz os objetos com uma obsolescência mais rápida, tudo está feito para ser jogado fora rapidamente. Aqui temos uma pressão gigantesca do sistema, porque se nós não trocamos de geladeira, de sapatos, de roupa, de automóvel, na medida em que o sistema necessita, este colapsa. E isto não é nada abstrato, é muito concreto. Trata-se de processos antropológicos: durante um longo período a humanidade produziu os elementos para que durassem, e em determinado momento começou a fazer o inverso, porque a única maneira para que evolua o modelo atual de economia política é este.” (tradução nossa) MARTÍN-BARBERO, J. **La sociedad actual produce los objetos con una obsolescencia más rápida; todo está hecho para ser desechado velozmente** Entrevistador: Juan Pablo Palladino, Valência, España, Revista Teína, La Ciudad, abril, maio e junho 2004. Disponível em: <<http://www.revistateina.com/teina/web/Teina4/dossiermartinbarbero.htm>>. Acessado em: 4 set.2009.

efêmero. Mas esta memória se perde? Acreditamos que não, ela se transforma. Ela não pode se perder em função do simultâneo aumento da capacidade e do conhecimento humano na história do saber. Ou seja, na verdade estamos progredindo, o que não sabemos é em qual direção, pois a pós-modernidade desviou nosso caminho linear, assim como a modernidade havia desviado os tempos cíclicos da idade média. A pós-modernidade gerou um permanente e abrangente paradoxo em diversas de suas manifestações sócio-culturais, que inicia-se talvez com esta constatação de que sim, estamos progredindo, não mais linearmente mas agora em pontos dispersos, simultâneos e paralelos - porém "paralelos" em todas as direções. Por isto a memória não se perde, apenas se transforma, se desloca. Além disto, a própria rede global de informações é agora a memória global, portanto parte complementar da memória humana, pois a memória dos fatos vai se transferindo para os meios digitais e o que não sabemos estará sempre a um único clique de distância. Enquanto a memória interpretativa deve se expressar de outra forma, deve se adaptar à sua nova realidade morfológica e se manifestar de forma mais pontual e imediata, talvez não menos incidente, para tornar-se mais eficiente nesta era da informação.

E desta forma, este é também o caminho da identidade. Como vimos acima, seu deslocamento nesta modernidade líquida¹¹⁸ está atrelado aos processos contidos em seus dois principais ambientes de transformação, abordados nos dois capítulos anteriores: as transformações das estruturas de medição e percepção das dimensões do espaço e do tempo (capítulo 3) e a fragmentação dialógica dos processos de emissão, recepção e construção de sentidos (capítulo 4). Porém, entre estes dois ambientes as transformações no espaço e no tempo são primordiais, são as geradoras das demais alterações. A aceleração e a aquisição da imediatidade como parâmetro de relacionamento e contato, e a ruptura das barreiras físicas dos espaços dos lugares¹¹⁹, seguida de suas consequências mais visíveis como a consolidação dos processos de globalização e a transnacionalização, decretaram definitivamente a necessidade

¹¹⁸ Ver subcapítulos 2.3 e 3.1 deste texto.

¹¹⁹ Ver subcapítulo 3.4 deste texto.

de se reavaliar o papel das identidades no sujeito cosmopolitano pós-moderno. O valor da identidade diminuiu na sociedade pós-moderna, ela não desapareceu, e nem desaparecerá, pois é inerente ao ser humano “ser” alguém, mas ela já não mais se apresenta como reconhecimento formal do indivíduo, e além disto traz em si todo este paradoxo da pós-modernidade¹²⁰, da superposição e convivência simultânea de novas estruturas morfológicas dos espaços, do tempo e de todos os valores culturais. Por exemplo, na interculturalidade global não faz muita diferença se você é europeu, americano ou asiático, contanto que você atue dentro dos padrões transnacionais de conduta. E se você fizer questão de demarcar fortemente sua identidade de origem, o grupo lhe excluirá e você perderá a possibilidade de adquirir seu passaporte identitário global. Ou seja, o paradoxo aqui está em que você sempre terá a opção, mas agora se quiser pertencer, ou seja, se quiser ter uma identidade, é melhor atenuar as suas identidades de origem.

Da mesma forma o ambiente diplomático e o conceito do politicamente correto foram criados para buscar a paz, e segundo as geopolíticas ocidentais seriam ainda a melhor maneira de encontrá-la, mas a própria paz passou assim a ser sinônimo de igualdade, e portanto de atenuante e homogeneização de identidades. E então outro sinal do paradoxo se mostra: em uma época onde o controle público do Estado se intensificou em função das ameaças resultantes dos conflitos que assolam o mundo, como o terrorismo, o paradigma da identidade na pós-modernidade se reforça: por um lado temos que nos identificar para nos diferenciar dos outros, que são os suspeitos, mas por outro lado esta ética do politicamente correto nos obriga a ser todos iguais em nossas diferenças, traz a obrigação da liberdade, obriga a que sejamos livres para individualizar as identidades como bem preferirmos, nos pede para não mais nos importarmos se somos brancos, negros, orientais ou latinos, ou se adotamos esta ou aquela preferência sexual, pois estaremos todos na mesma sociedade - desde que nos comportemos dentro do padrão global. Mas onde fica então o equilíbrio? Será ele alcançado?

¹²⁰ Ver subcapítulo 3.5 deste texto.

São notáveis estas manifestações de reposicionamento identitário que se dão pela intensificação exponencial das relações interculturais através dos meios digitais online e sua conseqüente atenuação das fortes diferenças entre as identidades características do passado moderno.¹²¹ Este processo de homogeneização das identidades ao redor do globo, ainda que gere uma legítima nostalgia de outrora - quando a diversidade proporcionava os motivos para uma luta em comum, se aplica como pacificador das diferenças nacionais e das aguerridas âncoras dos fundamentalismos da tradição, para borrar assim a herança negativa de um tempo onde o orgulho andava à frente da solidariedade. O surgimento da capacidade do ser humano de relacionar-se em todo o planeta a qualquer tempo e espaço, valorizando o sentido mais abrangente do termo comunicação - plasmando ruídos e contextos, pode assim construir o conhecimento mútuo, pois passamos a conhecer melhor o outro, ou ainda, "o outro aproximado deixa de ser o outro"¹²². Esta aproximação e este conhecimento mútuo é a esperança otimista de que, finalmente, estruturadas na compreensão, as trocas entre os indivíduos sejam feitas com base em seus sentimentos mais humanitários. Assim, o caminho do equilíbrio desta vez iniciar-se-ia através das ferramentas tecnológicas.

Já o contraponto a esta tese otimista é logicamente o intrínseco caráter humano, estruturado pelas incongruências entre vícios e virtudes e marcado tanto pela generosidade como pela ganância, sendo ambas superiores a qualquer intento de solução tecnológica. Em outras palavras, na verdade não há provas suficientes de que o homem seja bom, enquanto há sobra de provas de que ele não o é, e sob qualquer hipótese não é a tecnologia que mudará este fato, apenas fortalecerá as duas facções. Assim, tanto o otimista nostálgico pelo tempo das tecnologias analógicas como o pessimista genérico deixarão de construir o futuro, pois a única certeza é que este é agora digitalizado, com os novos parâmetros estruturais de tempo e espaço dominantes sobre qualquer cenário. Assim, aquele que hoje faz melhor uso das tecnologias será aquele que

¹²¹ Ver subcapítulos 3.5, 4.3 e 4.4 deste texto.

¹²² Informação verbal. BECHELLONI, G. Citação em conversa sobre este trabalho, 14nov, 2008.

sempre estará à frente em mais esta rodada da eterna disputa entre bandidos e mocinhos.

Em qualquer dos casos, a transformação das identidades está permanentemente ligada ao efeito desta dialética entre sociedade e tecnologia, e isto nos obrigou também a passar pelos fenômenos da realidade social na sua consideração¹²³. Como vimos sobre esta abordagem, a relação dialógica entre os processos de recepção de informação pelo sujeito e a construção da realidade ao seu entorno está também ligada ao impacto das novas tecnologias da comunicação, através de sua influência nos fluxos de significados que atravessam as camadas da semiosfera. E o deslocamento e fragmentação das identidades impactam e são impactados diretamente por esta nova construção da sua realidade. Sendo esta construção baseada em uma narrativa, ou seja, na formação de um sentido que lhe conta a história de sua vida, passado, presente e futuro, ela também é impactada pelo rompimento da linearidade deste enredo, pela descrença à meta-narrativa da modernidade¹²⁴. Em uma abordagem similar, Marc Augé comenta que: “[...] *we not only lose our sense of reality – but also our ability to create those fictions which have for so long sustained our collective sense of identity.*”¹²⁵ Na verdade acreditamos em uma nova escrita desta narrativa, e não acreditamos em sua perda. E por um motivo bastante direto e objetivo: a aquisição de novas estruturas culturais não cancela as já existentes, pois ainda que as transformações desta era da informação sejam profundamente marcantes e se manifestem em todas as vertentes da sociedade, é bastante claro que a herança do nosso conhecimento acumulado na história e o imaginário coletivo construído ao longo de vários séculos, não se desfaz, não se perde da noite para o dia, e não se perderá jamais, apenas se transformará, para dar lugar a novas construções da realidade. Por isto, concluímos que esta narrativa agora se manifesta de outra forma que não a linear, ela se manifesta por

¹²³ Ver subcapítulo 4.2 deste texto.

¹²⁴ Ver subcapítulo 2.3 deste texto.

¹²⁵ “[...] não somente perdemos nosso senso de realidade – mas também nossa habilidade em criar aquelas ficções as quais por tanto tempo sustentaram nosso senso de identidade coletiva.” (tradução nossa). AUGÉ, M. **The war of dreams**. London : Pluto Press, 1999

assimilação de suas diversas pontualidades espalhadas pela semiosfera, pelas intersecções culturais manifestadas em rede por todo o planeta. Começamos a escrevê-la aqui, e seguimos acolá, com enxertos de todos os tipos em meio a suas linhas. E mesmo suas linhas já não se lêem em um único sentido, da esquerda para a direita ou ao revés, segundo sua cultura, e sim estas se lêem em todas as direções, em uma cultura global. A escrita da nova meta-narrativa da pós-modernidade se transformou em uma imagem completa, de formação de sentido integral e simultâneo, e não mais em um texto corrido.¹²⁶

Porém vale sempre lembrar que, em função das já citadas acumulação cultural e assincronia temporal¹²⁷ de nossa existência no planeta, todos estes fenômenos ocorrem simultaneamente às importantes manifestações das estruturas morfológicas da modernidade, e ainda em algumas regiões com pequenas manifestações das estruturas da idade média, e até mesmo da antiguidade (estas porém em nichos muito específicos e socialmente sagrados).

Esta nova construção da narrativa relaciona-se também com a grande sensação da angústia e da perda das tradições e das identidades territoriais que hoje diversas comunidades ao redor do planeta expressam. A sensação de perda da memória cultural é grande, a ruptura das rígidas estruturas dos espaços lugares na semiosfera foi um duro golpe para as regiões que dependem da comunicação estratégica de um valor ligado às suas tradições históricas para sua sustentabilidade econômica e cultural¹²⁸. É a mesma angústia do indivíduo pós-moderno, que se traduz pela crise da identidade em todas suas dimensões. Mas acreditamos que esta angústia da perda esteja também vinculada à fase de transição cultural, que, infelizmente, é sempre longa.

¹²⁶ Sobre este aspecto, uma excelente ilustração análoga a este fenômeno é o livro “Galáxias”, escrito pelo poeta concretista brasileiro Haroldo de Campos em 1984. Este livro retrata o universo da linguagem em um poema integral, escrito em um texto sem pontuações ou intersecções formais, no qual apenas a semântica das palavras e o ritmo que cada leitor adota em suas frases são capazes de construir uma completa fotografia mental do seu conteúdo, totalmente imagético. É considerado um dos maiores poemas da língua portuguesa por críticos especializados, representando o seu momento estético na literatura brasileira.

As razões desta crença são duas: a noção já citada de que a memória e a identidade não se perdem, mas sim se transformam, e o fato de que nas novas condições do espaço e do tempo o que se altera são os formatos da comunicação, a sua morfologia estrutural, enquanto seu conteúdo, apesar de se multiplicar, não sofre alterações em seu núcleo significativo central, justamente ao contrário, ele ganha em valor. Ele continua sendo mais importante hoje do que a forma em qualquer tipo de comunicação, mas na nova era o conteúdo foi revalorizado, a diversidade e multiplicidade de opções de acesso à rede de informações é tanta que cada vez mais será somente o conteúdo que importará, e isto pode ser um excelente sinal. Sinal de que, como sempre, as tecnologias não alcançaram a supremacia sobre o pensamento como pensadores alarmistas ou utópicos podem declamar em versos apocalípticos, mas simplesmente estão lá para apoiar a melhoria do bem estar do homem. Pois as transformações são permanentes, a sociedade estará sempre imersa nestas crises geradas pelas transformações tecnológicas e mudanças dos paradigmas, e cabe ao homem o comando do processo, pois, como disse Hanna Arendt já em 1974, quando a modernidade ainda iniciava seu curso de transformação que hoje aqui estudamos, sobre a necessidade do homem de reencontrar a sua atividade do pensar:

“Or nous vivons, à l’âge moderne, l’usure de la tradition, la crise de la culture. Il ne s’agit pas de renouer le fil rompu de la tradition, ni d’inventer quelque succédané ultra-moderne, mais de savoir s’exercer à penser pour se mouvoir dans la brèche.”¹²⁹

Assim foi em todos os momentos de avanço das técnicas, assim foi quando os moinhos de água começaram a girar na Toscana e os moinhos de engenhos

¹²⁷ Ver subcapítulo 4.4 deste texto.

¹²⁸ Ver subcapítulo 3.5 deste texto.

¹²⁹ “E então vivemos, na idade moderna, a usura da tradição, *a crise da cultura*. Não se trata de renovar o elo rompido da tradição, e nem de inventar algum substituo ultramoderno, mas do saber se exercitar a pensar para se mover por entre a brecha.” (tradução nossa). ARENDT, Hanna. **La crise de la culture**. Gallimard : Paris, 1972.

começaram a produzir as farinhas no interior do Brasil, assim foi quando os arados começaram a ser puxados e também quando os novos tonéis de aço que, ao melhor processar a sua fermentação, tornaram possível que os vinhos das regiões europeias chegassem a todo mundo levando a boa imagem de sua qualidade e de suas tradições culturais. As redes de informação de hoje, que alteraram definitivamente as estruturas da comunicação no planeta, são os tonéis de aço que permitem que a informação nos chegue a qualquer lugar.

E se as identidades se transformam agora, se elas perdem valor no meio da múltipla oferta de identidades disponíveis, que não se lute contra o porvir, mas que se aprenda a dominá-lo. Pois a transformação das identidades redesenhou sua morfologia em uma estrutura de pequenas e múltiplas novas células de expressão, tal qual os nós da grande rede. Sendo estas células compostos heterogêneos que se misturam infinitamente (formando um grande manto homogêneo), esta mistura poderá, por isto mesmo, passar a ser impermeável, ou seja, sua existência poderá permanecer intacta se redistribuída na memória do público de forma coerente com os novos fluxos de distribuição de significados. A meta-narrativa da pós-modernidade deve ser reescrita para fluir simultaneamente pontual e esparsa pelos espaços dos fluxos, deve ser ainda mais criativa e completa para manter-se atrativa pelo seu forte conteúdo, e sim deve manter-se designadora de uma região, porém, deve pertencer a todo o globo, a todas as identidades culturais, sem exclusão, e não mais ser uma posse estática e rígida de um único espaço lugar. Assim, mais uma vez, poderá ser a tecnologia, como ferramenta da aplicação do pensamento do homem, a promover a preservação da memória do homem e das tradições do território.

O dinamismo da expressão suplantou a inércia estática do conforto do pertencimento. O abrigo seguro da sombra da modernidade deve agora acompanhar o movimento do sol, e as opções são claras, o reagrupamento deve ser feito através da valorização do conteúdo intrínseco das idéias expressadas, e não importa mais se estas idéias virão daqui ou de lá, desde que sejam mais do que estéticas do conforto e se tornem realmente capazes de se modelar estruturalmente mais fortes, para que possam atingir as camadas mais internas

da semiosfera, para que consigam usar seus valores mais nobres para penetrar mais profundamente nas memórias coletivas ou individuais do sujeito da era da informação, seja este sujeito aquele que está ao seu lado ou aquele que está muito distante.

Afinal, não existimos senão na memória dos outros.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Chris. **The long tail**. Random House Business Books : London, 2006.

ARENDT, Hanna. **La crise de la culture**. Gallimard : Paris, 1972.

AUGÉ, Marc. **Non-Lieux – Introduction à une anthropologie de la surmodernité**. Paris : Éditions du Seuil, 1992.

AUGÉ, Marc. **The war of dreams**. London : Pluto Press, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **Pourquoi tout n'a-t-il pas déjà disparu?** Paris: Éditions de L'Herne, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. São Paulo: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid modernity**. Cambridge : Polity Press, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Postmodern ethics**. New Jersey: John Wiley & Sons, 1993.

BECELLONI, Giovanni. **Il silenzio e il rumore**. Firenze : Mediascape, 2004.

BECELLONI, Giovanni. **Svolta comunicativa – Sette lezioni**. S.Angelo in Formis, Italia: Ipermedium Libri, 2007.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru, SP : Edusc, 1999.

BRUNS, Axel. **Blogs, wikipedia, second life, and beyond: from production to produsage**. New York : Peter Lang, 2008

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo : Ex-Libris, 1984

CASTELLS, Manuel. **A era da informação - O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999, v.2.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de janeiro : Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **La era de la información – La sociedad red**. 3ed. Madrid : Alianza Editorial, 2005, v.1.

CAUNE, Jean. **Culture et Communication**. Grenoble : Presses Universitaire, 2006

ELIADE, Mircea. **Le sacré et le profane**. Gallimard : Paris, 1965.

GOFFMAN, Erving. **Les cadres de l'expérience**. Paris : Les Editions de Minuit, 1991.

GUBERN, Román. **Del bisonte a la realidad virtual**. Barcelona : anagrama, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2006.

KOOLHAAS, Rem. **Junkspace**. Macerata, Italia : Quodlibet, 2006.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera – Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid : Ediciones Cátedra, 1996, v.1.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera – Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madrid : Ediciones Cátedra, 1998, v.2.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera – Semiótica de las artes y de la cultura**. Madrid : Ediciones Cátedra, 2000, v.3.

MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007.

MCLUHAN, Marshall, POWERS, B.R. **La aldea global**. 5.ed. Barcelona : Gedisa, 2005

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **Le paradigme perdu: la nature humaine**. Paris : Éditions du Seuil, 1973.

OLIVESI, Stéphane (dir.). **Sciences de l'information et de la communication**. Grenoble : Presses Universitaire, 2006.

PASSERON, Jean-Claude. **Le raisonnement sociologique**. Paris : Albin Michel, 2006

PERNIOLA, Mario. **Del sentire**. 2.ed. Torino : Einaudi, 2002

PERNIOLA, Mario. **Il sex appeal dell'inorganico**. 2.ed. Torino : Einaudi, 2004

PINE II, B. Joseph, GILMORE, James H. **The experience economy**. Boston : Harvard Business School Press, 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5.ed. São Paulo : Edusp, 2004

TOMLINSON, John. **The culture of speed**. London : Sage Publications, 2007

WEBGRAFIA

ADORNO, Theodor. A filosofia muda o mundo ao manter-se como teoria. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. n.60, 2003. Entrevista à revista Der Spiegel. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>, acessado em 28, ago. 2009.

ANDERSON, Steve. Rise of the “produser”. **The Tyee**. 06 jul. 2009. Disponível em: <<http://thetyee.ca/Mediacheck/2009/07/06/Produser/>>, acessado em 08 ago. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. A utopia possível na sociedade líquida. **Revista Cult**. Entrevista a Dennis de Oliveira. 03 ago.2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br>>, acessado em 08 ago.2009.

BAUMAN, Zygmunt. O triplo desafio. **Revista Cult**. 03 ago. 2009. Disponível em: < <http://revistacult.uol.com.br>>, acessado em 08 ago.2009.

BEIGUELMAN, Giselle. Companheirnomias. 02, set. 2006. **Trópico**. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2779,1.shl>>, acessado em 15, jan. 2009.

BEIGUELMAN, Giselle. O ovo da serpente 2.0. 22, mai. 2008. **Trópico**. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2979,1.shl>>, acessado em 15, jan. 2009.

BRUNS, Axel. From production to produsage: research into user-led content creation. **Produsage**. Disponível em <<http://produsage.org/>>, acessado em: 31 jul. 2009.

BUONANNO, Milly. The age of television – Experiences and theories. Bristol : Intellect, 2008. **Google Books**. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>, acessado em 09 ago. 2009.

CAVE, Stephen. Fall of fame. **Financial Times**. 24,jan.2009. Disponível em: < <http://www.ft.com>>, acessado em 10,fev.2009.

COMSCORE. **Media Metrix**. Disponível em:

<http://www.comscore.com/Press_Events/Press_Releases/2009/1/Global_Internet_Audience_1_Billion>, acessado em 24 ago 2009.

ECO, Umberto. Sobre a efemeridade das mídias. **UOL Notícias – New York**

Times. 26, abr. 2009. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/blogs-colunas/colunas-do-new-york-times/umberto-eco/2009/04/26/ult7202u4.jhtm>>, acessado em 27, abr. 2009

GORLICK, Adam. **Media multitaskers pay mental price, Stanford study shows**. Stanford University, 24 ago. 2009. Disponível em

<<http://news.stanford.edu/news/2009/august24/multitask-research-study-082409.html>>, acessado em 26 ago. 2009.

GORLICK, Adam. Media multitaskers pay mental price, Stanford study shows.

Stanford University, 24 ago. 2009. Disponível em:

<<http://news.stanford.edu/news/2009/august24/multitask-research-study-082409.html>>, acessado em 26 ago. 2009.

HARTLEY, John. Chi viaggia ha delle storie da raccontare. **International**

Journal of Communication 3. 2009. Review over Milly Buonanno, *The Age of Television: Experiences and Theories*. Bristol, UK: Intellect Books. Disponível em: <<http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/viewFile/479/317>>, acessado em 08 ago. 2009.

KEIM, Brandon. Digital overload is frying our brains. **Wired Science**. 06, fev.

2009. Disponível em:

<<http://www.wired.com/wiredscience/2009/02/attentionlost/>>, acessado em 10, fev. 2009.

LÉVÊQUE, Michel. **Le thiboniste**, 2007. Disponível em:

<<http://lethiboniste.blogspot.com/2007/02/quest-ce-que-lhorizon-dattente.html>>, acessado em: 30 jul.2009.

LYOTARD, Jean-François. The postmodern condition – A report on knowledge.

Marxists Internet Archives. The Postmodern Condition. Manchester :

Manchester University Press, 1984. Disponível em:

<<http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/lyotard.htm>>, acessado em 20 jul. 2009.

MARINHO, Luiz Alberto. 5 grandes rituais da vida moderna – somos mais parecidos do que se imagina. **Blue Bus**. 17, abr.2009. Disponível em: <http://www.bluebus.com.br/show/2/90010/5_grandes_rituais_da_vida_moderna_somos_mais_parecidos_do_que_se_imagina>, acessado em 17, abr. 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La sociedad actual produce los objetos con una obsolescencia más rápida; todo está hecho para ser desechado velózmente**. Disponível em: <<http://www.revistateina.com/teina/web/Teina4/dossiermartinbarbero.htm>>, acessado em 04 set.2009.

MILLER, Claire Cann. 'Hyperlocal' web sites deliver news without newspapers. **New York Times**. 12, abr.2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>, acessado em 15, abr. 2009.

MILLER, Claire Cann. Putting twitter's world to use. **New York Times**. 13, abr.2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>, acessado em 15, abr. 2009.

ROCA, Adolfo Vásquez. Modernidad líquida y fragilidad humana; de Zygmunt Bauman a Sloterdijk. **Revista Almiar**. Fev./mar. 2008. Disponível em: <http://www.margencero.com/articulos/new/modernidad_liquida.html>, acessado em 08 ago. 2009.

SLOW FOOD BRASIL, **Bem-vindo ao slow food Brasil!** Disponível em <<http://www.slowfoodbrasil.com/>>, acessado em: 20 ago.2009.

SMITH, Tom. Why big brands struggle with social media. **Mashable – The social media guide**. 20, fev. 2009. Disponível em: <<http://mashable.com/2009/02/20/big-brands-social-media/>>, acessado em 21, fev.2009.

UEXKÜLL, Thure Von. A teoria do umwelt de Jakob Johann von Uexküll. In: **The Semiotic Web** 1988, Thomas Sebeok (ed.), Berlim-Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1989 (col. Approaches to semiotics, 85). Disponível em

<http://leandrosalvador.com.br/html/textos/academicos/semiotica/umwelt_uexkull.pdf>, acessado em 08 ago.2009.

UNITED NATIONS. Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat. **World Population Prospects: The 2006 Revision and World Urbanization Prospects: The 2007 Revision.** Disponível em: <<http://esa.un.org/unup>>, acessado em 29 ago. 2009.

UNITED NATIONS. Relatório **International Migration 2006** da ONU, em <http://www.un.org/esa/population/publications/2006Migration_Chart/2006IntMig_chart.htm>, acessado em 16/08/2009.